

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL  
EM PATRIMÔNIO CULTURAL

Nastaja Cassandra Zamberlan dos Santos

**LEITURAS SOBRE EXPRESSÕES HOTELEIRAS EM SANTA  
MARIA (1882-1930)**

Santa Maria, RS 2019



**Nastaja Cassandra Zamberlan dos Santos**

**LEITURAS SOBRE EXPRESSÕES HOTELEIRAS EM SANTA MARIA  
(1882-1930)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito ao Exame de Qualificação para obtenção do título de **Mestre em Patrimônio Cultural**.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Ribeiro

Santa Maria, RS  
2019



**Nastaja Cassandra Zamberlan dos Santos**

**LEITURAS SOBRE EXPRESSÕES HOTELEIRAS EM SANTA MARIA  
(1882-1930)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito ao Exame de Qualificação para obtenção do título de **Mestre em Patrimônio Cultural**.

**Aprovado em 7 de junho de 2019:**

---

**Marcelo Ribeiro, Dr. (UFSM)**  
(Presidente/Orientador)

---

**Mônica Pons, Dr.<sup>a</sup> (UFSM)**

---

**Caroline Ceretta, Dr.<sup>a</sup> (UFPEL)**

Santa Maria, RS  
2019



## DEDICATÓRIA

Esta dissertação é dedicada à melhor pessoa que fez e parte da minha vida, minha mãe, Nara Rejane Zamberlan dos Santos (*in memoriam*).

Obrigada por me fazer acreditar em mim.

Te amo eternamente.



## **AGRADECIMENTOS**

Esta pesquisa teve o apoio e suporte de muitas pessoas, meus pais, amigos e professores, que acreditaram em mim e na temática do trabalho. Acredito que o maior receio, quando chegamos no final de uma etapa tão importante como esta, seja de esquecer de agradecer a todos que estiveram presente nesta jornada.

- Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por ter me dado força para seguir em frente, diante de tantos obstáculos que tive de passar e superar;
- Aos meus pais, pelo incansável apoio, suporte e amor;
- Ao professor Dr. Marcelo Ribeiro, que, apesar de todos os impasses que tive, esteve ao meu lado, me passando confiança e compreensão durante essa jornada;
- Aos demais professores, meu eterno agradecimento e gratidão;
- Aos amigos de prontidão, que sempre acreditaram em mim e me deram apoio, força, fé e foco.
- Também agradeço à equipe do Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria e da Casa de Memória Edmundo Cardoso, por sempre estarem dispostos a contribuir para que esta pesquisa fosse realizada.
- À Universidade Federal de Santa Maria, por proporcionar aulas incríveis com professores capacitados, minha eterna gratidão.

Enfim, a todos que contribuíram de alguma forma sempre especial para que mais esta etapa da minha jornada pudesse ser concretizada.



## RESUMO

### LEITURAS SOBRE EXPRESSÕES HOTELEIRAS EM SANTA MARIA (1882-1930)

AUTORA: Nastaja Cassandra Zamberlan dos Santos

ORIENTADOR: Marcelo Ribeiro

Em 1885, com a chegada dos trilhos no município de Santa Maria RS, o cenário econômico e social inicia uma nova realidade. Devido à sua posição geográfica, Santa Maria se torna uma referência, atuando como um entreposto comercial e de deslocamento de pessoas. Considerada um importante entroncamento ferroviário, a estação férrea se tornou responsável pelo centro do movimento urbano. A partir desse contexto, esta dissertação tem como objetivo geral verificar, por meio de uma abordagem histórica, documental e fotográfica, os empreendimentos hoteleiros no período relativo ao final do século XIX e início do século XX. A criação de um blog como produto do Mestrado Profissionalizante, corrobora para o resgate da memória e identidade do município. Como objetivos específicos buscou-se a identificação dos principais hotéis no período correspondente ao recorte (1882 a 1930), assim como sua localização, período de ascensão e o fim desses meios de hospedagem. A metodologia se constituiu de pesquisas com fontes em jornais da época, assim como em livros sobre a história local. Outro instrumento utilizado foi a história oral, ferramenta de grande importância na pesquisa, na qual depoimentos de ex-ferroviários historiadores e demais entrevistados rememoram o passado do município por meio de entrevistas semiestruturadas. Ademais, foi usado a técnica *snowball*, ou bola de neve, na qual se utilizam cruzamentos de entrevistas com os atores sociais cuja característica são os participantes iniciais indicarem novos participantes, os quais, por sua vez, indicam novos participantes e assim sucessivamente até que seja alcançado o objetivo proposto – o “ponto de saturação” –, que é atingido quando os novos entrevistados passam a repetir os conteúdos já obtidos em entrevistas anteriores, sem acrescentar novas informações relevantes. Apoiada em referências teóricas como Patrimônio Cultural, Turismo e Hotelaria, Memória e Hospitalidade, o trabalho se propõe a ser um exercício de rememoração para identificar e mapear os antigos hotéis de Santa Maria, município localizado na Região Central do RS. Por fim, elaborou-se um blog (produto) para dispor das informações culturais resgatadas no estudo, distribuídas em pequenos posts e apoiada com fotografias.

**Palavras-chave:** Meios de Hospedagem. Memória. Patrimônio. Viação Férrea. Registro Histórico.



## ABSTRACT

### REVISITING HOTELS HISTORIES IN SANTA MARIA (1882-1930)

AUTHOR: Nastaja Cassandra Zamberlan dos Santos  
ADVISOR: Marcelo Ribeiro

In 1885, with the arrival of the rails in the city of Santa Maria RS, the economic and social scenario began a new reality. Due to its geographical position, Santa Maria became a reference, acting as a place for people buying and traveling. Considered an important railway track, the railway station was responsible for the core of the urban movement. From this context, this dissertation aims to verify, through a historical, documentary and photographic approach, the hotel developments in the period related to the end of the 19th century and beginning of the 20th century. The creation of a blog as a Professional Master's Degree product, corroborates the rescue of memories and identities of the city. As specific objectives, this study aimed the identification of the main hotels in the period corresponding to 1882 to 1930, as well as their location, period of ascension and end of these means of lodging. The methodology consisted of researches in newspapers of the time, as well books on local history. Another instrument used was oral history, a tool of great importance in the research, in which testimonies of former railway historians and other interviewees recall the past of the city through semi-structured interviews. In addition, snowball sampling was used, in which interviews with social actors whose characteristic is the initial participants indicate new participants, which, in turn, indicate new participants and so on until it is reached the proposed goal – the “saturation point” –, that is reached when the new interviewees begin to repeat the contents already obtained in previous interviews, without adding new relevant information. Based on theoretical references such as Cultural Patrimony, Tourism and Hospitality, Memory and Hospitality, this study proposes to be a remembrance exercise to identify and map the old hotels of Santa Maria, a city located in the Central Region of RS. Eventually, a blog (product) was prepared to offer cultural information retrieved in the study, distributed in small posts and supported with photographs.

**Keywords:** Means of Lodging. Memory. Patrimony. Railway Track. Historical Record.



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Locais de acesso às fontes documentais (jornais, anuários, revistas entre outros) .....	54
Quadro 2 –	Profissão e idade dos entrevistados .....	56
Quadro 3 –	Fatos e dados urbanos, sociais e culturais no município de Santa Maria (RS), relativo ao período 1882-1930 .....	60
Quadro 4 –	Hotéis de menor expressão referidos em veículos de comunicação de Santa Maria .....	67
Quadro 5 –	Lista dos principais hotéis e respectivos proprietários de 1882 a 1930 .....	72



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Localização do município de Santa Maria, RS .....	47
Figura 2 –	Localização da Estação da Gare de Santa Maria/RS e seu entorno .....	48
Figura 3 –	Esquema representativo da condução da coleta de dados a respeito dos estabelecimentos hoteleiros, Santa Maria, RS .....	50
Figura 4 –	Esquema representativo da condução na coleta de dados com o público do entorno dos estabelecimentos hoteleiros, Santa Maria, RS .....	51
Figura 5 –	Representação da cadeia na técnica <i>snowball</i> .....	53
Figura 6 –	Estabelecimento da hotelaria em Santa Maria no período de 1882-1930 .....	58
Figura 7 –	Hotéis criados no período entre 1882 e 1930 em Santa Maria, RS .....	59
Figura 8 –	Notícias relacionadas a exposições e festas em Santa Maria, veiculadas pelos jornais <i>A Tribuna</i> (1910) e <i>Diário do Interior</i> (1914), respectivamente .....	65
Figura 9 –	Informativo da Viação Férrea de Santa Maria e registro de excursionistas ( <i>Diário do Interior</i> , 1914) .....	66
Figura 10 –	Anúncio publicitário Hotel Democrata ( <i>O Estado</i> , 1899) .....	68
Figura 11 –	Aviso de inauguração da Pensão Rosa ( <i>Diário do Interior</i> , 1913) .....	68
Figura 12 –	Aviso dos serviços e anúncio publicitário da Pensão Moderna ( <i>Diário do Interior</i> , 1914) .....	69
Figura 13 –	Divulgação de abertura do Hotel Roma, e propaganda (1914) ...	69
Figura 14 –	Notícias da Pensão Henke, divulgando o mocotó sábado às 12 horas e a noite apresentação de uma orquestra ( <i>Diário do Interior</i> , 1915) .....	70
Figura 15 –	Anúncio de abertura da Pensão Oriental, e propaganda ( <i>Diário do Interior</i> , 1915) .....	70
Figura 16 –	Notícias sobre Hotel Colombo e propaganda ( <i>Diário do Interior</i> , 1920 e 1921) .....	71
Figura 17 –	Anúncio publicitário da Pensão Nova ( <i>Diário do Interior</i> , 1928) .	71
Figura 18 –	Anúncio publicitário do Hotel Intencional ( <i>Diário do Interior</i> , 1928) .....	71
Figura 19 –	Anúncio de inauguração de um novo hotel ( <i>Diário Interior</i> , 1930)	72
Figura 20 –	Comunicado de inauguração de mais um hotel localizado na Avenida Rio Branco ( <i>Diário do Interior</i> , 1927) .....	72
Figura 21 –	Sr. Léon Berthaud (identificado com o gorro de cozinheiro) com convidados no Hotel dos Viajantes .....	74
Figura 22 –	Fachada do Hotel dos Viajantes .....	75
Figura 23 –	Casarão que abrigava o Hotel dos Viajantes/Léon demolido na década .....	75
Figura 24 –	Exposição de artigos de porcelanas no Hotel Léon (1913) .....	78
Figura 25 –	Atendimento médico no Hotel dos Viajantes (1915) .....	78
Figura 26 –	Fachada do Hotel Léon, data da foto não especificada .....	79
Figura 27 –	Anúncio Publicitário .....	80
Figura 28 –	<i>Diário do Interior</i> , de 1916 .....	80
Figura 29 –	Menu dominical do Hotel Leon, em 1918 .....	81

Figura 30 –	<i>Diário do Interior</i> , de 1921 .....	82
Figura 31 –	Registro de venda do Hotel Leon ( <i>Diário do Interior</i> , 1922) .....	83
Figura 32 –	Anúncio a respeito dos predicados do Hotel Leon ( <i>Diário do Interior</i> , 1922) .....	83
Figura 33 –	Jeronymo Schettini novo proprietário do Hotel Leon ( <i>Diário do Interior</i> , 1928) .....	84
Figura 34 –	Anuário de Santa Maria 1938 .....	84
Figura 35 –	Anúncio Publicitário do Hotel Duque de Caxias (antigo Hotel dos Viajantes/Leon) .....	85
Figura 36 –	Vista da Rua Venâncio Aires com destaque ao Hotel Kröeff .....	86
Figura 37 –	Construções da Rua Venâncio Aires .....	87
Figura 38 –	Registro de um dos quartos do Hotel Kröeff e, em destaque, os proprietários, Srs. Olivio Kröeff e Henrique Carnos .....	88
Figura 39 –	Anúncio do Hotel Kröeff ( <i>Diário do Interior</i> , 1913) .....	90
Figura 40 –	Anúncio do Brasil-Hotel ( <i>Diário do Interior</i> , 10/09/1918) .....	91
Figura 41 –	Comunicado dos “novos” proprietários do Hotel Kröeff ( <i>Diário do Interior</i> , 1921) .....	92
Figura 42 –	Nova aquisição do Hotel Kröeff ( <i>Diário do Interior</i> , 1922) .....	92
Figura 43 –	Fachada do Hotel Kröeff ( <i>Diário do Interior</i> , 1928) .....	93
Figura 44 –	Anúncio do Hotel Kreoff ( <i>Diário do Interior</i> , 1928) .....	93
Figura 45 –	Dissolução de sociedade “Hotel Kröeff” ( <i>Diário do Interior</i> , 1928) .....	94
Figura 46 –	Propaganda Hotel Kröeff ( <i>Diário do Interior</i> , 1930) .....	95
Figura 47 –	Registros do processo de demolição Hotel Kröeff, em 1956 .....	95
Figura 48 –	Propaganda do Hotel Bemporat ( <i>A Tribuna</i> , 1910) .....	96
Figura 49 –	Hotel Müller e, ao fundo, Hotel Bemporat, localizados na Av. Rio Branco .....	96
Figura 50 –	Notícia da reabertura do Hotel Alliança ( <i>Diário do Interior</i> , 1913) .....	97
Figura 51 –	Registro de fechamento do Hotel Alliança ( <i>A Tribuna</i> , 1913) .....	98
Figura 52 –	Notícia sobre reabertura do Hotel Alliança ( <i>Diário do Interior</i> , 1914) .....	98
Figura 53 –	Menção ao Hotel e Restaurante Central ( <i>A Tribuna</i> , 1910) .....	99
Figura 54 –	Anúncio da Venda do Hotel e Restaurante Central ( <i>A Tribuna</i> , 1911) .....	100
Figura 55 –	Declaração de compra do Hotel Central ( <i>Diário do Interior</i> , 1914) .....	100
Figura 56 –	Notícias sobre inauguração do Café Guarany ( <i>Diário do Interior</i> , 1914) .....	101
Figura 57 –	Anúncio de serviços de pinturas e decoração ( <i>Diário do Interior</i> , 1914) .....	102
Figura 58 –	Notícias sobre Hotel Central e novo proprietário ( <i>Diário do Interior</i> , 1921) e Anúncio publicitário do Hotel Central ( <i>Diário do Interior</i> , 1921) .....	103
Figura 59 –	Notícias sobre Hotel Central ( <i>Diário do Interior</i> , 1922) .....	103
Figura 60 –	Notícias da venda do Hotel Central ( <i>Diário do Interior</i> , 1923) .....	104
Figura 61 –	Anúncio de venda de hotel ( <i>Diário do Interior</i> , 1928) .....	104
Figura 62 –	Propaganda do Centro Hotel sob nova administração ( <i>Diário do Interior</i> , 1929) .....	105
Figura 63 –	Fachada do Centro Hotel (blog prof. Brenner) .....	105
Figura 64 –	Fachada do jornal <i>A Razão</i> .....	106
Figura 65 –	Divulgação do Hotel Paris no <i>Diário do Interior</i> (1913) .....	106

Figura 66 –	Convite para os bailes no Hotel Paris ( <i>Diário do Interior</i> , 1913 e 1914) .....	107
Figura 67 –	Anúncios publicitários no Guia Geral do Município (1946) .....	108
Figura 68 –	Reportagem a respeito dos hotéis administrados por italianos na cidade .....	109
Figura 69 –	Hotel Pharol/Farol, em 1933 .....	110
Figura 70 –	Notícias sobre a obra do Pharol Hotel, em 1923 .....	110
Figura 71 –	Aviso de funcionamento do Pharol Hotel .....	111
Figura 72 –	Avenida Rio Branco Pharol Hotel .....	112
Figura 73 –	Detalhe da fachada do Hotel Pharol, em 1933 .....	112
Figura 74 –	Fachada atual do antigo Pharol Hotel, atualmente, denominado Samara .....	113
Figura 75 –	Fachada do Hotel Hamburgo .....	114
Figura 76 –	Anúncio de vaga para o Hotel Hamburgo ( <i>Diário do Interior</i> , 1915) .....	114
Figura 77 –	Propaganda do Hotel Hamburgo ( <i>Diário do Interior</i> , 1913) .....	115
Figura 78 –	Propaganda Hotel Hamburgo anunciando novo proprietário ( <i>Correio da Serra</i> , 1924) .....	115
Figura 79 –	Novo Hotel Gabriel .....	116
Figura 80 –	Inauguração Hotel Sete de Setembro (1913) .....	117
Figura 81 –	Rua Sete de Setembro, destaque para os Hotéis Sete e Hamburgo .....	117
Figura 82 –	Anúncio publicitário do Hotel Sete de Setembro ( <i>Diário do Interior</i> , 1913) .....	118
Figura 83 –	Declaração referente a administração do Hotel 7 de Setembro (1916) .....	118
Figura 84 –	Anúncio de venda do Hotel Sete de Setembro .....	119
Figura 85 –	Carteira de identidade para estrangeiro do Sr. João Müller, proprietário do hotel Müller .....	120
Figura 86 –	Lateral do Hotel Kühne .....	121
Figura 87 –	Fachadas frontal e lateral do Hotel Müller .....	121
Figura 88 –	Propaganda publicitárias do Hotel Müller, sob a propriedade de Carolina Müller .....	122
Figura 89 –	Divulgação do Glória Hotel, publicado no <i>Diário do interior</i> em 1930 .....	123
Figura 90 –	Fachada do Hotel Glória .....	123
Figura 91 –	Anúncio publicitário <i>Guia Geral de Santa Maria</i> , em 1938 .....	124
Figura 92 –	Anúncio publicitário do Hotel Glória, publicado no <i>Guia Geral de Santa Maria</i> .....	125



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AHMSM	Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria
COMPHIC	Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural de Santa Maria
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
HO	História Oral
RFFSA	Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima
RS	Rio Grande do Sul
SPHAN	Serviço do Patrimônio Artístico Nacional
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	23
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	29
2.1 PATRIMÔNIO CULTURAL .....	29
2.2 MEMÓRIA E IDENTIDADE .....	32
2.3 HOSPITALIDADE .....	34
2.4 TURISMO E HOTELARIA: ORIGEM E CONCEITOS .....	36
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	47
3.1 RECORTE FÍSICO, HISTÓRICO E TEMPORAL .....	47
3.2 DESCRIÇÃO DA PESQUISA .....	49
<b>3.2.1 História Oral</b> .....	53
3.3 COLETA E TRATAMENTO DOS DADOS .....	54
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	57
4.1 CRESCIMENTO DO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA E A EVOLUÇÃO DOS MEIOS DE HOSPEDAGEM .....	57
4.2 CHEGADAS E PARTIDAS: CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA GARE .....	63
4.3 CARACTERIZAÇÃO DOS HOTÉIS .....	73
<b>4.3.1 Hotel dos Viajantes/León</b> .....	74
<b>4.3.2. Hotel Kröeff</b> .....	86
<b>4.3.3 Bemporat Hotel</b> .....	96
<b>4.3.4 Restaurante e Hotel Central</b> .....	98
<b>4.3.5 Hotel Paris</b> .....	106
<b>4.3.6 Hotel Itália</b> .....	107
<b>4.3.7 Pharol Hotel</b> .....	109
<b>4.3.8 Hotel Hamburgo</b> .....	113
<b>4.3.9 Hotel Sete de Setembro</b> .....	116
<b>4.3.10 Hotel Müller</b> .....	119
<b>4.3.11 Hotel Glória</b> .....	122
4.4 PRODUTO: PROCESSO DE CRIAÇÃO E EXECUÇÃO DO BLOG ...	125
<b>5 CONCLUSÃO</b> .....	128
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	131
<b>ANEXO A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS COM O PÚBLICO DO ENTORNO DOS ESTABELECIMENTOS HOTELEIROS, SANTA MARIA, RS</b> .....	141



## 1 INTRODUÇÃO

A humanidade, desde tempos remotos, adquiriu o hábito de se deslocar pelos mais diferentes motivos, como a própria sobrevivência, o que inclui a caça, a coleta de alimentos e objetos, o comércio e as trocas, a compra e a venda de mercadorias, dentre outros motivos. Devido às distâncias, o grande problema que se impunha eram os locais para pernoitar. Ambiente de repouso, banho e refeições se apresentavam como uma necessidade básica para os itinerantes.

Registros históricos apontados por autores como Andrade (2002) e Pereira e Coutinho (2007) remontam à Grécia Antiga, onde existiam lugares específicos para permitir o repouso, a proteção e a privacidade aos atletas de fora, convidados a participar das cerimônias religiosas e das competições esportivas, que inauguraram os primeiros Jogos Olímpicos. Já no Império Romano, eram disponibilizadas hospedarias constituídas pela estalagem e o estábulo.

Na Idade Média, época de peregrinações religiosas, os peregrinos se deslocavam a locais sagrados em toda Europa e Oriente Médio e, após as longas caminhadas, eram contemplados com o acolhimento em hospitais ou mosteiros, que recebiam esses viajantes para pernoite e alimentação. A hospitalidade monástica, nas palavras de Grinover (2007), considerava a incitação à prece, à meditação e ao silêncio e favorecia a troca de ideias, beneficiando o crescimento dos conhecimentos.

Em outro momento histórico, no Século XIX, período da Revolução Industrial, a concepção de hotel e de hotelaria mudou para uma concepção de não somente abrigar viajantes, mas como um meio de negócios. Entre os grandes pioneiros da hotelaria mundial, destacam-se o suíço Cesar Ritz<sup>1</sup>, o francês Robert Huyot<sup>2</sup> e o norte-americano Conrad N. Hilton<sup>3</sup> (GONÇALVES, 2004).

A hospitalidade considerada como fundamental no ato de acolher pessoas, com cordialidade e receptividade, insere-se num contexto sociocultural à medida que as relações são estabelecidas. Nas palavras de Camargo (2008, p. 19), “a hospitalidade seria toda a forma de encontro entre alguém que recebe e aquele que é recebido”.

---

<sup>1</sup> Cesar Ritz (1850-1918), denominado o Pai da Hotelaria Moderna (REJOWSKI et al., 2005, p. 65) foi o fundador de vários hotéis, com destaque para o Hotel Ritz, em Paris e o Hotel Ritz, em Londres.

<sup>2</sup> Robert Huyot (1908-1993), primeiro Presidente da Cadeia de Hotéis Intercontinental, foi o pioneiro no desenvolvimento de serviços para homens de negócios, utilizando o marketing e sistemas de gerenciamento de maneira inovadora.

<sup>3</sup> Conrad Nicholson Hilton (1887-1979) foi empresário e fundador da rede de hotéis Hilton.

Para o autor, a hospitalidade se transforma em produto, visto ora de forma tangível, ora como serviço, neste caso, como algo intangível, enquanto as reflexões de Gidra e Dias (2004, p. 119) apontam que “embora não exista, e é possível que nem venha a existir, uma definição e um sentido único para o conceito de hospitalidade”. Estudos atuais tendem a demonstrar que o sentido da hospitalidade expressa uma amplitude conceitual a ser desvendada, que ultrapassa a simples definição de hotelaria, que Castelli (2003) estabelece como uma indústria de serviços com características próprias, com o propósito de oferecer hospedagem, alimentação e segurança aos clientes.

A trajetória do município de Santa Maria, com sua privilegiada posição na área central do estado do Rio Grande do Sul, acolheu desde sua criação um fluxo importante de pessoas que aqui se instalaram com comércio e serviços, militares e outros a procura de oportunidades propiciado pelo crescimento local. Um fato de grande destaque e peça de relevância considerada na pesquisa foi a Estação Férrea de Santa Maria, inaugurada em 1885, pela E. F. Porto Alegre – Uruguaiana, que serviu de cenário durante décadas para viajantes de todo o país. Sua importância se justificava por ter se tornado destaque como complexo ferroviário do centro do Rio Grande do Sul, além de ser o maior entroncamento ferroviário, tendo seu apogeu entre 1910 e 1950, permitindo integração e atração regional, somado a uma evolução urbana.

A Rua do Progresso, atual Avenida Rio Branco, representou a via de ligação entre o centro da cidade e a estação férrea e foi o suporte de uma série de empreendimentos voltados à hospitalidade que contemplavam pessoas usuárias desse tipo de transporte, tendo Santa Maria como passagem ou destino final. Sob influência positiva da implantação da ferrovia em 1885, Santa Maria se desenvolveu de forma acelerada, pois, segundo Rechia (2006), “os acontecimentos foram se sucedendo numa velocidade que escapou ao controle paulatino dos detalhes que os registros cronológicos permitem conhecer”, porém, esse processo deixou poucas informações, documentos, relatos, projetando a nova forma de deslocamento e relegando, de certa forma, a presença dos empreendimentos como fundamental importância ao viajante.

A partir dessas elucidações histórico-culturais, despontaram algumas inquietações, reflexões e questionamentos acerca dos meios de hospedagem no município de Santa Maria, RS. Os meios de hospedagem e seu público surgem em

concomitância com a implantação da rede ferroviária ou teriam surgido antes do advento da ferrovia?

Em busca de respostas à proposta central, apoia-se na investigação e identificação dos primeiros estabelecimentos hoteleiros no município de Santa Maria com o mote de reconstruir este período da história, no intuito de reconhecê-los e contribuir para as discussões sobre patrimônio cultural material. A escolha do período que inclui alguns anos antes da chegada da ferrovia se deve ao fato da referência de Marchiori e Noal (2008), “de que o município já contava com um hotel, construído em 1882, considerado o melhor do Estado”, que se manteve por décadas mesmo localizado na área central, somado ao aumento da rede hoteleira da Rua do Progresso e adjacências e, finalmente, o esboço da criação de um novo hotel (Jantzen) para atender um novo público e atividades.

Fundamentada em referências, principalmente de autores locais, como Beber (1998), Marchiori e Noal (2008), Rechia (2006), Foletto (2008), Beltrão (2013) e Belém (1989), a construção do referencial teórico se baseia em explorar informações a respeito dos locais de hospedagem desses viajantes, visto que a dicotomia viação férrea *versus* hotelaria, no final do século XIX e início do século XX representou um fato real. Não existe viagem e turismo sem hospitalidade e essa relação se impôs desde o início da implantação do transporte ferroviário no mundo, fruto do processo industrial que se instaurou.

A respeito da temática – de certa forma, pouco explorada –, fundamenta-se como uma contribuição para um novo olhar diante do cenário hoteleiro urbano e histórico da época e sua relação com o meio social. Partindo-se dessa dialética, almeja-se desenvolver uma pesquisa que contribua para aclarar tal período de certa modo esquecido, porém, rico em histórias e memórias. A escassez de informações a respeito desses empreendimentos hoteleiros faz com que ocorra um afastamento cada vez maior do sentimento de pertença e continuidade histórica, pois não existem sequer placas que indiquem os locais onde existiram hotéis ou dos antigos nomes de ruas onde os hotéis funcionavam.

O passado, embora, por vezes, desprovido da natureza física ou de ruínas que retratem traços da decadência, pode ser um atributo da memória, que alimentaria o presente, organizando-se como uma rota interpretativa, possibilitando entender processos históricos e enriquecendo a visita de habitantes locais e de possíveis visitantes. Apoiada nessas premissas, a pesquisa tem como tema a recuperação da

memória hoteleira no município de Santa Maria, RS, no final do século XIX e meados do século XX, tendo como foco principal a busca das memórias individuais e coletivas relacionadas aos meios de hospedagem em Santa Maria. Para tanto, será realizada uma análise do espaço urbano/social relacionada à Viação Férrea, que referenciou, sustentou e gerou os serviços de hospedagem.

A contar da instalação do núcleo colonizador, por consequência, a urbanização se inicia, com a construção de residências correspondentes às tipologias da época, os estabelecimentos comerciais e de serviços, aliados à ampliação das vias, em especial, a Rua do Progresso (atual Av. Rio Branco), que se impôs como um elo entre o centro e a Estação da Viação Férrea, implantada no final do trajeto no sentido norte da cidade. O transporte de mercadorias se conciliou ao deslocamento de pessoas que faziam de Santa Maria um ponto de passagem ou de destino final. Esse cenário apontou para a necessidade de lugares de hospedagem para esses viajantes, com comodidade e posicionados em locais que lhes permitissem os embarques de forma célere e sem maiores deslocamentos.

O surgimento de prédios que serviam as atividades hoteleiras se fortaleceu com a presença desse modal de transporte, fazendo da Avenida Progresso e adjacências uma referência em hospitalidade que se somavam a outros empreendimentos localizados no centro da cidade. Contudo, o declínio desse agente de integração regional econômico e social se refletiu no enfraquecimento na demanda da ocupação hoteleira, de modo que muitas unidades fecharam suas portas, outras foram negociadas, recebendo novos nomes a partir dos proprietários vigentes, mas muitas se perderem no tempo, sem deixar registros, histórias e memórias.

A hotelaria santa-mariense aponta, num primeiro momento, dois hotéis na cidade e, posteriormente, destaca os atuais. Criou-se, por descuido, falta de interesse ou afeição, uma lacuna que relega seu passado, exatamente no período de poderio do transporte ferroviário. Assim, o presente trabalho busca resgatar dados, fatos e registros que possam suprir, mesmo que de forma tímida, esse período em que os hotéis eram parte do bem receber da cidade.

Esta dissertação tem como objetivo geral verificar, por meio de uma abordagem histórica, documental e fotográfica, os empreendimentos hoteleiros no período relativo ao final do século XIX e início do século XX, de modo a disponibilizar os resultados à sociedade, para que esta possa conhecer, pesquisar, escrever ou reescrever a história dos meios de hospedagem de Santa Maria. Justifica-se a escolha do recorte

temporal pela implantação da Estrada de Ferro com destinação de Porto Alegre a Santa Maria, no ano de 1885, o que possibilitou um crescimento significativo para o município, assim como para a hotelaria.

Os objetivos específicos que guiaram o objetivo geral desta pesquisa foram: identificar os principais hotéis no período de tempo do recorte da pesquisa; verificar a localização dos hotéis; analisar o período de auge e queda da hotelaria em relação as atividades da Viação Férrea; criar um blog (produto do Mestrado Profissionalizante), cujo link esteja disponível junto aos principais portais de informações referentes ao Patrimônio Cultural, a exemplo na página oficial do Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria (AHMSM), com as principais informações, fotos e mapa da localização desses hotéis.

Para atender esses objetivos, o trabalho foi organizado em capítulos com a intenção de proporcionar um entendimento ao leitor da temática proposta. A Introdução apresenta, de forma sucinta, uma percepção sobre a hotelaria mundial, suas origens e evolução. Destaca a chegada da estrada de ferro em Santa Maria, em 1885 e sua importância, como elemento de contextualização para a análise do crescimento hoteleiro na cidade.

Na sequência, o Referencial Teórico, desenvolvido como Revisão de Literatura, apresenta fundamentos e conceitos ligados ao tema referido. Destacam-se os conceitos de Patrimônio Cultural, Memória e Identidade, Turismo e Hotelaria, e Hospitalidade, de forma a embasar a proposta de estudo.

A Metodologia, de caráter qualitativo, descritivo e histórico, baseada em fontes documentais, bibliográficas e fotográficas, fundamentou-se em levantamentos de registros da época sustentados em elementos compartilhados em acervos pessoais e públicos. Ainda como suporte, efetuaram-se entrevistas com moradores do entorno e pesquisadores locais.

No capítulo Resultados e Análises, o universo de informações coletadas durante a fase de levantamento são apresentadas e discutidas. Nessa etapa, os dados são expressos em uma possível ordem cronológica e o aprofundamento dos temas embasou-se no volume de informações obtidas. A análise buscou discutir, relacionar e apresentar as informações compiladas, orientando-as de modo a se constituírem objeto de representatividade e de oclusão de lacunas. Em um subcapítulo da dissertação, foi realizada a apresentação e descrição do produto, originado como proposta de aplicabilidade e componente desta dissertação, que será viabilizado a

partir de informações inseridas em um blog sob o endereço eletrônico de [www.hoteissm.com.br](http://www.hoteissm.com.br), onde serão inseridas informações, curiosidades, localização entre outras informações a respeito dos meios de hospedagem abordados nesta pesquisa.

O capítulo que promove o fechamento, Conclusão, busca atender os objetivos propostos e promover, de forma sucinta, considerações a respeito da pesquisa. A listagem da bibliografia consultada constitui o capítulo Referências. Por fim, no Apêndice, estão inseridos os dados levantados, como fotos antigas, mapas e documentos.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Este capítulo aborda as questões que sustentam o teor dos conteúdos e conceitos que contribuíram para o fomento e entendimento da temática da pesquisa. Está dividido em quatro subseções para compreensão mais focada de cada tema.

### 2.1 PATRIMÔNIO CULTURAL

A Constituição Federal, em seu artigo 216, define patrimônio cultural como os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira (BRASIL, 1988). O patrimônio cultural, segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2013), não se restringe apenas a imóveis oficiais isolados, igrejas ou palácios, mas, na sua concepção contemporânea, estende-se a imóveis particulares, trechos urbanos e até ambientes naturais de importância paisagística, passando por imagens, mobiliário, utensílios e outros bens móveis. Para Silva (2010, p. 36):

A categoria patrimônio é um potente instrumento analítico para entender a vida social e cultural no mundo atual, quando utilizamos o conceito patrimônio cultural. É a dimensão cultural do patrimônio que estamos querendo discutir; ao mesmo tempo em que, e isto se percebe muito pouco, também estamos falando da dimensão patrimonial da cultura.

Segundo Magalhães e Maretti (2012), entende-se o Patrimônio Cultural como lugar de fazeres sociais, espaço privilegiado de conflitos e de constituição de memórias coletivas. Daí a importância da identificação de campos de manifestações simbólicas, fundamentais para a construção da identidade social entendida como múltipla e contraditória em diversos aspectos, mas unitária em outros.

O patrimônio representa um signo com dimensão material e simbólica, produto de atribuição de valor, à medida que tem a capacidade de criar um sentimento de pertencimento e de representar consenso e minimizar a diversidade (FONSECA, 2005). A valorização da memória é de extrema importância para o funcionamento regular de qualquer instituição, conforme Rossatto (2012), pois deve ser visualizada e compreendida como um fator cultural relevante na construção da identidade local, promotora da história e conscientizadora dos seus registros.

A preocupação em salvaguardar o que se denomina patrimônio, conforme Hall (2001, p. 50):

É condição essencial para a manutenção do sentimento de enraizamento do sujeito com o espaço que habita, para a configuração de suas identidades; um modo de construir sentido que influencia e organiza tanto nossas ações, quanto a concepção que temos de nós mesmos.

Nesse sentido, para Castrogiovanni (2000), cabe aos cidadãos ajudarem a construir o espaço urbano e, em suas ações, criarem “marcas urbanas”, que são os sinais e signos incorporados à paisagem, pois a cidade acumula nos seus artefatos o tempo humano. Para Luchiarri (2005), tais marcas refletem a natureza transformada pela ação social, pois as mudanças na postura da sociedade, em relação ao seu patrimônio cultural, revela novos universos simbólicos que perfazem um processo contínuo de alteração de valores.

A memória individual ou de seus registros pode associar lembranças pessoais com momentos urbanos presentes ou passados e, por meio dessas vivências, pode-se recuperar a memória das cidades (ABREU, 1998). Segundo Rocha (2011, p. 33):

A relação entre permanências culturais e representações simbólicas é um processo dinâmico do qual resultam e se reproduzem traços, vestígios materiais e imateriais, ou seja a cultura material, a exemplo dos edifícios, coleções, acervos entre outros, os quais constituem indicativos ou referências para (re)construção da memória social cuja mobilização se faz no presente.

O patrimônio, conforme Poulot (2009), ao mesmo tempo, pela realidade física de seus objetos, pelo valor estético – e, na maioria das vezes, documental e ilustrativo – e também pelo seu reconhecimento sentimental. Sendo assim, as valorizações dadas aos patrimônios são feitas pelos indivíduos ou coletividades, porém, é preciso que se compreenda a importância de se valorizar um patrimônio e reconhecê-lo no seu ambiente de vivência. Para Murta e Goodey (2002), a interpretação do patrimônio significa o processo de aditar valor à experiência do visitante, por meio do fornecimento de informações e representações que enfatizem a história e as características culturais e ambientais de um lugar. Assim, conforme os autores:

Para atingir seus objetivos, a interpretação utiliza várias artes de comunicação humana – teatro, literatura, poesia, fotografia, desenho, escultura, arquitetura – sem todavia se confundir com os meios de comunicação ou equipamentos que lhe servem de veículo para expressar as

mensagens: placas, painéis, folders, mapas, guias, centros, museus, etc. Nada substitui, no entanto, a interpretação ao vivo, quando realizada por guias e condutores sensíveis ao ambiente e às necessidades dos visitantes (MURTA; GOODEY, 2002, p.14).

Assim, a interpretação do patrimônio pode ser definida como: “[...] um processo de adicionar valor à experiência de um lugar, por meio da provisão de informações e representações que realcem sua história e suas características culturais e ambientais.” (MURTA; GOODEY, 1995, p. 19).

A popularização do passado, para Carvalho (2015), como um espetáculo reciclado de lembranças conjuntas vistas por meio de uma nova linguagem reflete a redescoberta de signos ocultos da história, revelados em diferentes momentos. Reinventar o passado significa contá-lo de outra forma, de maneira que possa ser compreendido por todos. Assim, Magnani e Xavier (2010) ressaltam que se alternam as formas de linguagem, reconstroem-se os momentos históricos, projetando-os desde o presente.

O lembrar é uma faculdade que se exerce no presente, tempo em que se constrói a memória, a partir de novos olhares sobre o passado e da renovação das relações com o que dele está integrado ao nosso cotidiano (MAGNANI; XAVIER, 2010, p. 16).

O conceito de patrimônio cultural, segundo Choay (2006, p. 11), traduz-se em:

[...] Expressão que designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum.

Ainda, segundo a historiadora, o patrimônio material não sobrevive, a menos que tenha um espaço garantido no exercício da memória e da cultura de determinada população. Desse modo, “para uma coletividade a convivência constante com o seu passado é o necessário ponto de identificação de suas ações no presente.” (GONDAR; DODEBEI, 2005, p. 47). Assim, a palavra patrimônio, mesmo sendo usada com bastante frequência no dia a dia, tem a sua atribuição de tempos remotos, o que a torna milenar, não fazendo parte de um descobrimento moderno e atual.

## 2.2 MEMÓRIA E IDENTIDADE

A memória, para Candau (2011), é uma elaboração social em permanente construção, corroborado por Halbwachs (2006), que a entende como um fenômeno coletivo e social, submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes. Hall (2011) atribui que as identidades são construídas por meio da diferença e não fora delas, e salienta que a identidade cultural pós-moderna recai sobre a cultura nacional, que vincula o indivíduo à nação, à terra, à cultura local, localizando temporal e espacialmente o sujeito e atrelando-o a esses elementos no que se refere aos processos de identificação.

Porém, Hall (2011) e Canclini (2006) apontam para o caminho de uma hibridização das identidades, que se constituem à semelhança de um mosaico cultural, uma vez que as nações deixam de ser os principais referenciais sobre os quais os processos identitários se apoiam, mas continuam a existir e a oferecer seus discursos culturais para a formação dessas identidades. Assim, tanto memória como identidade são produções discursivas, para Hall (2011), e que existem à medida que ganham forma por meio da linguagem. Isso é complementado por Candau (2011), que aponta que, nessa relação (memória e identidade), a memória intervém na construção identitária, determinando o que será lembrado, como o será e quais significados serão atribuídos, somada à identidade, que também intervém no processo rememorativo.

Sendo a memória considerada um processo social e ativo, Delgado (2006) ressalta que as motivações externas são fundamentais para o sistema de reordenação e releitura de vestígios, resgatando motivações e sentimentos que, outrora, mobilizavam indivíduos, grupos e partidos de forma a construir identidades e perenidade, pois tanto o rememorar induzido quanto o espontâneo são elementos constitutivos das identificações sociais e da produção do próprio conhecimento histórico. Assim, a memória “é construção do passado pautada por emoções e vivências. É flexível e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente.” (FERREIRA, 2000, p. 111).

Os estudos de Maurice Halbwachs (2006) apontam, que na memória coletiva, engloba-se o grupo que é portador da memória, que se consensualiza nas relações de cada um e entre os componentes desse grupo e com ela se identifica. Nesse contexto de relações, são construídas as lembranças que estão impregnadas das memórias, de maneira que, mesmo que não se esteja em presença destas, o lembrar

e as maneiras como se percebe e vê o que cerca o sujeito se constitui a partir desse emaranhado de experiências.

Halbwachs (2006, p. 72) salienta que

a memória individual é influenciada pela coletiva, pois é inevitável que para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente.

A questão central trabalhada por Halbwachs (1925) e citada por Petersen (2006) é que quaisquer que sejam as lembranças do passado que se possa ter – por mais que pareçam resultado de sentimentos, pensamentos e experiências exclusivamente individuais –, só podem existir a partir dos “quadros sociais da memória”. Baseado nas evidências de que memória e identidade são produções discursivas, Canclini (2006, p. 129) entende que “a identidade é uma construção que se narra” e que existe à medida que ganha forma por meio da linguagem, conforme sustenta Hall (2011).

A respeito de memória, Batista e Matos (2014), mencionam que os lugares não são apenas como lugares da história ou de registro histórico, mas lugares de memória, enquanto realidade material, e realidade mental. Nas reflexões de Delgado (2003), tempo, memória, espaço e história caminham juntos, sendo a essência da marca de um tempo, definida pelas ações humanas, pelos valores e o imaginário que amoldam esse tempo e que transformam, podendo as referências espaciais se perderem na dinâmica incessante desse tempo, de modo que os homens perdem seus elos, sua base identitária e a substância de sua história. Nesse sentido, Souza (2014, p.107)

O trabalho de reapropriação do passado se apoia em resquícios a partir do quais o processo de rememoração é realizado. Disso decorre a necessidade de conservar o passado sob a forma de vestígios, relíquias, testemunhos, discursos, isto é, pistas que permitirão a evocação e reconstrução futuras. São, pois, os propulsores do processo memorial, são eles que despertam a memória e fazem emergir as mais intensas imagens do passado.

Conforme Carlos (2007), as relações sociais, realizadas no plano vivido, atestam a concepção de uma rede de significados e também sentidos, que são formados pela

cultura e história civilizadora, produzindo, assim, a identidade. Segundo, Sarlo (2005, p.13),

Del pasado se habla sin suspender el presente y, muchas veces, implicando también el futuro. Se recuerda, se narra o se remite al pasado a través de un tipo de relato, de personajes, de relación entre sus acciones voluntarias e involuntarias, abiertas y secretas, definidas por objetivos o inconscientes; los personajes articulan grupos que pueden presentarse como más o menos favorables a la independencia respecto de factores externos a su dominio. Estas modalidades del discurso implican una concepción de lo social, y eventualmente también de la naturaleza. Introducen una tonalidad dominante en las “vistas de pasado”.

De acordo com Figueiredo (2014, p. 94),

Reconstruir o passado de uma cidade, contido nos centros urbanos, implica em lidar com vários tempos: o da cidade, que se vê, e o da cidade que não se vê, oculta e esquecida; o tempo que passa e o que não passa, do qual é resultado do resto que fica para ser mostrado; o tempo da cidade que se quer, dos desejos, das utopias perdidas e dos projetos não realizados, e o da cidade que se tem, resultante dos fracassos e vitórias. [...] Destas temporalidades, o tempo mais difícil é do esquecimento. Tempo que finge não ter existido, soterrando as lembranças.

O autor ainda faz refletir a respeito da renúncia do passado e as consequências e efeitos dramáticos que isso pode causar para uma cidade, uma região ou um país.

Para Guillaume (1980, p. 45)

Conservar é lutar contra o tempo. Procurar subtrair alguma coisa os efeitos normais da destruição, da perda ou do esquecimento. É também tentar opor-se, tentativa evidentemente sempre coroada de fracasso, àquilo que é a própria essência do tempo, o irreversível. Neste sentido muito lato, a conservação pode aplicar-se em primeiro lugar aos objetos materiais, mas também ao saber, à língua, à cultura, à própria vida.

Sob essa óptica, Batista e Matos (2014) concluem que a cidade, assim como a paisagem, enquanto lugar de memória coletiva, proporcionam a representação local da consistência memorial da cidade e da paisagem.

## 2.3 HOSPITALIDADE

O termo hospitalidade apresenta-se mais extenso e com sentidos variados do que apenas a prestação de serviços relacionados à hotelaria, conquanto seu

envolvimento detém também um relacionamento social. De acordo com Grinover (2002, p. 27),

hoje o conceito de hospitalidade estende-se para além dos limites de hotéis, restaurantes, lojas ou estabelecimentos de entretenimento. Isso implica a necessidade de recorrer a análises de caráter histórico, epistemológico e empírico das ações que são empreendidas na área da hospitalidade.

Essa percepção a respeito da hospitalidade excede tanto as questões ligadas à hotelaria, mas também à própria questão do turismo. Cruz (2002) reitera que a hospitalidade não apenas se limita à oferta de serviços como alimentação e pouso, mas sim a um conjunto de sistemas e condutas, os quais, associados, fortalecem e oferecem o acolhimento e bem-estar ao hóspede/turista. Ainda nesse mote, conforme Dias (2002), o conceito de hospitalidade envolve desde a cidade, infraestrutura, serviços até o lazer dos moradores e visitantes.

Como forma de identificação preliminar a respeito dos múltiplos aspectos acerca da hospitalidade, foram definidas, de acordo com Cruz (2002), quatro dimensões denominadas “natureza da hospitalidade humana”: sociocultural, profissional, política e espacial. O fenômeno sociocultural é praticado por um indivíduo ou por um grupo de pessoas, sendo a sua essência o ato de receber um visitante. Já o profissional diz respeito sobretudo aos serviços criados para receber e atender o hóspede. No caso da hospitalidade de natureza política, esta pode estar relacionada tanto a ações da iniciativa privada como do setor público. A espacial é fundamentada em questões relacionadas com o urbano e o rural, moradores e visitantes.

Spolon (2009), ao citar a obra de Camargo (2004), aponta para as duas categorias de variáveis que definem os domínios, ou seja, as possibilidades de abordagem do tema hospitalidade. Assim, as categorias propostas abrangeriam: (a) as variáveis que identificam os tempos da hospitalidade, reconhecidos como os momentos em que se exercem as práticas sociais inerentes à hospitalidade); e (b) as variáveis que identificam os espaços da hospitalidade, ou seja, os ambientes onde a prática social da hospitalidade se desenvolve.

Em relação aos três grandes domínios, Lashley e Morrison (2004) e Camargo (2004), identificam como social (considerando os cenários sociais, a produção e o consumo); privado (concebendo o espaço doméstico); e comercial (relacionado à atividade econômica). Nas percepções de Camargo (2004, p. 17),

Embora (a hospitalidade) perpassse e seja quase sempre associada espacialmente às três instâncias anteriores, já se vislumbram características específicas dessa hospitalidade, notadamente a ubiquidade, na qual o emissor e o receptor da mensagem são respectivamente anfitrião e visitante, com todas as consequências que essa relação implica.

No desafio de dividir ou reunir os conceitos e permitir uma abordagem interdisciplinar nesse universo cognitivo e especulativo sobre a hospitalidade, destaca-se a presença de um domínio expresso na sua forma de inserção na malha urbana, proposto no diálogo espacial e comercial. Ao abordar a relação entre os edifícios hoteleiros e as cidades, McNeill (2008) defende que as relações que acontecem nos espaços comerciais dedicados à hospitalidade e os edifícios hoteleiros são o *locus* onde são engendradas interações pessoais, sociais e comerciais.

#### 2.4 TURISMO E HOTELARIA: ORIGEM E CONCEITOS

A exemplo de vários autores, Silva (2013) aponta o turismo como um fenômeno social devido à sua importância econômica e à expressiva lucratividade que a atividade concede aos núcleos emissores e receptivos, porém, reflete que seu significado vai além do simples deslocamento de indivíduos e da geração de divisas para localidades turísticas. Dentre os diversos segmentos da atividade turística, Barreto (2002) evidencia o turismo cultural pelo fato de apresentar como seu forte atrativo os aspectos da cultura humana sob o prisma da valorização da história, do cotidiano, dos saberes de uma comunidade, tanto por parte dos visitantes como dos visitados.

A relação entre a cultura e a atividade turística não pode ocorrer sem a necessária compreensão das formas de caracterização e estruturação pertinentes ao segmento. O desenvolvimento desse tipo de turismo deve ocorrer pela valorização e promoção das culturas locais e regionais, preservação do patrimônio histórico e cultural e geração de oportunidades de negócios no setor, respeitados os valores, símbolos e significados dos bens materiais e imateriais da cultura para as comunidades (BRASIL, 2010, p.11).

No que se refere ao conceito de turismo, Padilha (1992 apud ROSE, 2002, p. 2) o define como

um fenómeno social que consiste em el desplazamiento voluntario y temporal de individuos ou grupo de personas que, fundamentalmente com motivo de recreación, descanso, cultura o salud, se trasladan de su lugar de residencia habitual a outro, en el que no ejercen ninguna actividad lucrativa ni remunerada, generando múltiples inter-relaciones de importância social, económica y cultural.

O desenvolvimento do turismo, segundo Molina (2003), pode se basear em três etapas distintas: o pré-turismo ou *grand tour*; o turismo industrial, que se subdivide em três momentos: o turismo industrial primitivo (em sua fase inicial, perdurou até o início da II Grande Guerra Mundial), o turismo industrial maduro (se destacou a partir da década de 1950, principalmente devido ao crescimento das rotas de “sol e praia”); e o turismo pós-industrial (que se delineou na década de 1980, com do avanço tecnológico); e, o pós-turismo. O pós-turismo, nas palavras de Cisne e Gastal (2010) seria um novo paradigma e também uma categoria histórica emergente explicada pelas tecnologias de alta eficiência e fenômenos socioculturais da década de 1990.

No século XVIII, segundo Salgueiro (2002), foram criadas as matrizes dos fluxos de turismo de lazer e cultura denominado o *Grand Tour*, expressão pela qual vieram a ser denominadas as viagens aristocráticas pelo continente europeu, anteriores à gradativa substituição do tempo orgânico pela regulação do tempo e sua divisão em tempo de trabalho e tempo de lazer no mundo moderno sob o capitalismo. A arte era parte essencial da viagem aristocrática, a qual o viajante cultivava tanto contemplando quanto produzindo.

Os destinos e as rotas eram diversos, alguns iam até os Países Baixos e a França. Entretanto, o circuito completo incluía Paris e as principais cidades italianas: Roma, Veneza, Florença e Nápoles. No século XVIII, esse roteiro que durava até três anos, constituía uma grande prova de resistência e coragem, sendo uma prerrogativa eminentemente masculina. (ITO, 2009, p. 53).

Os primórdios das agências de viagens devem-se a Thomas Cook, considerado o pai do Turismo Moderno, sendo apontado por Acerenza (2002) como o primeiro agente de viagens profissional dedicado ao exercício desta atividade em tempo integral. Em uma análise de Tosqui (2007), no decorrer do século XVIII até meados do século XIX, o turismo era principalmente educativo, passando a ser visto como atividade de lazer, apontando a Alemanha e a Suíça com a emergência de grandes empreendimentos hoteleiros.

Durante a Segunda Guerra Mundial, houve uma paralisação do setor, porém, após esse período, o grande progresso econômico e social na Europa e nos Estados Unidos impulsionou o turismo. No final do século XX, o turismo passou a ser fenômeno de massas devido as rápidas mudanças na tecnologia dos transportes, que permitiram o deslocamento de um número maior de pessoas, aliado ao setor hoteleiro, que se tornou mais profissional e adquiriu novas tecnologias, garantindo mais conforto e eficiência aos hóspedes. Considerado um fenômeno complexo,

o turismo cria inter-relações sociais, pois o ser humano é um ser social, produtor de tais relações, e seu contato com outros grupos e indivíduos acarretará a troca de experiências e o conhecimento de novas culturas, beneficiando ambos, o turista e o prestador de serviços. (ROSE, 2002, p. 3).

A periodização da história do turismo remonta à Idade Média e início do século V, na concepção de Lickorish e Jenkins (2000), enquanto Rejowski (2002) e Acerenza (2002) atribuem aos gregos e romanos. Todavia, há concordância entre autores quanto à tecnologia rudimentar reinante à época.

Nos estudos de Müller, Hallal e Ramos (2016), os meios de hospedagem integram os serviços turísticos, juntamente com as agências de viagens, operadoras, restaurantes, transportes e outros, e são imprescindíveis à viabilização do turismo. Mota (2001) destaca que o turismo, a hotelaria e os transportes não podem ser tratados separadamente, ou seja, o turismo não ocorre sem deslocamento e sem hospedagem.

Intrinsecamente ligado à hotelaria, torna-se difícil precisar o início da atividade turística, porém, para Trigo (1991), no teor histórico, o fenômeno turístico teve seu primórdio relacionado com a necessidade de comércio com outros povos, de modo que o turismo de negócios antecedeu o turismo de lazer. Alguns séculos antes da Era Cristã, segundo Gonçalves e Kritz (1998), teve início a criação de espaços destinados, especificamente, à hospedagem, na Grécia Antiga, no Santuário de Olímpia, onde eram realizados os jogos olímpicos. Com o advento da construção de estradas por gregos e romanos, a hotelaria começou a evoluir já que esses povos saíam de seus domínios e necessitavam de abrigos (DIAS, 2005).

Autores divergem a respeito do surgimento da hotelaria. Para Andrade (2000), o maior responsável pelas mais antigas formas de oferta hoteleira é o comércio, a partir das rotas comerciais da Antiguidade na Ásia, África e Europa, que geravam

núcleos urbanos e centros de hospedagem para atendimento aos viajantes. Já para Ismail (2010), a hotelaria teve origem desde os tempos das civilizações da Suméria e do antigo Egito, devido à carência de locais para repouso quando longe de suas casas.

Na visão de Ignarra (2003, p. 3):

Os nobres Romanos viajam longas distâncias exclusivamente para visitar grandes templos. Foram eles que desenvolveram grande capacidade de viagens a longa distância. Chegavam a viajar cerca de 150 km por dia fazendo a troca periódica dos cavalos que puxavam as suas carroças. Ao longo das vias de circulação eram montados postos de trocas de animais, o que permitia vencer grandes distâncias em tempos relativamente curtos. Foi nesses pontos que apareceram as primeiras hospedarias de que se tem notícia. Surgia nessa época a hotelaria como elemento fundamental na viabilização do turismo. As pessoas de mais posses viajavam em liteiras ou em carruagens.

Conforme Ribeiro (2011, p. 16):

Os romanos foram responsáveis pela construção de outros tipos de hospedagens, como a estalagem e o estábulo, destinadas a atender os viajantes que transitavam pelas longas estradas de seu território, com a diferença de que a estalagem alojava os nobres e os oficiais superiores das milícias, enquanto o estábulo servia para proteger plebeus, o gado e os animais de montaria e de carga; os romanos construíram também os balneários, e ofereciam hospedaria para abrigar seus visitantes, e as famosas termas romanas, que dispunham de água quente, instalações grandiosas e cômodos para os usuários descansarem.

Em Roma, regras severas regiam os meios de hospedagem situados em grandes e refinadas *mansiones*, segundo Gonçalves e Kritz (1998), pois os hoteleiros só recebiam os hóspedes que eram recomendados por autoridades por meio de cartas de apresentação, o que não ocorria nas pequenas pousadas que se desenvolviam nos arredores. Essas hospedarias eram numerosas e chegavam a dar nome a certas regiões e a alguns locais de entretenimento.

Por influência dos romanos, a Bretanha, situada na região da Gália, atual França, e vários outros territórios situados na Europa, incorporaram em sua cultura o acolhimento ao hóspede com a presença de pousadas ao longo das estradas. Na Idade Média, a hospedagem era feita em mosteiros e abadias enquanto, no século XII, conforme Gonçalves e Kritz (1998), as viagens na Europa se tornaram mais seguras. A partir de então, diversos países implantavam leis e normas para regulamentar a atividade hoteleira, especialmente a França (século XIII) e a Inglaterra

(século XIV). No ano de 1514 (século XVI), os hoteleiros ingleses foram reconhecidos legalmente, passando de *hostelers* (hospedeiros) para *innholders* (hoteleiros).

O Renascimento representou um grande incentivo às viagens culturais com o deslocamento de professores, artistas e intelectuais (YASOSHIMA; OLIVEIRA, 2005), porém, com o advento do capitalismo, foram criados, junto às estações de águas termais, os *spas*, que somavam o culto à saúde a eventos sociais, bailes, jogos de azar e outras formas de diversão (IGNARRA, 2003). À medida que a história da hospedagem se desenvolvia, inovações começavam a surgir.

Em dado momento, os mantenedores das estalagens começaram a incorporar serviços de alimentos e bebidas às suas operações, o que transformou o processo das viagens. Não era mais necessário carregar os suprimentos que seriam consumidos durante todo o percurso, as pessoas simplesmente precisavam do suficiente para ir de ponto do percurso ao outro. Mais um avanço importante foi o desenvolvimento da rede de estradas que os romanos implantaram por toda a Europa e em regiões da Ásia e da África, que se converteram em rotas rápidas e seguras para os viajantes e, ao cruzarem, estabeleceram novos pontos de intersecção e trechos de viagem. A revolução industrial iniciada em meados do século XVIII criou novos meios de transporte, que também mudaram a maneira de as pessoas viajarem (MONTGOMERY; STRICK, 1995 apud ISMAIL, 2010, p. 45).

A ascensão da hotelaria está fortemente ligada à evolução dos meios de transportes. Segundo Ventura (2010), com o surgimento das ferrovias, em torno de 1840, por 200 anos os meios de hospedagem foram se desenvolvendo quanto à quantidade, mas não à qualidade, tampouco à modernização. Conforme Ismail (2010), o surgimento das estradas de ferro e, mais tarde, do automóvel, teve grande relevância e destaque na história da hospedagem, possibilitando um incremento na distância que poderia ser coberta por um viajante em um único trecho da viagem. Nos estudos de Müller, Hallal e Ramos (2016), os meios de hospedagem integram os serviços turísticos, juntamente com as agências de viagens, operadoras, restaurantes, transportes e outros, e são imprescindíveis à viabilização do turismo. Isso é ressaltado por Mota (2001), que traz que o turismo, a hotelaria e os transportes não podem ser tratados separadamente, ou seja, o turismo não ocorre sem deslocamento e sem hospedagem.

Nas palavras de Pires (2001), porém, inicialmente, os hotéis existentes prendiam-se ao meio de transporte usual, que era a diligência. Na sequência, continuaram a se multiplicar para entender às necessidades dos viajantes que usavam, como meio de transporte, a carruagem, apresentando espaços destinados

para acomodação dos cavalos. Esses locais já possuíam agenciadores de diligências, conforme Gonçalves e Campos (1999, p. 41):

Algumas das maiores pousadas daquele período foram projetadas especificamente para se integrar com esse meio de transporte (carruagem) [...] Dispunham de escritório de reservas e salas de espera; além disso, muitas "estações" possibilitavam ao viajante fazer reservas e comprar passagem de diligências, de várias rotas, a partir da pousada - o Hotel Royal, na Inglaterra, por exemplo, tinha um total de 23 linhas.

O surgimento das primeiras ferrovias nas primeiras décadas do século XIX, na Europa, trouxe como consequência a adaptação dos meios de hospedagem aos novos meios de transporte, o que levou à construção de hotéis e pousadas nas proximidades das estações ferroviárias. Entretanto, Dias (2005) pondera que, com o surgimento das ferrovias, os terminais de trota (relacionados a cavalgadura) e os estábulos que ficavam nas pousadas e velhos estabelecimentos tiveram que se submeter a reformas, e outros surgiram para se integrar ao novo meio de transporte, tornando-se verdadeiros pontos de chegadas e partidas, ainda dispendo-se de salas de espera e pontos de reserva e compras de bilhetes.

Com a evolução dos meios de transportes, Pires (2001) relata que a hotelaria passa a ter conhecimento de desenvolvimento sem precedentes, adaptando-a ao gosto do cliente. Os hotéis, aos poucos, foram inserindo refinamento às acomodações, como água e banheiro em todos os quartos. O autor ainda comenta que:

O protótipo de hotel moderno surgiu, ao que parece, antes mesmo da grande revolução nos transportes e seu desenvolvimento prende-se, num primeiro momento não à estrada de ferro ou ao vapor, mas a um antigo meio de transporte: a diligência. Este foi o "primeiro hotel familiar", aberto por David Low em 1774, na antiga residência do Lord Archer, em *Convent Garden*. Os seis anos posteriores viram um grande incremento nos ancestrais dos hotéis modernos em Londres e em algumas estâncias balneárias inglesas. Mesmo nas estalagens de beira de estrada, para passar uma noite, o viajante podia contar, ao menos com limpeza e algum conforto. (PIRES, 2001, p. 20).

O começo da hotelaria de luxo teve início no final do século XIX, conforme ponderações de Rejowski et al. (2005), com Cesar Ritz (1850-1918). Consoante Ribeiro (2011, p. 18):

Em 1870, o suíço César Ritz implementou o conceito de quarto com banheiro privativo nos hotéis e adotou a uniformização dos funcionários. Em 1898, fundou, na cidade de Paris, o primeiro hotel com o seu nome. De modo geral, Ritz deu início a uma nova forma de organização e gestão dos hotéis idealizando um padrão físico e de serviços que originou as cadeias hoteleiras.

Andrade (2000) aponta que Ritz também foi o responsável por implantar técnicas de relações públicas em hotéis pelo envio de cartas pessoais aos clientes e por introduzir os concertos musicais durante as refeições. A palavra “hotel”, embora não fosse desconhecida no Rio de Janeiro na primeira década do século XIX, a julgar por Pires (2001), talvez não passasse de uma expressão para designar uma modesta estalagem. Nas cidades, era de praxe as cartas de apresentação, recomendação ou portarias de autoridades para que os viajantes pudessem se hospedar.

A atividade hoteleira no Brasil, conforme Pinheiro (2002), despontou a partir de 1808, com a vinda da Família Imperial portuguesa para o Brasil e com a consequente elevação da então Colônia, a categoria de Vice-Reino e residência oficial dos representantes do Império. Um dos estabelecimentos de maior prestígio no Rio de Janeiro na época, devido à sua localização junto aos cais do porto, no Largo do Paço, era o Hotel Pharoux (GUASSO; CARNEIRO; PERON, 2009). Este foi, segundo Boni (2013), o primeiro hotel, com as características atuais, a ser construído no Brasil e também foi o primeiro a ser fotografado.

Na época, os poucos banhos de água doce efetivos, consoante Pires (2001), eram explorados pelos hotéis, como uma forma de ampliar os atrativos aos hóspedes. Em 1859, na relação de serviços prestados no Rio de Janeiro, constavam cinco “banhos públicos”, dois dos quais em hotéis: os “Banhos da Saúde”, no Hotel Pharoux da Rua Fresca e os “Banhos de Dreux”, no Hotel Ravot (PIRES, 2002, p. 61). Isso se justifica, conforme Ismail (2010, p. 56), pois:

A razão principal para a existência de hotéis é a oportunidade de prestar serviços às pessoas. Preencher uma necessidade, quer seja um apartamento por uma noite, uma refeição ou o espaço para realização de uma atividade, é a razão de ser um hotel que existe, em última instância, para atender a pessoas e servi-la.

O estado de São Paulo apresentava um número mais reduzido de hotéis que o Rio de Janeiro, relevando que a presença do nome “hotel” nem sempre oferecia hospedagem, e sim cafés e bilhares. Dentre os hotéis que recebiam os hóspedes, podem ser citados o Hotel Paulistano e o Hotel Universal. Pires (2001) comenta a

pequena aceitação desses estabelecimentos pelos paulistas, conferindo o convívio nesses locais como promíscuo e intolerável, com suspeitas de imoralidade. Porém, com o advento da ferrovia a hotelaria, teve seu crescimento acentuado, pois, em 1889, São Paulo contava com 19 hotéis, sendo considerado de suma importância a inauguração do Grande Hotel, em 1878, de propriedade do suíço-alemão Frederico Glette (PIRES, 2001). Além de ser o primeiro edifício construído especialmente para fins hoteleiros e de ser o pioneiro na arquitetura renascentista da cidade, Dias (2006) afirma que o local possuía candelabros a gás, escadarias em mármore, quartos finamente decorados, além de cozinha e gastronomia de primeira qualidade.

No final da década de 1860, com a chegada do trem, as pessoas que se deslocavam à capital para trabalhar, vender, comprar ou negociar com bancos e outras companhias, hospedava-se nos hotéis e pensões. Assim, Siqueira (2012, p. 346) aponta que

os hotéis eram um “ponto de condensação do transitório”, um lugar onde ficavam as pessoas que passavam pela capital paulista por um dia ou dois – quando estavam em viagem para outros destinos –, por uma semana ou pouco mais – quando vinham por negócios, compras ou em busca de tratamento médico –, e até mesmo os que moravam e trabalhavam em São Paulo, mas residiam nos hotéis porque eram sozinhos ou não tinham renda para manter um domicílio.

No século XIX, outras cidades surgiram como marcos iniciais da hotelaria no Brasil. Nesse sentido, Falcão (2007), em seu livro *História da Hotelaria no Brasil*, aponta o surgimento dos seguintes hotéis: Hotel del Siglo, localizado na Praça da Alfândega, em Porto Alegre (RS), inaugurado em 1870, considerado uma referência para época; Hotel Caxambu, em Minas Gerais, criado em 1881 (hoje tombado pelo patrimônio histórico); Grande Hotel Pocinhos, localizado na Cidade de Caldas, inaugurado em 1886; Palace Hotel, na cidade de Caxambu, de 1897. Esses são alguns exemplos clássicos do início da atividade hotelaria.

Observa-se, segundo Albrecht (1998) e Andrade (2004), que, no início do século XVIII, as hospedarias paulistanas receberam a primeira classificação, por sugestão de um visitante, sendo adotada:

- 1ª Categoria Simples pouso de tropeiro;
- 2ª Categoria Telheiro coberto ou rancho ao lado das pastagens;
- 3ª Categoria Venda, correspondente a pulperia dos hispano-americanos, mistura de venda e hospedaria;
- 4ª Categoria Estalagens ou hospedarias;

5ª Categoria hotéis. (ANDRADE, 2004).

Para Pereira e Coutinho (2007), a hotelaria pode ser considerada uma indústria de bens de serviços, assim, possui suas características próprias de organização e sua finalidade principal é o fornecimento de hospedagem, alimentação, entretenimento, segurança e bem-estar dos hóspedes. Segundo Castelli (2003), quem viaja necessita de hotéis e consome produto hoteleiro. Esse produto deve vir ao encontro dos desejos das e necessidades de segmentos específicos de mercado.

O hotel, como todo equipamento voltado para o setor de serviços, é um produto intangível, percebido como uma experiência que vá ao encontro das necessidades e dos desejos do consumidor, dos anseios dos investidores e das tendências de mercado, com vantagem competitiva sobre os concorrentes (ANSARAH, 2001). Para Cavassa (2001, p. 23):

Não existe um padrão de organização hoteleira comum a todos os estabelecimentos, porém, quando se põe em prática o conjunto de planos ou de políticas formado previamente, diversos fatores, que podem influenciar na implementação do estabelecimento, devem ser considerados: objetivos da instalação, dimensionamento do hotel, localização e entorno, qualidade e antecedente do elemento humano.

Porém, a hotelaria influencia e é influenciada por outros segmentos do ramo turístico, tais como alimentação, transporte, lazer, eventos, entre outros (FRANZEN; REIS, 2010). Nesse sentido, os meios de hospedagem fornecem serviços que possuem características muito particulares em todas as empresas hoteleiras tais como: intangibilidade, inseparabilidade, heterogeneidade e perecibilidade (SOUZA, 2006).

Uma das características de alguns hotéis é possuir uma administração familiar. Caracterizam-se, conforme Dell'Aglio (2006), como empreendimentos independentes, administrados pelos próprios donos, nos quais vários membros da família exercem funções na empresa, sendo que cada família tem estilo próprio na maneira de tomar suas decisões.

Em Santa Maria, nas palavras de Foletto (2008, p. 42),

A ferrovia foi motivadora de um desenvolvimento significativo. Com um fluxo considerável de passageiros, sendo entroncamento de várias linhas, foi surgindo ao redor da estação férrea uma rede hoteleira que buscava servir a esses passageiros (comerciantes, produtores, turistas e outros). Com os

hotéis, veio a instalação de um comércio que buscava resolver os problemas de demanda de mercadorias, de infraestrutura, de alimentos e de cultura.



### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 RECORTE FÍSICO, HISTÓRICO E TEMPORAL

A elaboração da pesquisa se desenvolveu no município de Santa Maria, localizado na Depressão Central do Rio Grande do Sul (Figura 1). A cidade é considerada de porte médio, com expressão regional no campo da educação, comércio, saúde e serviços, notabilizando-se no papel polarizador junto ao seu entorno geográfico.

Figura 1 – Localização do município de Santa Maria, RS



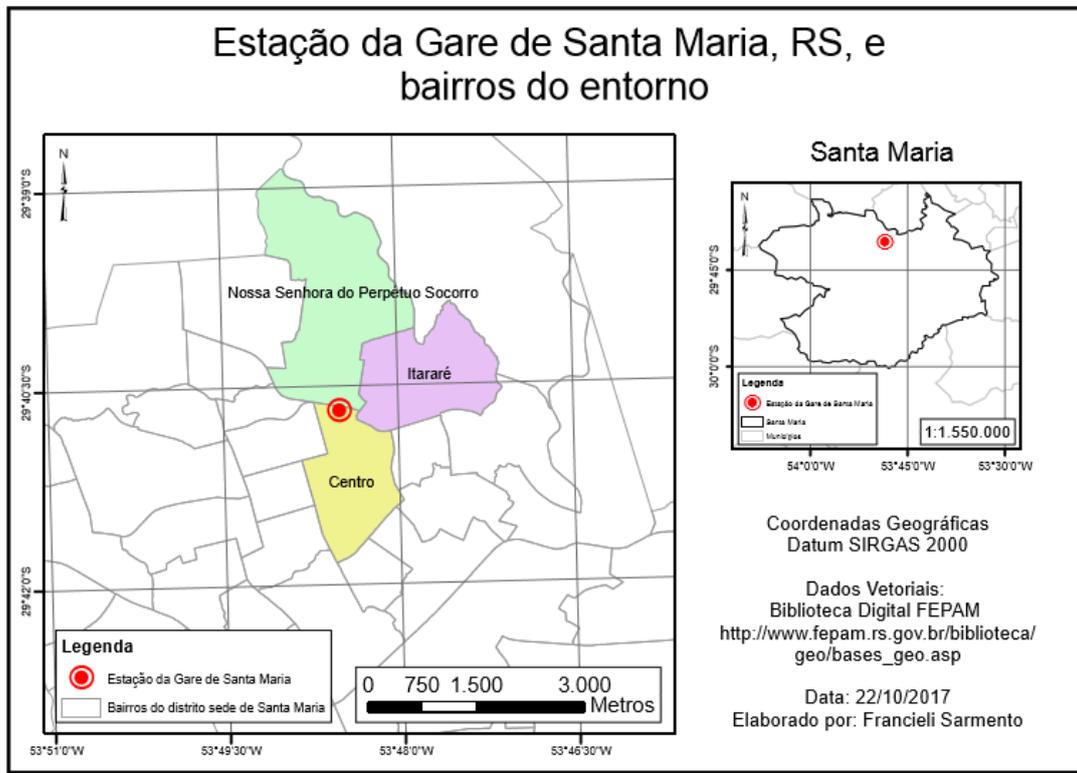
Fonte: <[http://coral.ufsm.br/sementes/imagens/mapa\\_sm.gif](http://coral.ufsm.br/sementes/imagens/mapa_sm.gif)>.

O município e sua sede municipal, a urbe, durante sua evolução, agregou uma série de ruas em sua malha, quais, com o passar do tempo, passaram a receber novas denominações. Na pesquisa desenvolvida, foram utilizados os nomes conhecidos na época e os atuais.

Tomando-se como base o recorte físico a Rua Dr. Bozzano, na esquina com a Rua Floriano Peixoto e suas adjacências até a Gare da Viação Férrea, no final da Avenida Rio Branco, parte integrante do que se denomina “Sítio Ferroviário”, foi investigado o patrimônio edificado relacionado ao ramo hoteleiro.

A Gare está posicionada na extremidade norte da Avenida Rio Branco, tendo uma localização estratégica com o centro da cidade e confrontando com os Bairros Itararé e Perpétuo Socorro (Figura 2).

Figura 2 – Localização da Estação da Gare de Santa Maria/RS e seu entorno



Fonte: Sarmento (2017).

A construção da memória hoteleira edificada apoia-se no recorte temporal, limitando-se ao período de 1882 a 1930 e justificado pela presença de um empreendimento hoteleiro (Hotel dos Viajantes) que antecederia a chegada da Viação Férrea, aliada à sua implantação e o surgimento de um novo período, que se estabeleceu com a construção do Hotel Jantzen, a pedido da municipalidade, com o propósito de conferir qualidade a hospitalidade, e provendo a cidade do primeiro prédio de quatro andares. Para Rossetto (2009), são os acontecimentos que constroem o tempo na história, e não o contrário. As variáveis formam momentos históricos fazendo com que se criem períodos de desenvolvimento diferentes, marcados pela atuação de variáveis semelhantes, porém, modificadas pelos próprios acontecimentos, com o tempo.

O que se pode observar é que o crescimento do tecido urbano de Santa Maria ocasiona novas territorialidades e apropriação dos espaços nas adjacências da estação ferroviária e do complexo ferroviário, hoje denominado “mancha ferroviária”.

A Estação Ferroviária de Santa Maria da Bocca do Monte<sup>4</sup> foi inaugurada em 1885, pela E. F. Porto Alegre-Uruguaiana, sendo composta, em seus primórdios, apenas por uma edificação central de dois pavimentos e um anexo térreo, no sentido leste, a Gare ferroviária. No início da década de 1920, sob a administração da VFRGS (Viação Ferroviária do Rio Grande do Sul), foi construída a plataforma coberta para embarque e desembarque de passageiros (ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS, 2016).

Na virada do século XIX para o século XX, Santa Maria destacava-se como centro comercial, importante entroncamento férreo atuando como um entreposto comercial e deslocando pessoas, sendo a estação férrea o centro do movimento urbano. Nas suas proximidades, foram instalados serviços de restaurantes, lojas de vestuários e utensílios, e principalmente, um grande número de hotéis (SILVA, 2014).

Conforme Grunewaldt (2010), uma série de benfeitorias foram anexadas à malha urbana, como os escritórios da Cia. Belga, as Oficinas, a construção da Vila Belga, Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea, que possuía farmácia, açougue, Escola de Artes e Ofícios, Escola Santa Terezinha, Hospital Casa de Saúde, entre outros.

### 3.2 DESCRIÇÃO DA PESQUISA

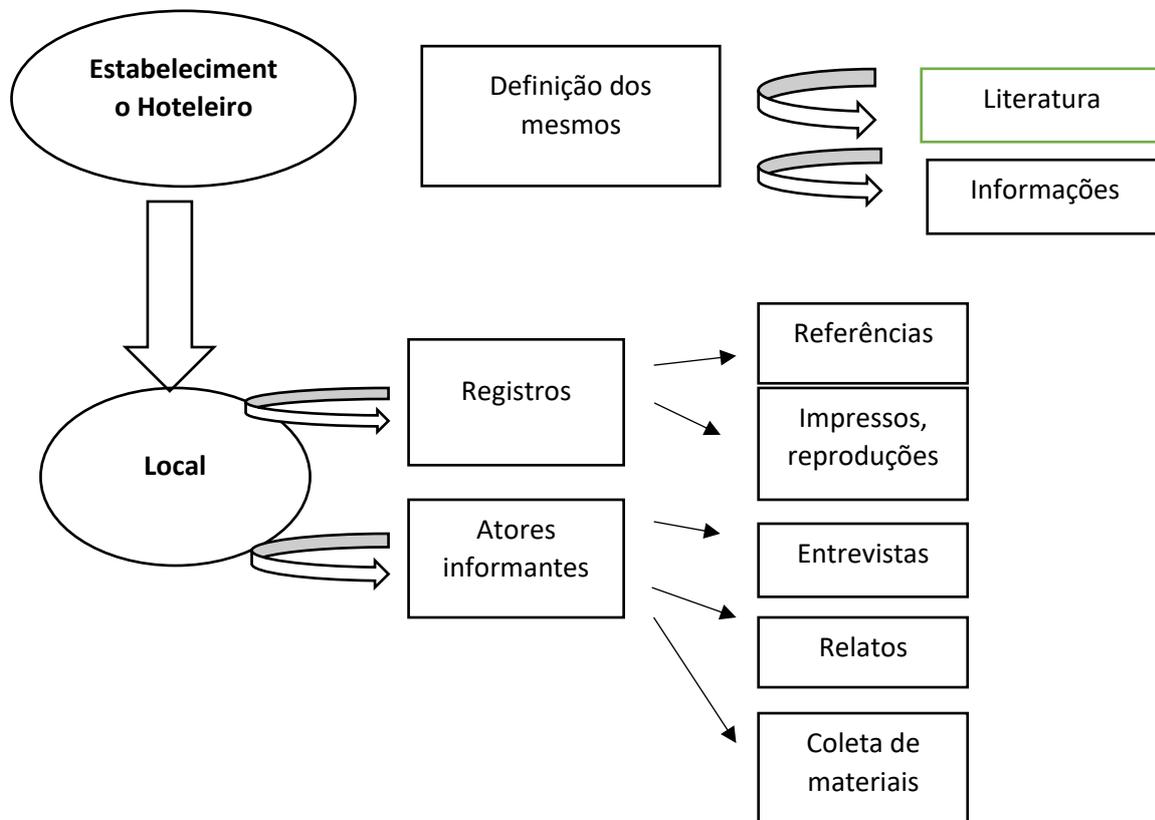
A natureza da pesquisa qualitativa exige, no entendimento de Vieira (2010), um olhar aprofundado do contexto e do local em que é executada e uma interação entre o pesquisador e o objeto. O caráter exploratório proposto segue os pressupostos de Gil (2006), ao evidenciar que esse tipo de pesquisa é realizado, especialmente, quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.

De caráter descritivo, histórico e qualitativa a pesquisa foi baseada em fontes documentais, bibliográficas e fotográficas, como mostra a Figura 3.

---

<sup>4</sup> Grafia extraída do *site* <[http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs\\_marcelino-stamaria/stamaria](http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs_marcelino-stamaria/stamaria)>, que trata das Estações Ferroviárias do Brasil.

Figura 3 – Esquema representativo da condução da coleta de dados a respeito dos estabelecimentos hoteleiros, Santa Maria, RS



Fonte: Elaborada pela autora.

As fontes documentais utilizadas foram os jornais da época, que, segundo Alves (2003), representam uma das mais significativas fontes que tem servido às reconstruções históricas de caráter regional. No olhar de Kreniski e Aguiar (2011), o uso da imprensa como fonte permite a reconstrução dos acontecimentos pelo mais eficaz meio de comunicação, de modo que, durante todo o século XIX, este foi o veículo mais utilizado como disseminador de costumes, atitudes e desejos da sociedade.

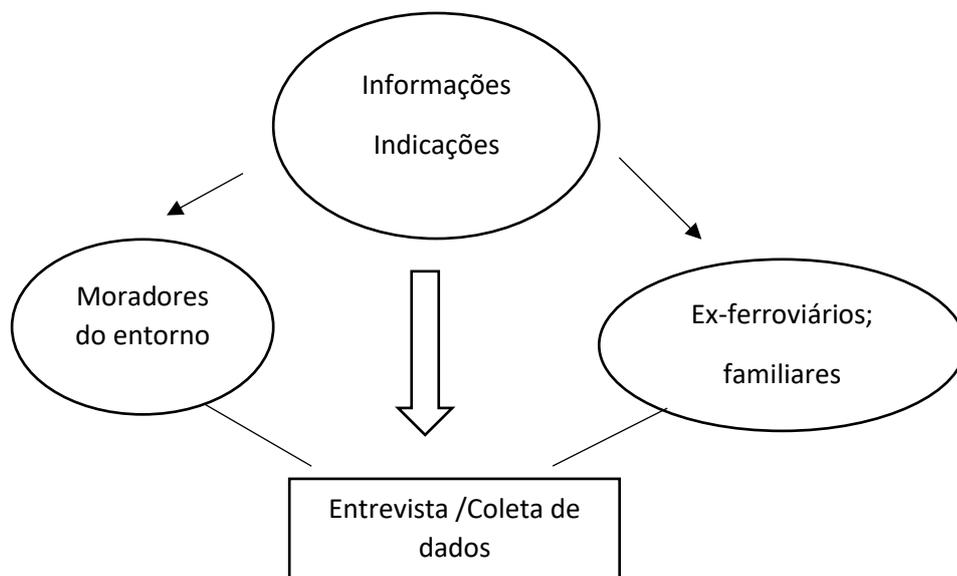
Rechia (2006) relata que, no município de Santa Maria, desde a criação do primeiro periódico, em 1883, circularam 78 diferentes jornais. Para a materialização da pesquisa, foram utilizados alguns de tais veículos, de circulação local e estadual, a saber, com as respectivas datas de criação: A Gazeta do Norte (1883); O Combatente (1897); O Estado (1898); A Razão (1934); e, atualmente, Diário de Santa Maria (2002).

Além de dar suporte à pesquisa, a fotografia também se caracteriza por ser um meio de comunicação capaz de divulgar o produto humano, formado por patrimônios tangíveis e intangíveis de uma comunidade (DROPA; TRZASKOS; BAUM, 2011). Almeida Neto e Gobbi (2014, p. 13) apontam que como criação, documento e obra, “a fotografia permite e faz ver diferentes imagens em suas entre imagens”, além de diversas informações sobre a cidade, entendida como o patrimônio histórico e cultural, as pessoas e relações, seus registros e marcas, memórias e histórias.

No que tange às fontes as bibliográficas, estas se referiram a autores como Belém, Marchiori, Noal, Beber, Rechia, Foletto, Morales. Na busca de informações, foram observadas:

- a) recuperação da memória dos empreendimentos que foram destruídos/demolidos/perdidos;
- b) identificação dos locais dos empreendimentos existentes e seu mapeamento;
- c) levantamento fotográfico;
- d) tomada de depoimentos com historiadores/pesquisadores locais; e,
- e) interlocução com possíveis atores sociais representados por proprietários e/ou herdeiros das propriedades, reproduzida por entrevistas gravadas e transcritas, orientadas por um roteiro pré-estruturado (Figura 4).

Figura 4 – Esquema representativo da condução na coleta de dados com o público do entorno dos estabelecimentos hoteleiros, Santa Maria, RS



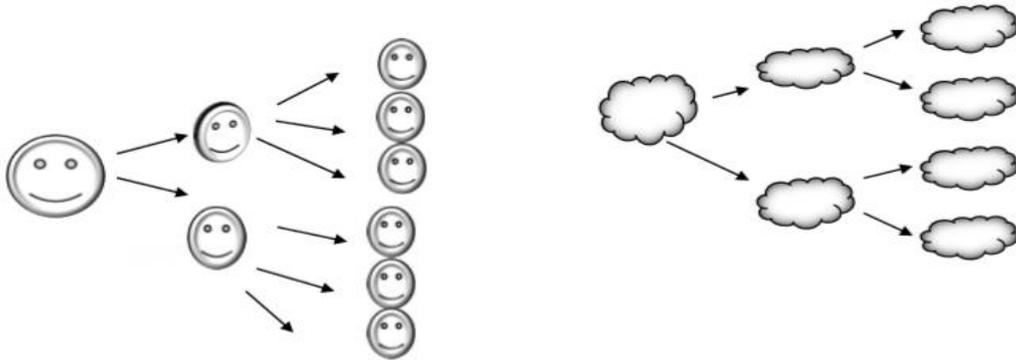
Enquanto técnica de coleta de dados, a entrevista (ANEXO1) é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, sentem, fazem ou fizeram, bem como de suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes (SELLTIZ et al., 1967 apud GIL, 2008). As entrevistas e a prática da história oral são, para Gil (1991), a técnica que envolve duas pessoas numa situação, face a face, em que uma delas formula questões e a outra responde. A história oral trata da obtenção de dados relativos à “experiência íntima” de alguém, a qual tenha significado importante para o conhecimento do objeto em estudo (GIL, 1991, p. 90). A respeito do processo da produção de documentos a partir de entrevistas, Delgado (2006, p. 70) coloca:

É também um método, um meio para a produção de conhecimento, potencializando uma rica visão temporal sobre o passado vivido, sobre o presente para o qual o depoimento está sendo colhido e sobre o futuro, uma vez que o registro de experiências é, na maior parte das vezes, realizado com o desejo de transmissão e perenização de experiência.

A incerteza na determinação da amostragem conduziu a uma forma de amostragem não probabilística, denominada *snowball* (bola de neve), cuja característica são os participantes iniciais indicarem novos participantes, os quais, por sua vez, indicam novos participantes e assim sucessivamente até que seja alcançado o objetivo proposto – o “ponto de saturação” –, que é atingido quando os novos entrevistados passam a repetir os conteúdos já obtidos em entrevistas anteriores, sem acrescentar novas informações relevantes (WORLD HEALTH ASSOCIATION, 1994).

Dada a imprecisão na definição amostral, foi proposto um recrutamento aleatório com poucas pessoas, proposto por Albuquerque (2009), pela dificuldade de localização e comunicação com as pessoas mais, estreitamente, envolvidas. As conduções das entrevistas nessas perspectivas estão representadas na Figura 5.

Figura 5 – Representação da cadeia na técnica *snowball*



Fonte: Albuquerque (2009), adaptada pela autora.

Nas entrevistas com os atores sociais, foram utilizados “filtros”, que Manzato e Santos (2012) classificam como aquelas questões que selecionam o universo a ser pesquisado e organizam os entrevistados segundo características impostas pelo estudo. No estudo, trata-se de: ferroviários, viúvas, donas de casa, proprietário de outros estabelecimentos vizinhos, entre outros.

### 3.2.1 História Oral

A História Oral (HO) é uma metodologia que permite a constituição de fontes históricas e documentais por meio do registro de testemunhos, depoimentos e narrativas. Como afirma Alberti (2008, p.1 55), o uso da HO possibilita o acesso a “histórias dentro da História”, visto que as narrativas coletadas serão sempre visões ou versões subjetivas da realidade. Nas palavras de Delgado (2003, p. 21-22).

As narrativas, tal qual os lugares da memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições. Narrativas sob a forma de registros orais ou escritos caracterizadas pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir em palavras as reminiscências da memória e a consciência da memória no tempo.

Sob a ótica de Grossi e Ferreira (2001, p. 30), “a razão narrativa desemboca no saber contar um fato real ou imaginário, despertando no ouvinte o desejo de significar experiências vividas, que não retornam mais”. No entendimento de Irving e Azevedo (2002), a história oral, por meio da memória reconstituída, pode contribuir para a reconstrução de práticas culturais de grupos, porque a oralidade, nas

comunidades tradicionais, permanece como principal forma de transmissão do seu saber, do seu estilo de vida, da sua história. Os autores salientam a contribuição da HO como uma das fontes de informação para a escrita da história, e mesmo como alternativa útil ao esclarecimento de impasses apresentados pelas fontes escritas. Pela informalidade de expressão de que se reveste, a HO transforma-se em mecanismo capaz de captar aspectos nem sempre conseguidos via outras fontes de relato.

Baseado nas evidências que memória e identidade são produções discursivas, Canclini entende que “a identidade é uma construção que se narra” (2006, p. 129) e que existem à medida que ganham forma por meio da linguagem, conforme sustenta Hall (2011). Nas reflexões de Delgado (2003), tempo, memória, espaço e história caminham juntos, sendo a essência da marca de um tempo, definida pelas ações humanas, pelos valores e o imaginário que amoldam esse tempo e que transformam, podendo as referências espaciais se perder na dinâmica incessante do tempo, de modo que os homens perdem seus elos, sua base identitária e a substância de sua história. Nesse sentido, Souza (2014, p. 107) afirma que

O trabalho de reapropriação do passado se apoia em resquícios a partir do quais o processo de rememoração é realizado. Disso decorre a necessidade de conservar o passado sob a forma de vestígios, relíquias, testemunhos, discursos, isto é, pistas que permitirão a evocação e reconstrução futuras. São, pois, os propulsores do processo memorial, são eles que despertam a memória e fazem emergir as mais intensas imagens do passado.

### 3.3 COLETA E TRATAMENTO DOS DADOS

A pesquisa realizada contou, principalmente, com o apoio de fontes documentais. No Quadro 1, constam os dois princípios locais para o acesso às informações, assim como o tipo de documento pesquisado.

Quadro 1 – Locais de acesso às fontes documentais (jornais, anuários, revistas entre outros)

(continua)

<b>Local da pesquisa</b>	<b>Tipo de documento</b>	<b>Denominação</b>	<b>Ano de publicação</b>
Casa de Memória Edmundo Cardoso	Jornal	<i>O Combatente</i>	1888, 1892, 1893, 1895 à 1899, 1900 a 1904

(conclusão)

<b>Local da pesquisa</b>	<b>Tipo de documento</b>	<b>Denominação</b>	<b>Ano de publicação</b>
Casa de Memória Edmundo Cardoso	Jornal	<i>O Estado</i>	1898, 1899, 1900 e 1901
Casa de Memória Edmundo Cardoso	Jornal	<i>Diário do Interior</i>	1929, 1930
Casa de Memória Edmundo Cardoso	Jornal	<i>Diário de Santa Maria</i>	2000, 2017,
Casa de Memória Edmundo Cardoso	Jornal	<i>A Razão</i>	2002, 2007
Casa de Memória Edmundo Cardoso	Álbum	<i>Álbum de Santa Maria da Bocca do Monte.</i>	1914
Casa de Memória Edmundo Cardoso	Álbum	<i>Álbum Ilustrado da cidade de Santa Maria, RGS.</i>	Década de 30
Casa de Memória Edmundo Cardoso	Guia	<i>Guia Geral da Cidade de Santa Maria</i>	1946
Casa de Memória Edmundo Cardoso	Guia	<i>Guia Geral do município de Santa Maria.</i>	1953 e 1962
Casa de Memória Edmundo Cardoso	Guia	<i>Guia Ilustrado de Santa Maria.</i>	1938
Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria	Jornal	<i>O Estado</i>	1902 à 1905
Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria	Jornal	<i>A Tribuna</i>	1907 à 1911
Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria	Jornal	<i>Diário do Interior</i>	1913 à julho de 1923, 1927 à junho de 1929
Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria	Jornal	<i>Correio da Serra</i>	1924
Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria	Revista	Revista Comemorativa do primeiro centenário da fundação da cidade de Santa Maria.	1914
Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria	Jornal	<i>A Razão</i>	2010
Fundação Eny	Fotografia		

Fonte: Elaborado pela autora.

Após a coleta das informações, as entrevistas gravadas foram transcritas, tabuladas e organizados os dados para facilitar a compreensão da análise e interpretação. A confrontação das diferentes fontes permitiu o cruzamento das informações, validando dados e/ou questionando as apreciações disponibilizadas.

A partir das visitas realizadas no Sindicato dos Trabalhadores Ferroviários de Santa Maria, foi possível utilizar a HO junto aos aposentados para que registrassem os seus depoimentos e narrativas a respeito da Gare e dos hotéis do entorno. Além dessa contribuição, também indicaram pessoas conhecidas e relacionadas com o tema para colaborar com a pesquisa.

Para assegurar a privacidade, e o anonimato dos entrevistados, foi utilizada a letra E para designar “entrevistado” e o número correspondente à quantia de pessoas que participaram. Os depoimentos são de ferroviários aposentados e moradores do entorno. O Quadro 2 identifica a profissão e a idade dos entrevistados.

Quadro 2 – Profissão e idade dos entrevistados

<b>Entrevistado</b>	<b>Profissão</b>	<b>Idade</b>
E1	Ex-ferroviário/ Setor: Oficina de Pontos.	78 anos
E2	Ex-ferroviário/ Setor: Dep. Material e Centro de Formação Profissional (SENAI).	69 anos
E3	Ex-ferroviário/ Setor: Escritório.	76 anos
E4	Ex-ferroviário/ Setor: Via Permanente.	60 anos
E5	Ex-ferroviário/ Setor: Oficina Km3.	66 anos
E6	Comerciante do entorno.	73 anos
E7	Vigilante aposentado.	78 anos
E8	Viúva de ex-ferroviário.	69 anos
E9	Comerciante do entorno.	80 anos

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 4.1 CRESCIMENTO DO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA E A EVOLUÇÃO DOS MEIOS DE HOSPEDAGEM

O resgate proposto na pesquisa relacionou a presença dos principais hotéis do final do século XIX e início do século XX, tendo como vinculação a criação da Estação da Viação Férrea na cidade de Santa Maria da Bocca do Monte, como era denominada na época. Dados apontam que, antes da chegada da ferrovia, alguns empreendimentos já se destacavam, a exemplo do Hotel dos Viajantes, inaugurado em 1882, sendo considerado por um longo período como um dos mais conceituados do estado do RS.

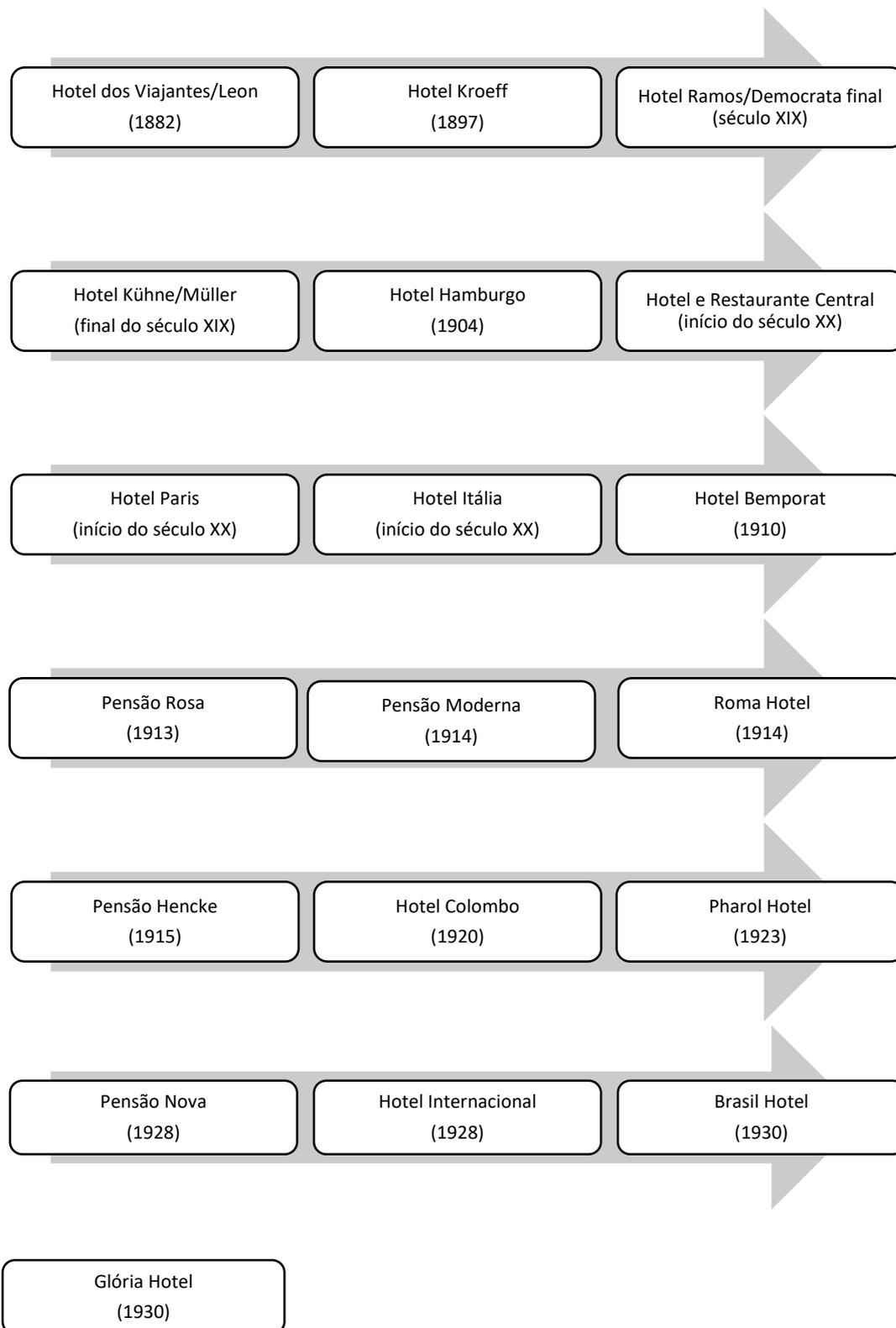
A pesquisa foi segmentada em duas etapas: a primeira se refere ao recorte temporal, no qual a investigação acerca do tema se deu por meio de estudos em jornais, livros e diálogo com historiadores locais; e a segunda transpassa essa data e acresce, aos métodos de pesquisa utilizados anteriormente, o emprego de entrevistas, depoimentos e HO de moradores do entorno da Viação Férrea, ex-funcionários e familiares que contribuíram para o aprimoramento deste trabalho.

Possivelmente, as palavras de Hill (1987, p. 32) bem traduzam a proposta das distintas fontes de pesquisa, ao dizer que:

A história precisa ser reescrita a cada geração, porque embora o passado não mude, o presente se modifica. Cada geração formula novas perguntas ao passado e encontra novas áreas de simpatia à medida que revive distintos aspectos das experiências de suas predecessoras.

A Figura 6 expõe, de forma sequencial, a criação de alguns hotéis, segundo informações disponibilizadas na literatura e, em especial, em jornais da época. Porém, há de se destacar que ocorrem lacunas relativas aos anos de 1924 e 1925, por perda e/ou extravio dos exemplares, seguindo-se, de forma mais precisa, os acontecimentos com o retorno das informações relativas aos anos de 1926 até 1930.

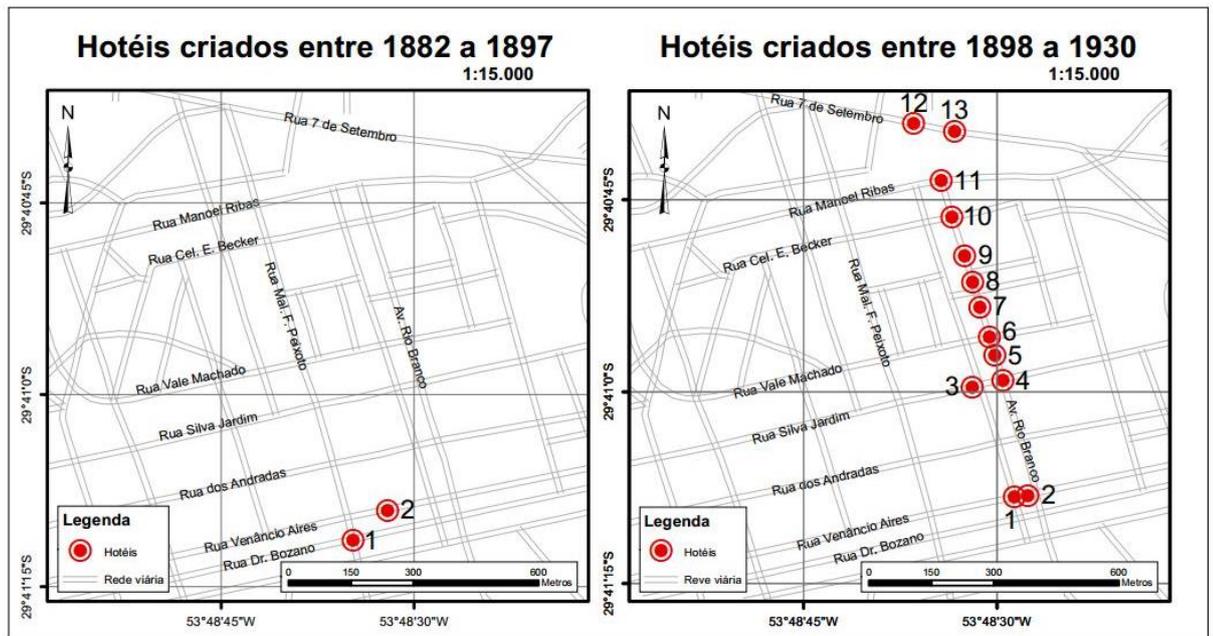
Figura 6 – Estabelecimento da hotelaria em Santa Maria no período de 1882-1930



Fonte: Elaborada pela autora.

Com o intuito de facilitar a compreensão, o mapa da Figura 7 ilustra a localização de alguns hotéis inaugurados no período estudado. Pode-se perceber um aumento significativo de estabelecimentos hoteleiros a partir do ano de 1898, nas proximidades da Viação Férrea, com destaque para Avenida Rio Branco.

Figura 7 – Hotéis criados no período entre 1882 e 1930 em Santa Maria, RS



- 1 Hotel dos Viajantes/Leon
- 2 Hotel Kröeff
- 3 Hotel Glória
- 4 Hotel Colombo
- 5 Hotel Tupi
- 6 Hotel Paris
- 7 Hotel Internacional
- 8 Hotel Bemporat
- 9 Pharol Hotel
- 10 Hotel Roma
- 11 Hotel Ramos/ Democrata
- 12 Hotel Sete de Setembro
- 13 Hotel Hamburgo

Quando da implantação da República, nas palavras de Cigolini (2014), observou-se que as malhas relativas aos municípios avançaram na medida da ocupação do território, e sua configuração resultou de ações espontâneas, dirigidas ou induzidas, cuja configuração reflete os processos de ocupação do território e a densificação política e econômica. Para Castro (2005, p.134):

o município é uma escala e um território político por excelência, sendo que é no conhecimento da dinâmica da ocupação do território, da organização das sociedades locais e dos seus interesses que as decisões políticas e os modos de organização do território.

Ao se fazer referência a Santa Maria, Nicoloso (2012) aponta que a cidade renunciava a sua pacata vida social para se tornar um centro urbano, que era tido como referência e ponto de passagem obrigatório de mercadorias e de pessoas nos anos de transição do Império para a República. O fator decisivo que gerou essa mudança foi a instalação da ferrovia, no ano de 1885.

A relevância dos fatos imbricados na implantação deste modal de transporte e as implicações do próprio crescimento e prosperidade do município são sintetizados no Quadro 3 cujo objetivo é estabelecer algumas informações a respeito da conjuntura urbana, o contexto político social e econômico e a inserção da hotelaria.

Quadro 3 – Fatos e dados urbanos, sociais e culturais no município de Santa Maria (RS), relativo ao período 1882-1930

(continua)

Ano	Relevância	Fonte(s)
1882	Início do funcionamento do Hotel dos Viajantes. A iluminação pública constava de 40 lampiões a querosene.	Beltrão (1919); Belém (1989).
1883	População estimada de 3.224 habitantes. Foi constatada discrepância entre a área cedida pelo Governo Imperial e a área urbana da cidade apurada pelo agrimensor Kurt Vincent. Foi criado o primeiro jornal da cidade, <i>A Gazeta do Norte</i> .	Beltrão (1979); Belém (2000); Morales (2008); Rechia (2006).
1884	Inaugurado trecho ferroviário Santa Maria – Cachoeira. Circulam os jornais <i>A Gazetinha</i> e <i>O Imperial</i> .	Beltrão (1979); Rechia (2006).
1885	Inaugurado trecho ferroviário Margem do Taquari <sup>5</sup> – Santa Maria. Criado os jornais <i>A Província</i> e <i>O Santamariense</i> .	Beltrão (1979); Belém (2000); Rechia (2006).
1886	Circulam na cidade os jornais como <i>O Combatente</i> e <i>A Gazetinha</i> . Fundação do Clube Caixeiral.	Beltrão (1979); Morales (2008).

<sup>5</sup> Hoje General Câmara.

(continuação)

Ano	Relevância	Fonte(s)
1887	População <sup>6</sup> de 3000 habitantes e presença de 400 prédios. Circulam o jornal <i>O Popular</i> e <i>O Combatente</i> .	Beltrão (1979); Morales (2008).
1888	Cidade festeja com grande desfile a notícia <sup>7</sup> da Abolição da Escravatura.	Beltrão (1979).
1889	Os jornais de circulação são <i>O Combatente</i> , <i>O Popular</i> , <i>A Província</i> e <i>O Porvir</i> . A renda municipal é estimada em 15 contos, 667 mil e 853 réis, sendo as maiores arrecadações dos impostos de exportação e do comércio fixo e de mascates.	Beltrão (1979); Belém (2000).
1890	Registra-se o “primeiro desastre” ferroviário quando se chocaram um trem de carga e um de passageiros, resultando em 17 feridos e prejuízos materiais. Inaugurado o trecho ferroviário Santa Maria – Cacequi. Inauguração Teatro Treze de Maio.	Beltrão (1979); Morales (2008).
1891	Novos jornais circulam, como <i>O Ferrão</i> , <i>A Navalha</i> e <i>A Trombeta</i> .	Beltrão (1979).
1892	No cenário político, ocorre a recondução de Júlio de Castilhos ao governo do estado do Rio Grande do Sul. No mês de outubro (24), o Hotel León foi palco de grave incidente entre o Delegado José de Sousa e João Daudt Filho <sup>8</sup> .	Beltrão (1979); Morales (2008).
1893	Santa Maria registra a presença de 486 prédios.	Beltrão (1979).
1894	Entregue o trecho ferroviário Santa Maria – Cruz Alta. São apurados 524 de prédios na cidade.	Beltrão (1979).
1895	Início do calçamento a pedra irregular da Rua do Comércio.	Beltrão (1979); Beber (1998).
1896	Ampliação do calçamento até a Rua do Acampamento.	Beltrão (1979).
1897	Iluminação pública passa a ser feita por eletricidade. Cidade registra a presença de 830 prédios.	Beltrão (1979).
1898	Inaugurado trecho ferroviário Cruz Alta – Passo Fundo. A nova “folha” republicana passa ser publicada com a denominação de <i>O Estado</i> .	Beltrão (1979); Belém (2000).
1899	Início do calçamento na Avenida do Progresso.	Beltrão (1979).
1900	Publicação de uma planta da cidade com o nome dos moradores elaborada pelo agrimensor Nehrer.	Beltrão (1979).
1901	Entra em funcionamento o primeiro serviço telefônico da cidade.	Beltrão (1979).
1902	Promulgada a Lei Orgânica do município. Ferrovias Santa Maria-Uruguaiana passa à propriedade do governo federal mediante acordo com a <i>Compagnie Auxiliaire de Chemins de Fer du Sud-Ouest Brésilien</i> .	Beltrão (1979).
1903	Inaugurado o serviço de Limpeza Pública Municipal.	Beltrão (1979).
1904	Começam a funcionar os telefones, e a cidade registra 1.401 prédios.	Beltrão (1979); Morales (2008).
1905	Circula os jornais <i>O Estudante</i> e <i>O Viajante</i> .	Beltrão (1979).
1906	Dados revelam diferenças entre o número de prédios da cidade: 1.423; e outra fonte, 1.604.	Beltrão (1979).
1907	Inauguração da Praça Saldanha Marinho. Circula o último número do jornal <i>O Combatente</i> , surge o jornal <i>A Tribuna</i> e circula o jornal <i>O Popular</i> . Cidade conta com 1.526 prédios.	Beltrão (1979).

<sup>6</sup> Beltrão refere-se à população com a palavra “almas”.

<sup>7</sup> Beltrão relaciona a notícia com a existência de telégrafo em Santa Maria.

<sup>8</sup> João Daudt Filho foi o primeiro santa-mariense formado em Farmácia, pela Faculdade do Rio de Janeiro e o segundo diplomado pela Academia, sendo proprietário da Farmácia Daudt. Tomou parte da Revolução de 1893. Em seu livro “Memórias” registra as histórias da cidade à época.

Ano	Relevância	Fonte(s)
1908	Declaração de greve dos operários da estrada de ferro. Realizado Congresso Republicano dos partidários de Assis Brasil. Tornou-se definitiva a denominação de Avenida Rio Branco para a antiga Avenida do Progresso (anteriormente. Gal. Rafael Pinto Bandeira e Cel. Valença).	Beltrão (1979).
1909	Em prédio fronteiro ao Hotel León (Rua Venâncio Aires), foi instalado o primeiro Quartel General do Exército. Surge a revista literária <i>A Pena</i> . Inauguração da Catedral Diocesana.	Beltrão (1979); Morales (2008).
1910	Cidade passa a receber o primeiro estabelecimento bancário: Banco Nacional do Comércio e é instalada a agência do Banco da Província. Realização da 1 <sup>o</sup> Feira Agropecuária de SM	Beltrão (1979); <i>A Tribuna</i> (1910).
1911	Circula o último número do jornal <i>A Tribuna</i> e surge o <i>Diário do Interior</i> . A <i>Compagnie Auxiliaire de Chemins de Fer au Brésil</i> , concessionária das ferroviárias gaúchas, passa às mãos da Brazil Railway.	Beltrão (1979).
1912	Morre o francês León Berthaud, proprietário do Hotel León. As atividades continuam sob os cuidados da viúva, Mme. Camille León. Surge o jornal <i>O Federalista</i> . Iniciam os trabalhos de alargamento e prolongamento da Avenida Rio Branco.	Beltrão (1979).
1913	Circula o <i>Jornal de Notícias</i> . Ocorre grande incêndio na quadra principal da rua Dr. Bozano, sendo destruído o sobrado de propriedade de Carlos Kröeff. Iniciam as atividade do primeiro trem noturno entre Santa Maria e Porto Alegre.	Beltrão (1979).
1914	Comemorado o falso centenário da cidade, que fora fundada em 1797. A revista de título <i>Centenário de S. Maria – 1814-1914</i> apresentava 114 páginas de texto, 68 anúncios, sem numeração e índice. A impressão foi realizada em Porto Alegre pelas Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, com tiragem de 2.000 exemplares. Outra publicação foi o <i>Álbum de Santa Maria</i> , com 50 páginas nas quais figuram imagens e anúncios	Beltrão (1979).
1915	Surgem novos jornais a exemplo de <i>A Reação</i> , <i>X da Época</i> , <i>O Momento</i> .	Beltrão (1979).
1916	Inaugurado o Café Guarani (Hoppe & Hemb) na Praça Saldanha Marinho <sup>9</sup> .	Beltrão (1979).
1917	Ocorrem greves na classe ferroviária, motivadas por defasagem salarial. Entra em circulação o jornal <i>Correio da Serra</i> .	Beltrão (1979).
1918	Em 11 de agosto <sup>10</sup> , o jornal <i>Diário do Interior</i> publica o menu do Hotel León.	Beltrão (1979).
1919	Inaugura trecho ferroviário de Dilermando de Aguiar a Jaguari.	Beltrão (1979).
1920	A <i>Compagnie Auxiliaire de Chemins de Fer du Sud-Ouest Brésilien</i> é encampada pelo governo federal e, dois dias depois, arrendada ao estado, passando a se denominar Viação Férrea do Rio Grande do Sul. Recenseamento nacional acusa 15.802 habitantes.	Beltrão (1979).
1921	Surge o <i>Jornal de debates</i> , de propriedade do Dr. Júlio Rafael de Aração Bozano.	Beltrão (1979).
1922	Lançado os jornais <i>O Separatista</i> e <i>Notas do Sul</i> . Inauguração do Cine- Teatro Independência. Inauguração do Colégio Centenário.	Almeida (2007); Beltrão (1979).

9 O jornal *Diário do Interior* noticia a inauguração em 25/12/1914, contrariando a informação de Beltrão.

10 O autor faz registro a essa única data. Porém, consulta ao jornal de circulação *Diário do Interior* faz destaque durante todo o ano da publicação do referido cardápio, em língua francesa.

(conclusão)

Ano	Relevância	Fonte(s)
1923	Incêndio de monta destrói parte das oficinas da Viação Férrea junto à estação.	Beltrão (1979).
1924	Para fortalecer as lutas políticas, foi fundado o Centro Republicano Operário pelo Dr. Bozano. Promulgada a segunda Lei Orgânica do município.	Beltrão (1979).
1925	Surge <i>O Castilhistas</i> , de interesse do município e do Partido Republicano. A cidade conta com 19.638 habitantes.	Beltrão (1979).
1926	A cidade recebe a visita do Presidente da República, Dr. Washington Luís.	Beltrão (1979).
1927	Incêndio destrói o almoxarifado das Oficinas da Viação Férrea.	Beltrão (1979).
1928	Jeronymo Schettini torna-se o novo proprietário do Hotel León.	<i>A Tribuna</i> (1910).
1929	Estabelecido o serviço de correio entre Cachoeira e Santa Maria. O estafeta chegava aos domingos e retornava para Cachoeira às segundas.	Belém (2000).
1930	Inicia a Revolução de 30. com manifestações na Praça Saldanha Marinho.	Beltrão (1979).

Fonte: Adaptado pela autora.

#### 4.2 CHEGADAS E PARTIDAS: CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA GARE

A fim de contextualizar sobre as dependências da plataforma da estação férrea, seguem reflexões de alguns autores locais, notícias de jornais, depoimentos de ex-ferroviários e moradores do entorno da antiga Gare, que descreveram como se processava essa dinâmica, o comportamento e expectativas dos cidadãos com a chegada e partida de passageiros. Muitas vezes, eram ilustres políticos, alguns famosos e outros, pessoas comuns que faziam parte do cenário, que por anos representou euforia e esperança para o desenvolvimento e progresso do município.

Entre avisos, chamadas para embarque vindo dos alto-falantes e músicas sertanejas e gaúchas, Beber (1998) assim descreve:

Era uma cidade que se movia no ritmo das composições dos passageiros que se dirigiam a estação[...]. Lá estavam também os moços e as moças da sociedade[...] (BEBER, 1998, p. 75).

[...] o chefe de quepe empinado e de uniforme garboso, dava ordens a seus subordinados. Seus principais instrumentos de trabalho eram o estridente apito e o sino dourado [...] (BEBER, 1998, p. 76).

A presença de um grande número de pessoas foi citada pelo E7, ex-ferroviário mecânico, ao lembrar: “Não interessava o horário de chegada dos trem. O movimento de gente era grande, muito grande.” Além da movimentação dos passageiros, familiares e curiosos, havia segundo a Secretaria do Estado e da Cultura (RIO GRANDE DO SUL, 2002), a presença dos vendedores típicos de estações, os

“choferes” dos carros de praça e os carregadores de malas, que encaminhavam os recém-chegados aos hotéis estabelecidos nas redondezas da estação. Essa referência é devido à figura dos “angariadores”, que anunciavam, na estação, o nome dos hotéis com intuito de captar hóspedes. Eles podiam ser funcionários dos hotéis utilizando os respectivos uniformes ou agenciadores autônomos. Ao se referir a eles, E8, manobrista aposentado, relembra que:

Os transportador de mala faziam uma gritaria anunciando os hotéis para as pessoas ficarem [...] Tinha angariador de todos os hotel. Era assim que se chamavam esses moços... Fervia de gente.

Segundo E2, ex-ferroviário, último chefe da Estação:

[O uniforme dos mensageiros] era azulzinho e aqui... tinha um número dele assim do lado, eles levavam (bagagens) nos hotel, carregavam 4 malas uma em cada braço, outra na mão aqui, uma cinta, que atavam a cinta e botavam nos ombros... eles eram autônomos, ganhavam gorjeta...tinha uma associação deles.

A respeito do uso de uniformes, todos os funcionários da Viação Férrea, a partir de 1923, deveriam obedecer à Circular nº 339, de 15 de dezembro de 1922. Assim, foi estabelecido um fardamento padrão, sendo que as diversas classes e categorias eram identificadas por meio de adereços que compunham os quepes e por alguns detalhes presentes nas fardas (número e cor dos galões), porém, a obrigatoriedade de trajar o uniforme não atingiu todo o quadro funcional, e sim aqueles que tinham maior contato com o público (RIO GRANDE DO SUL, 2002).

No ano de 1913, foi noticiado no jornal *Diário do Interior*, a proibição dessa atividade de atração de viajantes e a oferta de hospedagem. Essa circular partiu da própria Viação Férrea, a partir das reclamações dos passageiros em relação à imprudência desses indivíduos, também conhecidos como os caixeiros dos hotéis.

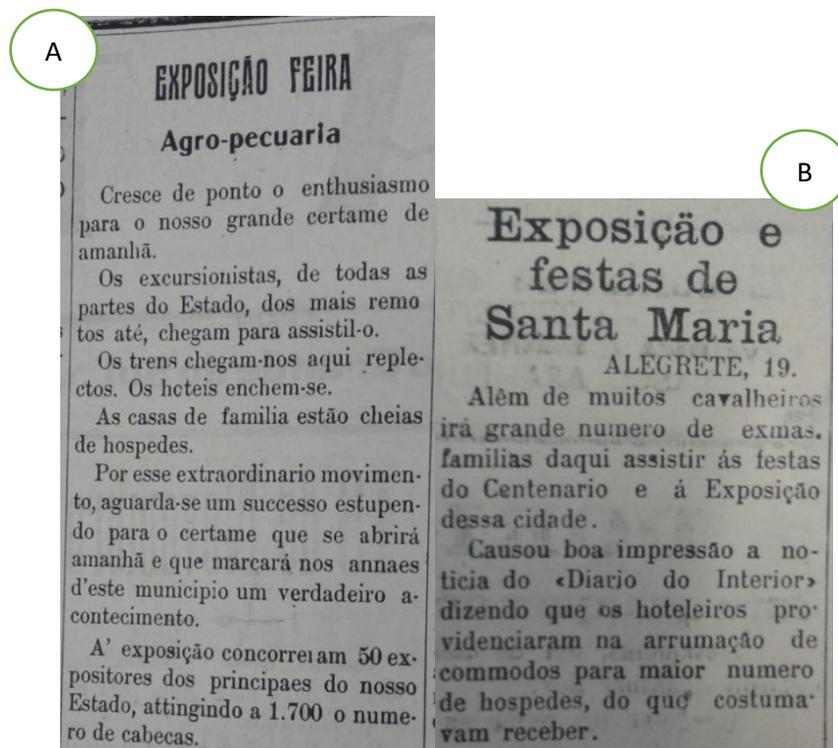
Foram citados dois estabelecimentos que trabalhavam com esse tipo de função: Hotel Sete de Setembro e Hotel Hamburgo. Ambos eram muito próximos à ferrovia, situados na Rua Sete de Setembro. A respeito do assunto, o jornal comunicou que apenas o Hotel Sete de Setembro se manifestou, assumindo a responsabilidade de não manter esse tipo de propaganda e promoção quando do desembarque junto à estação.

Diante dessa realidade vivida, diariamente, pelos moradores de Santa Maria, jornais locais como *A Tribuna*, *Diário do Interior* e *Gaspar Martins* mantinham uma

seção voltada para aos viajantes que passavam pela cidade, assim como eram citados os hóspedes dos hotéis mais significativos no período retratado. Essa fase de desenvolvimento e entusiasmo ocorreu no período de 1910 a 1950, de acordo com Beber (1998), embora a Viação Férrea do Rio Grande do Sul já vivesse sinais de uma crise que culminou com o abandono do transporte férreo no estado.

No auge das atividades, quando da realização da primeira Feira Agropecuária de Santa Maria (1910), notícias circulavam nos jornais, a exemplo de *A Tribuna*, que noticiava: “excursionistas, de todas as partes do Estado, dos mais remotos até, chegaram para assisti-lo. Os trens chegam-nos aqui loctados. Os hotéis enchem-se.” Quatro anos mais tarde, no (falso) centenário do município, foi noticiado que, devido à tamanha procura por parte de turistas, os empreendedores locais, a exemplo dos proprietários de pousadas, hotéis e pensões, para poderem acomodar a todos, alugaram casas mobiliadas para os clientes. Embora esse fato fosse, um tanto quanto inusitado, reiterava o prestígio do município diante do estado e demais localidades.

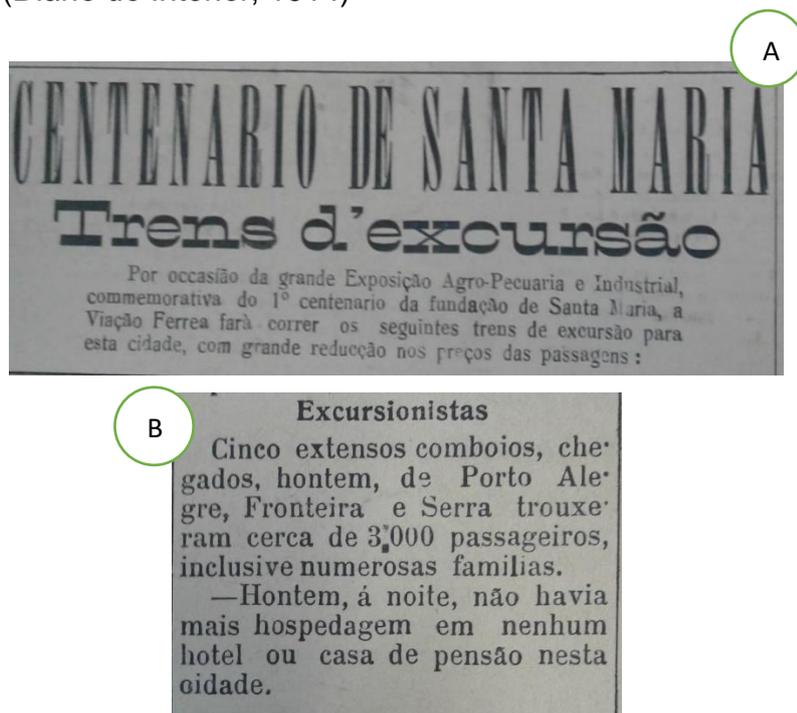
Figura 8 (A e B) – Notícias relacionadas a exposições e festas em Santa Maria, veiculadas pelos jornais *A Tribuna* (1910) e *Diário do Interior* (1914), respectivamente



Fonte: AHMSM (2018).

Acompanhando a movimentação da cidade para o evento comemorativo do centenário, a viação férrea fez um comunicado no jornal a respeito dos novos horários de trens de excursões e da redução do valor das passagens com intuito de atender o maior número de passageiros (Figura 9 A e B).

Figura 9 (A e B) – Informativo da Viação Férrea de Santa Maria e registro de excursionistas (*Diário do Interior*, 1914)



Fonte: AHMSM (2018).

Depreende-se que, no período investigado na pesquisa, muitos foram os meios de hospedagem citados, principalmente em jornais, alguns com maiores informações, e outros que, por falta de subsídios bibliográficos, serão apenas referidos no Quadro 4. Todavia, reconhece-se a forte demanda de hospedagem por parte dos passageiros, viajantes e turistas, que davam sustentação à atividade hoteleira.

Quadro 4 – Hotéis de menor expressão referidos em veículos de comunicação de Santa Maria

(continua)

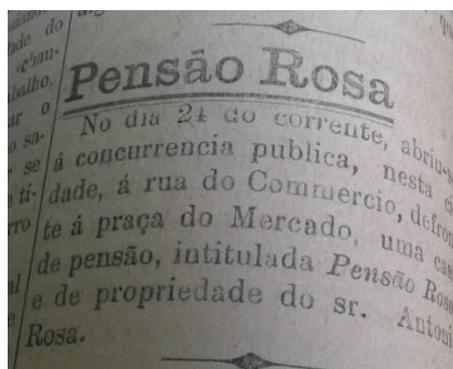
<b>Estabelecimentos</b>	<b>Inauguração</b>	<b>Localização</b>	<b>Observações</b>	<b>Referência</b>
Hotel Democrata (Araújo & Flores)	Sem data específica, porém, acredita-se ter sido no final do século XIX.	Av. Rio Branco, esquina Rua Manoel Ribas.	Antigo Hotel Ramos. Local de concentração das forças defensoras republicanas.	Beber (1998), <i>O Estado</i> (1899) – Figura 9.
Pensão Rosa (Antônio Rosa)	1913	Rua do Comércio, 88.	Posta à venda logo após a inauguração.	<i>Diário do Interior</i> (1913) – Figura 10.
Pensão Moderna (Marcolino Azambuja)	1913	Rua Marechal Floriano, 45 e 47.	Referência de localização com instituições da cidade.	<i>Diário do Interior</i> (1913) – Figura 11 (A e B).
Hotel Roma (Antônio Castro, primeiro proprietário)	1914	Av. Rio Branco esquina com Rua 24 de Maio.	Posta à venda logo após a inauguração. Devido à II Guerra Mundial por prudência passou a se denominar Hotel Rio.	<i>Diário do Interior</i> (1914) – Figura 12 (A e B).
Pensão Henke (João Luiz Henke)	Notícias começam a ser veiculadas em 1915.	Av. Rio Branco.	Especializado em mocotó. Apresentação de orquestra.	<i>Diário do Interior</i> (1915) – Figura 13 (A e B).
Pensão Oriental (Justino Novôa)	1915	Rua do Comércio, 88.	Também oferecia banquetes, viandas e <i>lunches</i> .	<i>Diário do Interior</i> (1915) – Figura 14 (A e B).
Hotel Colombo (J. Vizeu de Sá)	1920	Rua André Marques, esquina com a Rua Silva Jardim.	Antiga Pensão Saccol. O proprietário já havia tido posse do Hotel Continental do Rio de Janeiro.	<i>Diário do Interior</i> (1920) – Figura 15.
Pensão Nova (Frederico Krätzig)	1928	Rua Borges do Canto, 24.	-	<i>Diário do Interior</i> (1928) – Figura 16.

(conclusão)

Estabelecimentos	Inauguração	Localização	Observações	Referência
Hotel Internacional	1928	Rua 13 de maio, próximo a Av. Rio Branco.	Oferecia de serviço de transporte.	<i>Diário do Interior</i> (1928) – Figura 17.
Brasil Hotel (Kröeff)	1930	Avenida Rio Branco.	Localizado no antigo hotel 15 de Novembro.	<i>Diário do Interior</i> (1930) – Figura 18.

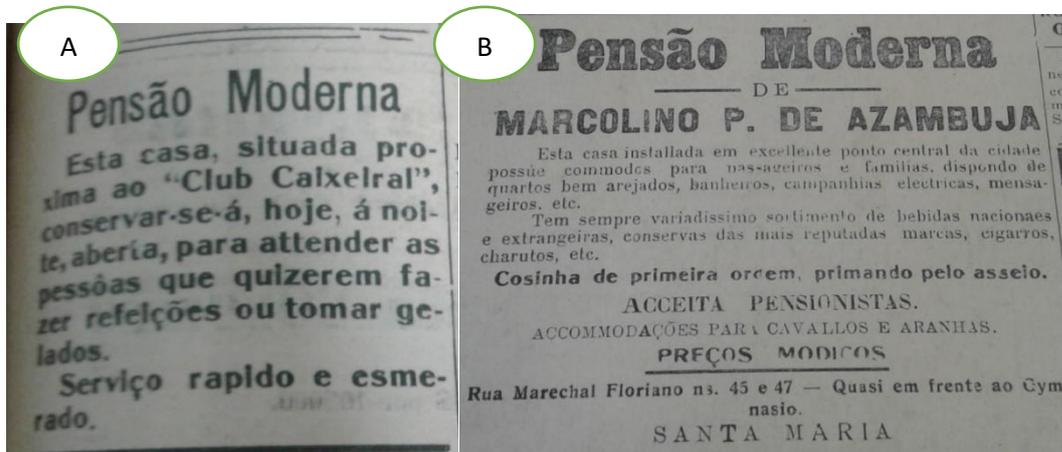
Figura 10 – Anúncio publicitário Hotel Democrata (*O Estado*, 1899)

Fonte: Acervo Casa de Memória Edmundo Cardoso (2018).

Figura 11 – Aviso de inauguração da Pensão Rosa (*Diário do Interior*, 1913)

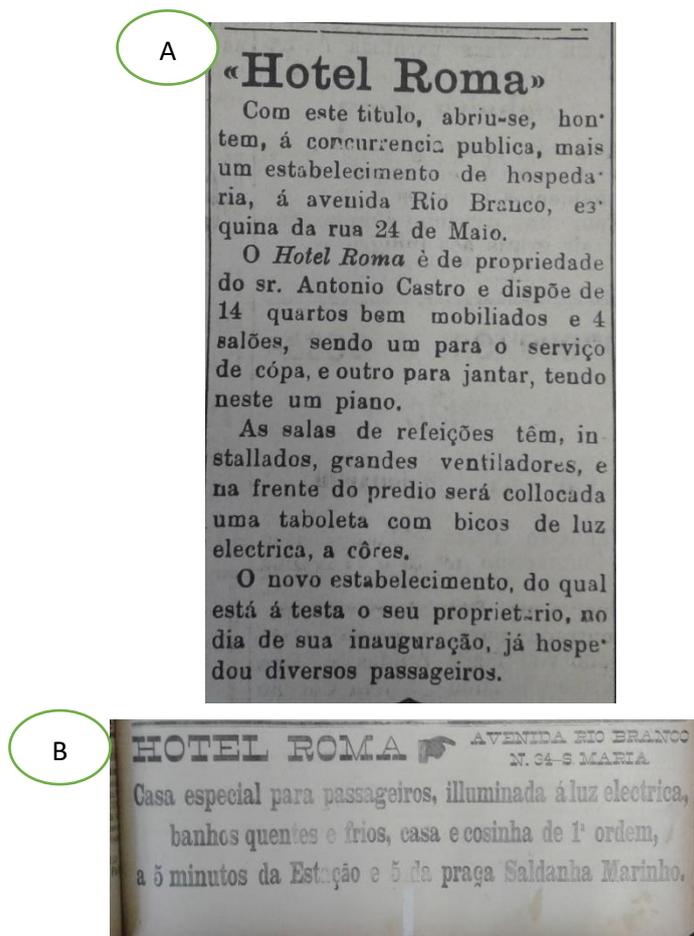
Fonte: AHMSM (2018).

Figura 12 (A e B) – Aviso dos serviços e anúncio publicitário da Pensão Moderna (*Diário do Interior*, 1914)



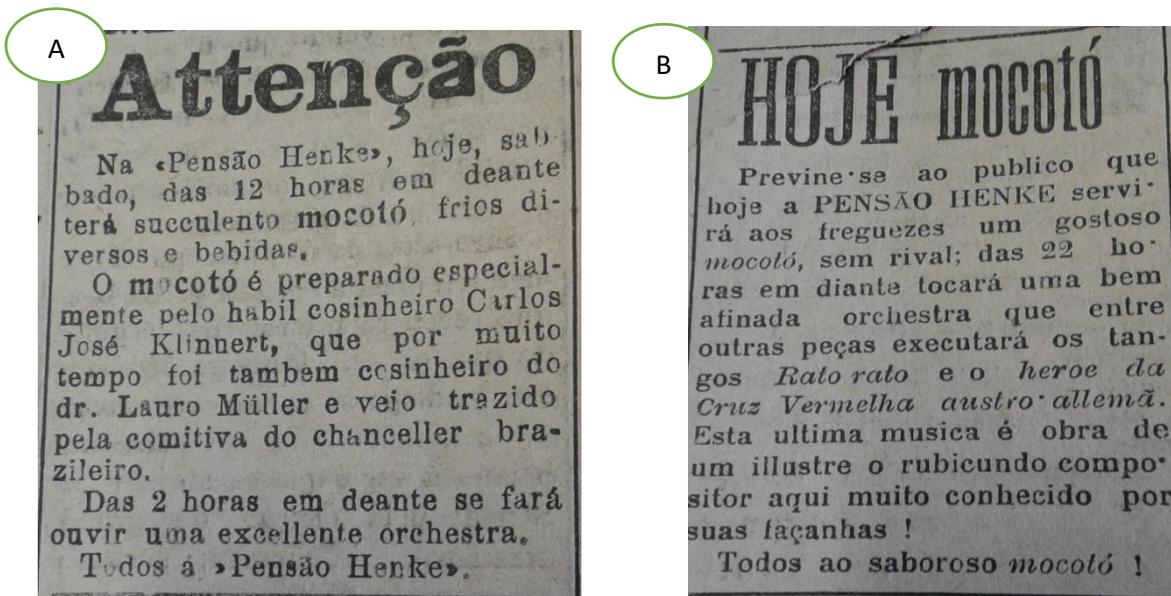
Fonte: AHMSM (2018).

Figura 13 (A e B) – Divulgação de abertura do Hotel Roma, e propaganda (1914)



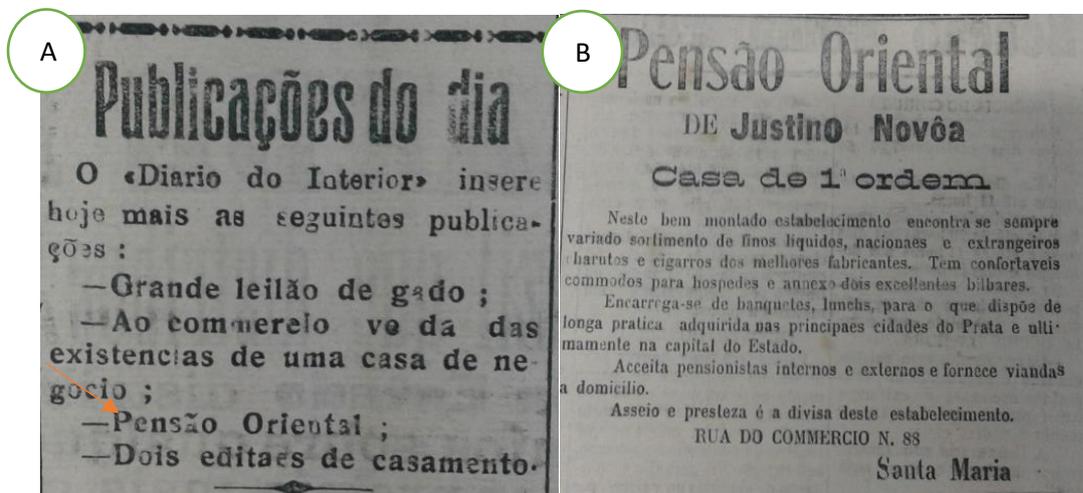
Fonte: AHMSM (2018).

Figura 14 (A e B) – Notícias da Pensão Henke, divulgando o mocotó sábado às 12 horas e a noite apresentação de uma orquestra (*Diário do Interior*, 1915)



Fonte: AHMSM (2018).

Figura 15 (A e B) – Anúncio de abertura da Pensão Oriental, e propaganda (*Diário do Interior*, 1915)



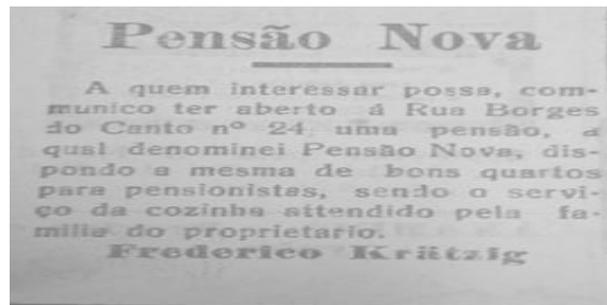
Fonte: AHMSM (2018).

Figura 16 (A e B) – Notícias sobre Hotel Colombo e propaganda (*Diário do Interior*, 1920 e 1921)



Fonte: AHMSM (2018).

Figura 17 – Anúncio publicitário da Pensão Nova (*Diário do Interior*, 1928)



Fonte: AHMSM (2018).

Figura 18 – Anúncio publicitário do Hotel Intencional (*Diário do Interior*, 1928)



Fonte: AHMSM (2018).

Figura 19 – Anúncio de inauguração de um novo hotel (*Diário Interior*, 1930)



Fonte: Acervo Casa de Memória Edmundo Cardoso (2018).

Figura 20 – Comunicado de inauguração de mais um hotel localizado na Avenida Rio Branco (*Diário do Interior*, 1927)



Fonte: AHMSM (2018).

#### 4.3 CARACTERIZAÇÃO DOS HOTÉIS

No Quadro 5, segue um breve resumo da localização e proprietários dos empreendimentos hoteleiros. Percebe-se uma grande transição em relação aos gestores e donos dos imóveis.

Quadro 5 – Lista dos principais hotéis e respectivos proprietários de 1882 a 1930  
(continua)

Hotel	Localização	Proprietários
Viajantes/León	1º localização: Rua Floriano Peixoto, esquina com Dr. Bozano. 2º localização: Rua Venâncio Aires, 1758.	1882: Leon Berthaud (fundador). 1912: Camille Berthaud. 1916: José Aita. 1921: Eugênio Martin. 1922: Lucio Theodosio Gonçalves.

(conclusão)

Hotel Kröeff	Rua Venâncio Aires, nº 1 (hoje, galeria do comércio), e entrada também para a Rua do Comércio nº 3 (atual Calçadão Salvador Isaia).	1928: Jeronymo Schettini (sociedade com Nicola Alicata). 1943: Albino Schaurich. 1947: Encerrou as atividades hoteleiras sob denominação de Hotel Duque de Caxias. Hoje, no local está localizado a sede dos Correios e Telégrafos. 1897: Henrique Carnos e Olivio Kröeff (fundadores). 1910: Perfecto Leirós. 1911: José Corrêa e José Paganotti. 1913: Francisco Fittipaldi e Paulo Schettini. 1921: Olivio Kröeff e Henrique Carnos. 1922: Irmãos Schettini (Vicente e Jeronymo). Década de dez do século XX: Domingos Martins. 1930: Mário Valdez.
Bemporat Hotel/ Hotel Aliança	Avenida Rio Branco, próximo à Estação Férrea.	1910: Achylles Bemporat (fundador). 1911: José Paganotti. 1913: João Manuel Antunes. 1914: J. P. Lisbôa.
Restaurante e Hotel Central/ Hotel e Café Central/ Hotel Central/ Centro Hotel	1º endereço: face oeste da Praça Saldanha Marinho. 2º endereço em meados de 1921: Prédio localizado na Praça Saldanha Marinho, nº 8.	Início do século XX: Antônio Giacolleto. 1913: Luiz Hollenben. 1914: Antônio Amengual. 1921: Domingos Martins. 1923: Joaquim Vizeu de Sá. 1928: J. C. Pinto. 1929: Família Delaméa.
Hotel Paris	Avenida Rio Branco, nº 34.	Meados de 1913: Arthur Castro.
Hotel Itália/ Hotel Tupi	Avenida Rio Branco, 226, próximo à esquina da Rua Ernesto Beck.	1913: Paulo Magoga. 1923: Fioravante Stival.
Pharol Hotel	Avenida Rio Branco, 135.	1923: João Arno Brenner (fundador).
Hotel Hamburgo	Rua Sete de Setembro, 842.	1904: Fritz Hoppe (fundador). 1918: Empresa Brenner & Bender. 1924: Augusto Ackermann.
Hotel Sete de Setembro	Rua Sete de Setembro, 827.	1913: Antônio da Silva e sócio, Hermínio Machado.
Hotel Kühne/ Hotel Müller	Avenida Rio Branco, 69-71.	Início do século XX: administração de família alemã. 1906: João Müller.
Glória Hotel	Avenida Rio Branco, 639.	1930: Domingos Martins (fundador).

### 4.3.1 Hotel dos Viajantes/León

Fundado pelo francês Sr. Léon Berthaud<sup>11</sup>, em 1882, foi considerado um dos mais famosos hotéis de Santa Maria. Inicialmente, chamava-se Hotel dos Viajantes e situava-se na Rua do Comércio (na época, denominada Pacífica e, atual Dr. Bozzano), esquina com a Rua Floriano Peixoto (anteriormente, nominada como Travessa Maximiano e, posteriormente, Rua do Cadó), onde hoje localiza-se o Elegância Shopping.

Beltrão (2013) refere-se ao fato mencionando às datas de 1882/1883, ao evidenciar: “Começa a funcionar o Hotel dos Viajantes do francês Léon Berthaud, exímio cozinheiro e mestre do hotel”. As palavras do autor se refletem na Figura 10, na qual se observa Léon Berthaud em pé, usando o tradicional chapéu de cozinheiro; entre os convidados, da direita para esquerda: Guilherme Monthier, Dr. Henrique Grave, Carlos Caldas, Julio Laydner, Constantino Gomes, Dr. V. Teltz, F. Batch, Dr. Joaquim Breves, Dr. G. Optiz, e Amadeo Gastal. A foto foi destacada na Revista do Centenário de Santa Maria 1814-1914, no ano de 1914.

Figura 21 – Sr. Léon Berthaud (identificado com o gorro de cozinheiro) com convidados no Hotel dos Viajantes



Fonte: Revista Comemorativa de Santa Maria. AHMSM (2018).

---

<sup>11</sup> Observa-se que o nome oficial do estabelecimento ainda era Hotel dos Viajantes, porém o hóspede o chamava carinhosamente de Leon (MARCHIORI; NOAL FILHO, 2008).

Em meados da década de 90 do século XIX, o hotel transfere-se para um novo local (Figura 22), que é descrito por Beltrão (1979) com um anexo frontal, na Rua Venâncio Aires, e que já fora a Intendência Municipal (BELÉM, 1989).

Figura 22 – Fachada do Hotel dos Viajantes



Fonte: Acervo Casa de Memória Edmundo Cardoso (2018).

No local desse estabelecimento, já haviam se instalado a Câmara Municipal, Comissão de Intendência e o Foro (A RAZÃO, 16 de junho 2008), sendo posteriormente, demolido o prédio para a instalação dos Correios e Telégrafos, que permanece no local até os dias atuais (Figura 23).

Figura 23 – Casarão que abrigava o Hotel dos Viajantes/Léon demolido na década



Fonte: Santa Maria Memória (2008).

O registro dos hóspedes e visitantes de maior expressão que passaram por Santa Maria são destacados nos jornais e evidenciados em obras de autores, dentre os quais:

- Em 07 de janeiro de 1899, o jornalista Penna de Moraes comemorou seu aniversário com amigos nas dependências do hotel, conforme *O Estado* (1899), informação retirada da Casa de Memória Edmundo Cardoso.

- Herrmann Meyer, editor, geógrafo e explorador alemão trabalhou na implantação de colônias alemãs no Rio Grande do Sul, além de deixar legado em obras, enaltecendo o Brasil e o estado.

Conforme Marchiori e Noal Filho (2008, p. 82), Meyer registrou, quando de sua segunda viagem ao estado, em 1898-1899, que:

Chegamos totalmente congelados a Santa Maria que, já de longe, através de suas numerosas novas residências, demonstra sua importância como principal entroncamento ferroviário: luz elétrica, telefone, teatro e hotéis compõem as melhorias que nos chamaram atenção nos últimos anos. A cozinha e a adega do Hotel Leon\* competem com os melhores restaurantes das grandes cidades.

- Fernando Abbott, médico gabrielense e governador do estado esteve no Hotel dos Viajantes em duas breves ocasiões. Assim, foi noticiado no jornal *O Estado*, de 8 de fevereiro de 1902, conforme informação da Casa de Memória Edmundo Cardoso:

Chegou ante-honte de S Gabriel nosso distinto amigo, benemérito republicano, dr. Fernando Abbott, ilustre vice-presidente do Estado. S. ex. recebeu no *Hotel dos Viajantes*, onde hospedou-se, os cumprimentos de numerosos amigos e admiradores, desta cidade, regressando hoje em trem especial para S. Gabriel.

- José Gomes Pinheiro Machado, Senador pelo Rio Grande do Sul no Congresso Nacional, acompanhado de sua esposa também se fizeram presentes no estabelecimento. Além de hospedar-se no hotel, proferiu palestras e participou de reuniões, enquanto a banda do 1º Regimento fazia apresentações na área externa (*O Estado*, de 8 de fevereiro de 1902 pela Casa de Memória Edmundo Cardoso).

- Em 1903, o Chefe do Partido Republicano, Júlio de Castilhos, segundo reportagem de *A Tribuna*: “foi recebido à plataforma da Estação por um grande número de amigos e correligionários, que acompanharam o sr. ex. até o Hotel dos Viajantes”.

Em 1907, há novo registro da passagem do político e comitiva em Santa Maria (*A Tribuna*), com hospedagem no Hotel dos Viajantes, onde, às seis da tarde, foi servido um banquete oferecido pelo partido republicano local.

- Grupo de excursionistas chegados via trem de Cachoeira e recepcionados na gare por agremiações identificadas por seus estandartes, famílias e a banda do 1º Regimento da brigada, almoçaram no Hotel dos Viajantes e Club Caixeiral, após encontro com políticos locais (*O Estado*, 1903, conforme consta na Casa de Memória Edmundo Cardoso).

- Cônsul italiano Beverini, após hospedagem no Hotel Léon, seguiu para Montevideo, Buenos Aires e, posteriormente, para a Itália.

Alguns profissionais renomados na época faziam do hotel também um local de atendimento ao público, como:

- Morris Stern, especialista ótico de Nova York.

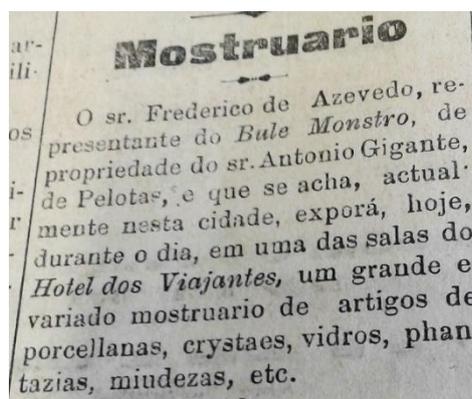
Gradua correctamente a visa de cada olho e confecciona pince nez exactos com crystaes de primeira qualidade [...] Aproveitar, pois, a oportunidade tão rara de conseguir oculos e lentes correctamente por um profissional. **Hotel dos Viajantes**. ATTENDE A CHAMADOS SEM AUGMENTO DE PREÇOS. (*O ESTADO*, 1902).

- João Foernges, “unico optico scientifico no estado – Diplomado em Berlim”, com atendimento por 8-10 dias, a partir de 12 de outubro de 1910 (*A TRIBUNA*, 1910).

- Madame Lefebre, modista francesa estabelecida em uma das salas do Hotel Léon (Casa Pequena, rua dos Andradas, nº 9), conforme o jornal *A Tribuna* (1911).

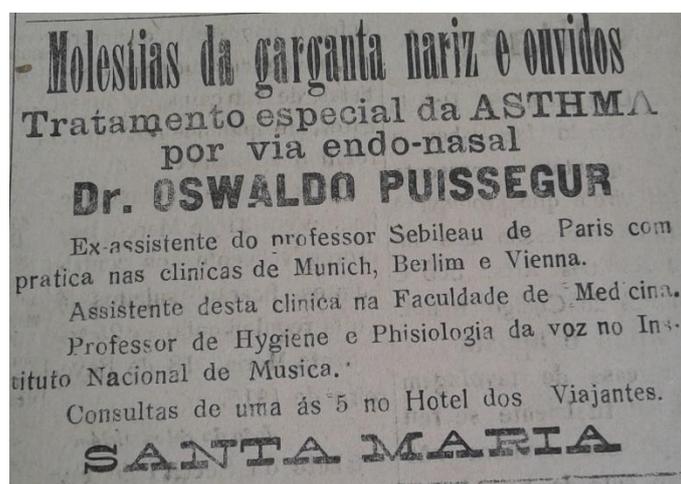
Nessa referência, verifica-se uma possível ala especificada como “Casa Pequena”, que se localizava na Rua dos Andradas, o que indica que o referido estabelecimento apresentava duas testadas, com considerável dimensão. O hotel também servia como referência de negócios, vendas, prestação de serviços, como atendimentos dentários, de advogados e médicos. Era muito comum na época esses profissionais se instalarem, morarem e atenderem seus pacientes no próprio hotel. Esses serviços eram divulgados nos jornais, a exemplo dos anúncios da Figura 23.

Figura 24 – Exposição de artigos de porcelanas no Hotel Léon (1913)



Fonte: AHMSM (2018).

Figura 25 – Atendimento médico no Hotel dos Viajantes (1915)



Fonte: AHMSN (2018).

Em jornais locais, a exemplo de *Diário do Interior*, *A Tribuna*, entre outros veículos, havia uma coluna na qual era noticiada a chegada e partida de visitantes do município, assim como os hotéis em que as pessoas mais notáveis de outras localidades se hospedavam. O Hotel dos Viajantes/Léon era citado com muita frequência nessas publicações, juntamente com o Hotel Kroeff.

Pelo falecimento do proprietário, em 1912, a direção do hotel foi transferida para sua viúva, Camille, que alterou o nome, passando a denominar-se Hotel Léon (Figura 26). Nos anos seguintes, o hotel continuou com o mesmo prestígio e reputação, recebendo hóspedes de cunho político e viajantes de vários municípios do estado, assim como do Brasil e de outros países.

Figura 26 – Fachada do Hotel Léon, data da foto não especificada



Fonte: Acervo Casa de Memória Edmundo Cardoso (2018).

Na Figura 27, no anúncio do Hotel dos Viajantes, único encontrado a respeito, redigido em língua francesa, alguns pontos são salientados, como:

- a posição de destaque no cenário estadual e local;
- as reformas executadas que deram lugar a quartos luxuosamente decorados e bem ventilados;
- a preferência pelos “angariadores” no oferecimento dos serviços às famílias no desembarque na gare;
- preceitos de higiene com oferta de banhos e infraestrutura hidráulica, elétrica e de esgoto;
- qualidade da alimentação e variedade oferecidas pela *cave*;
- o hotel mais procurado do país.

Figura 27 – Anúncio Publicitário



Fonte: Marchiori e Noal Filho (1997).

Em 1916, após 34 anos de administração da família Berthaud, o Hotel Leon foi vendido para o Sr. José Aita, comerciante de Silveira Martins, morador de Santa Maria, que assumiu sua administração em setembro daquele ano. O fato foi noticiado no *Diário do Interior* de junho de 1916 (Figura 28), ficando a gerência do hotel aos cuidados do Sr. Adolpho Aita.

Figura 28 – *Diário do Interior*, de 1916

Fonte: AHMSM (2018).

O Hotel Leon, ao longo do ano de 1918, publicava seu cardápio no jornal o *Diário do Interior*, sempre em francês, com a assinatura do *chef* de cozinha Jean Pujol (Figura 29). Esse menu era servido aos domingos, indicando que o restaurante do hotel também era aberto ao público local.

Figura 29 – Menu dominical do Hotel Leon, em 1918



Fonte: AHMSM (2018).

A notícia de venda do estabelecimento para o Sr. Aita ocorreu em 1916, e informes a respeito retornam em 1917. O intervalo subsequente representa uma lacuna nas fontes bibliográficas, pois esse período não apresenta material físico ou correlato de comprovação, porém, o *Diário do Interior*, de 1921, registra uma declaração da dissolução da sociedade de forma amigável, mantida entre Madame Berthaud e o Sr. Eugênio Martin, ficando a administração a cargo do último, como todos os prédios pertencentes ao hotel (Figura 30).

Figura 30 – *Diário do Interior*, de 1921

Fonte: AHMSM (2018).

Esse hiato proveniente da falta de informações suscitam dúvidas sobre a participação de Camille Berthaud no Hotel Leon no período. O sr. Aita teria realmente adquirido o Hotel ou seria arrendatário? Quando se iniciou a sociedade com o Sr. Eugênio Martin, que se desfez em 1921? O fato é que a viúva, a seguir, transferiu residência para a França, mas antes de partir, o atual proprietário promoveu, à tarde, uma ceia íntima de despedida para Sra. Camille Berthaud.

Diferente de outros hotéis, o Leon não tinha o costume de fazer propagandas em jornais, almanaques ou guias, com exceção de 1914, quando Madame Berthaud fez uma divulgação do seu estabelecimento no Álbum de Santa Maria. O Hotel Leon, quando ligado a notícias, sempre esteve em reportagens relacionadas a banquetes, hospedagem de personagens ilustres ou venda e prestação de serviços de clientes que tinham como referência o estabelecimento hoteleiro.

A fase de administração da família Gonçalves é registrada com a compra por Lucio Theodosio Gonçalves de Eugenio Martin, conforme *Diário do Interior*, de 28 de junho de 1922 (Figura 31).

Figura 31 – Registro de venda do Hotel Leon (*Diário do Interior*, 1922)



Fonte: AHMSM (2018).

Em 1922, sob nova administração, anúncios publicitários remetendo ao proprietário (M. Gonçalves) foram sendo publicados com mais frequência, a exemplo da Figura 32 divulgado no jornal *Diário do Interior*.

Figura 32 – Anúncio a respeito dos predicados do Hotel Leon (*Diário do Interior*, 1922)



Fonte: AHMSM (2018).

Diante do notável histórico do Hotel Leon, principalmente no que diz respeito à gastronomia, sob essa nova administração, foi contratado da cidade de Buenos Aires,

o chef de cozinha, Nicacio Rodriguez. Na sequência de sua trajetória, ao final de 1928, uma declaração é feita em jornal, comunicando que o Hotel Leon passa a ter novo proprietário Jeronymo ou Girolamo Schettini, que, junto com seu filho mais velho, Carlo e Nicola Alicata (genro) iniciaram uma nova gestão no afamado hotel.

A família Schettini já constava com um histórico hoteleiro, pois já haviam sido proprietários do Hotel Kröeff, no ano de 1913. Nas Figuras 33 e 34, há a divulgação no jornal sobre a nova administração.

Figura 33 – Jeronymo Schettini novo proprietário do Hotel Leon (*Diário do Interior*, 1928)



Fonte: AHMSM (2018).

Figura 34 – Anuário de Santa Maria 1938



Fonte: Casa de Memória Edmundo Cardoso (2018).

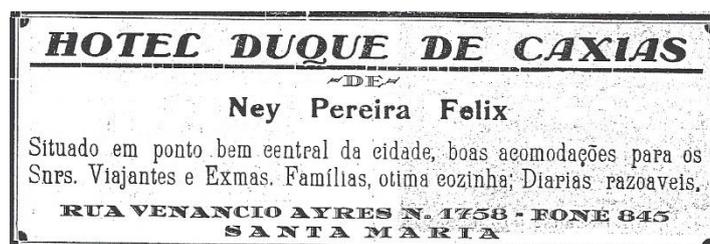
Sobre a administração de Schetini & Alicata, o Hotel Leon foi descrito, pela Sra. Josephina Alicata Pessoa dos Santos, neta e filha dos proprietários, como tendo:

10 sacadas: seis no meio entre portões grandes, e duas nas laterais, terminando por dois pequenos portões. As sacadas em arco com gradil de ferro e portas de vidro eram rentes à rua[...]. A construção era em forma de U, com a base voltada para a Rua Venâncio Aires. O fundo incorporava uma casa na Rua dos Andradas. Do lado esquerdo, havia saída para a Rua Floriano Peixoto. Os utensílios eram de primeira qualidade. Todas as mesas de cabeceira, cômodas e penteadeiras tinham tampo de mármore, em estilo francês. O salão de café, possuía entre suas janelas, espelhos de cristal, além de um grande afresco na parede esquerda. O salão de café se comunicava com o de refeições por duas grandes portas em arco, guarnecidas com vidro. O emblema do hotel era um leão com uma argola na boca. Havia duas grandes cabeças dessas esculpidas em bronze no salão principal. [...] Na ala direita do hotel havia um canteiro de violetas [...] Os quartos dessa ala eram os mais nobres. No final do corredor, o único apartamento com sala, quarto e banheiro privativo era reservado às pessoas mais importantes. Na parte de baixo do salão, existia uma enorme adega com prateleiras de ferro. Lá eram estocados os enlatados e bebidas estrangeiras. No jardim de flores [...] havia um chafariz. No lado direito uma ala desativada foi transformada em lavanderia. À frente se estendia um grande pomar e, mais abaixo, à esquerda, existia um galpão onde era cortada e estocada a lenha. (DIÁRIO DE SANTA MARIA, 2000).

Em virtude de Jeronymo Schettini não concordar com as propostas de mudança propostas pelo genro, que se retirou da sociedade, o hotel foi arrendado e, posteriormente, vendido. A recomendação de Nicola Alicata era a ampliação para o outro lado da rua, cujo terreno foi vendido para a família Chami.

Conforme relato de Isaia (2002) editado no jornal *A Razão*, em 18/07/2002, o prédio foi vendido, em 1943, para Albino Schaurich, que continuou com a atividade hoteleira sob a denominação Hotel Duque de Caxias, até 1947, quando o governo federal adquiriu o imóvel para construção dos Correios e Telégrafos, cuja inauguração ocorreu em 1953.

Figura 35 – Anúncio Publicitário do Hotel Duque de Caxias (antigo Hotel dos Viajantes/Leon)



Fonte: Acervo Casa de Memória Edmundo Cardoso (2018).

### 4.3.2. Hotel Kröeff<sup>12</sup>

Fundado em 1897, localizava-se na rua Venâncio Aires, n. 1 (atual Galeria do Comércio), com frente também para a Rua do Comércio, n. 3 (hoje, Calçadão Salvador Isaia), num antigo sobrado de dois andares. A Figura 36 (sem data) destaca o registro fotográfico do Hotel Kröeff, em sua fachada para a Rua Venâncio Aires, com a devida identificação, sugerindo a presença de dois pavimentos seguidos por construção térrea. Em seu entorno, havia casas e prédios baixos, tendo, à esquerda, a presença da Casa Feliz<sup>13</sup> e várias placas de anúncios e, na esquina, à direita, onde, anos depois, foi construído o Hotel Jantzen, o primeiro prédio de quatro andares em Santa Maria.

Figura 36 – Vista da Rua Venâncio Aires com destaque ao Hotel Kröeff



Fonte: Fotografia de Helio e Wilson Aita (Fundação Eny, 2018).

Sua instalação ocorreu em prédio de propriedade de Carlos Kröeff, tendo a atividade hoteleira sido implantada pelos Srs. Henrique Carnos e Olivio Kröeff. No decorrer dos anos, até ser demolido, em 1956, para dar lugar a Galeria do Comércio, o Hotel Kröeff possuiu vários proprietários, e por um curto período trocou de nome.

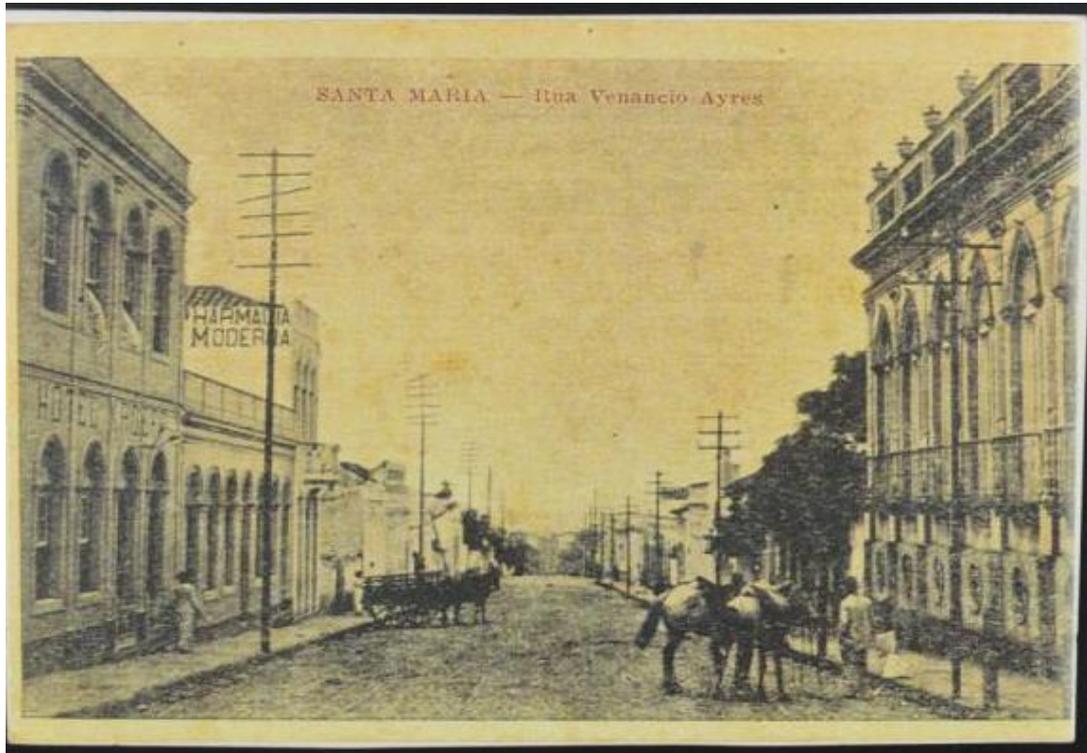
A Figura 37 retrata a fachada do Hotel e a presença da Pharmácia Moderna, localizada próxima a ele, e, em frente, a residência hoje pertencente à Família Mariano da Rocha, na Rua Venâncio Aires. Percebe-se que essas três construções são as que

<sup>12</sup> A grafia do sobrenome Kröeff é encontrada com trema, como nos anúncios publicados em jornais e em Recchia (2006) e Morales (2008), e sem trema conforme autores como Costa Beber (1998) e Marchiori e Noal Filho (2008).

<sup>13</sup> Agência de bilhetes da Loteria do Estado de propriedade de Antonio Prestesfelippe.

se destacam nesse trecho da rua, onde cavalos e charretes eram utilizados como meio de transporte da época.

Figura 37 – Construções da Rua Venâncio Aires



Fonte: AHMSM (2017).

Segundo dados, o hotel contava com instalações sanitárias, luz elétrica e telefones (DIÁRIO DE SANTA MARIA, 2017). Sua capacidade era de 42 quartos separados em dois setores: um para casais e outro para solteiros, além de um grande salão para festas e refeições, o que lhe conferia uma média de 10.000 hóspedes ao ano (BEBER, 1998).

O estabelecimento se destacava tanto pela sua higiene, como também pela sua cozinha com destaque para o *paté de fois gras*<sup>14</sup>. Disponha de uma excepcional adega e uma diversidade de especiarias. Associados a toda a qualidade do hotel, sobressaíam o cavalheirismo e a educação dos proprietários com seus hóspedes (MARCHIORI; NOAL FILHO, 2008; BEBER, 1998).

<sup>14</sup> Refere-se ao termo francês “fígado gordo”, pois os gansos eram submetidos à alimentação forçada para, posteriormente, serem utilizados no preparo de patês (PABIS, 2011).

O mobiliário presente registrado em um dos quartos se constitui em cama de ferro, criado mudo, cômoda, penteadeira para a *toilette*, guarda-roupa e cadeira. Sobre os móveis, alguns objetos, provavelmente, de louça ou porcelana, apoiados em guardanapos de linho e passadeira em *crochet* (Figura 38). A janela ampla permitia insolação e aeração, enquanto a proteção dos hóspedes era garantida pela presença de mosquiteiros.

Figura 38 – Registro de um dos quartos do Hotel Kröeff e, em destaque, os proprietários, Srs. Olivio Kröeff e Henrique Carnos



Fonte: Diário de Santa Maria (25 de março de 2017).

Viajantes em passagem pela cidade, a exemplo do cidadão que utilizava o pseudônimo de O. M.<sup>15</sup> (ênfatizando, em seus relatos de viagem, importantes registros de hábitos costumeiros do povo gaúcho da época, publicados nas páginas do jornal denominado *O Taquaryense*<sup>16</sup>, a partir de 1904), após uma viagem conturbada, registra:

[...] chega-se afinal a populosa, próspera e simpática Santa Maria onde, desde o momento em que se desembarca, sente-se uma boa impressão, pela aglomeração de pessoas que se encontra na estação; pela quantidade de

<sup>15</sup> Não foram encontrados registros da identidade de O. M.

<sup>16</sup> Fundado em 1887, é o segundo mais antigo do Estado do Rio Grande do Sul (o primeiro é a *Gazeta de Alegrete*, que circula desde 1882). O jornal continua a circular ainda com impressão de modo tipográfico.

carros mais ou menos corretos, que ali se acham; pelo capricho que se observa nas ruas; pelo cuidado, finalmente, que se nota nos dois principais hotéis, com particularidade no popularíssimo Hotel Kröeff onde os hóspedes encontram, além da vastidão do edifício, o maior capricho tanto no cuidados com os quartos, como na cozinha e também na mesa, que é farta, bem servida, e que nada fica a dever às melhores das suas congêneres de qualquer outro ponto do Estado (MARCHIORI; NOAL 2008, p. 108).

Após a administração dos primeiros proprietários acima citado, o jornal *A Tribuna*, em 1910, divulgou que o Hotel Kröeff passara a ter um novo dono: Perfecto Leirós, que também possuía outros negócios na cidade, como a loja *Predilecta* (razão social *Leirós & Paz*), especializada em tecidos importados, localizada na esquina da Rua do Comércio com Av. Rio Branco, além de locação de casas e terrenos. Em outubro de 1910, sob a administração de Leirós, melhorias foram registradas, a saber:

- inauguração do caramanchão;
- instalação do cinema *Recreio Familiar* no Hotel Kröeff, sendo matéria publicada no jornal *A Tribuna*: “As secções começarão no escurecer e as pessoas que se hospedarem no hotel Kröeff terão entrada grátis...haverá ali bebidas e refrescos. A entrada é pela rua do Comércio”.

Relatos de Recchia (2006) apontam que na fachada junto a Rua do Comércio em espaço dianteiro, no verão era instalada uma sorveteria. Em dezembro de 1910, o atual dono do Kröeff coloca o estabelecimento à venda por meio de anúncio no *A Tribuna* e, assim, em 1911, passam a ser os novos proprietários os Srs. José Corrêa e José Paganotti.

Em 09 de setembro de 1913, novamente o Hotel Kröeff foi vendido para os sócios Francisco Fittipaldi e Paulo Schettini, conforme comprovado em anúncio no jornal *Diário do Interior* (Figura 39), que também destaca a posição privilegiada do mesmo, a culinária, higiene e preços.

Figura 39 – Anúncio do Hotel Kröeff (*Diário do Interior*, 1913)



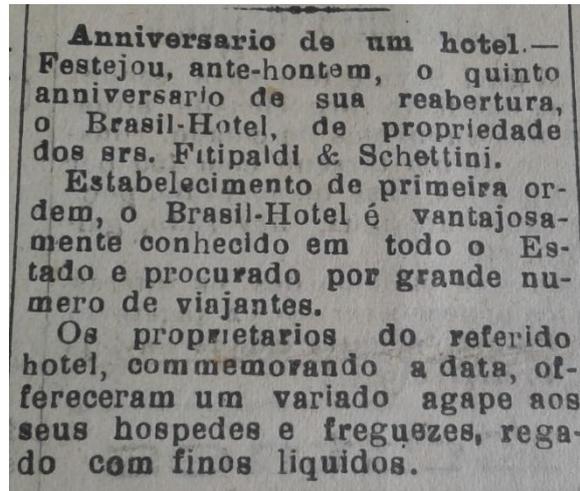
Fonte: AHMSM (2018).

Sob nova administração, o hotel passou por grandes reformas, tanto internas como externas, contando com 49 quartos arejados e iluminação elétrica. Possuía dois departamentos, um destinado aos homens e outro para famílias, com entradas independentes. Oferecia sala para receber visitas, ampla sala de jantar, escritório para os hóspedes, latrinas higiênicas, quarto para banho, entre outras melhorias.

Foi reinaugurado em setembro de 1913, quando foi oferecido, pelos novos hoteleiros, um *lunch* para a Imprensa. O hotel contava também com um serviço de *chauffeur*. Segundo coluna do *Diário do Interior*, foi cogitado trocar o nome do estabelecimento para Hotel Internacional, o que não ocorreu, conforme anúncio publicitário com o nome dos novos administradores.

Ainda sob a administração de Fittipaldi & Schettini, o Hotel Kröeff, em meados de 1917, passa a se denominar Brasil-Hotel. Não foi possível precisar a data exata da mudança do nome nem o motivo, porém, o jornal *Diário do Interior* (Figura 40) menciona os festejos realizados pela passagem do aniversário do hotel.

Figura 40 – Anúncio do Brasil-Hotel (*Diário do Interior*, 10/09/1918)



Fonte: AHMSM (2018).

Devido à dissolução da empresa Brasil-Hotel por motivos familiares, o Sr. Schettini retornou para Itália, ficando o Sr. Francisco Fittipaldi e sua esposa como proprietários, e Domingos Martins como gerente do hotel. Porém, em 1921, Sr. Francisco Fittipaldi e a família seguiram para Europa, e o acreditado hotel retorna para seus fundadores, Olivio Kröeff e Henrique Carnos.

Em comunicado no jornal *Diário do Interior*, de 1921, além de ser reestabelecida a antiga denominação do hotel, informam sobre os importantes aperfeiçoamentos do estabelecimento, destacando a cozinha, que teceu elogios dos hóspedes, além dos quartos arejados, camas higiênicas, adega completas. Além dessas qualidades, um item citado no enunciado chama a atenção: “pessoal habilitado para atender os srs. hóspedes a qualquer hora do dia ou da noite”. Essa referência, até então não encontrada nos demais anúncios, remete à importância do *staff* (possivelmente treinado) para o excelente atendimento e a personalização dos serviços prestados por um dos proprietários, especialmente, às famílias.

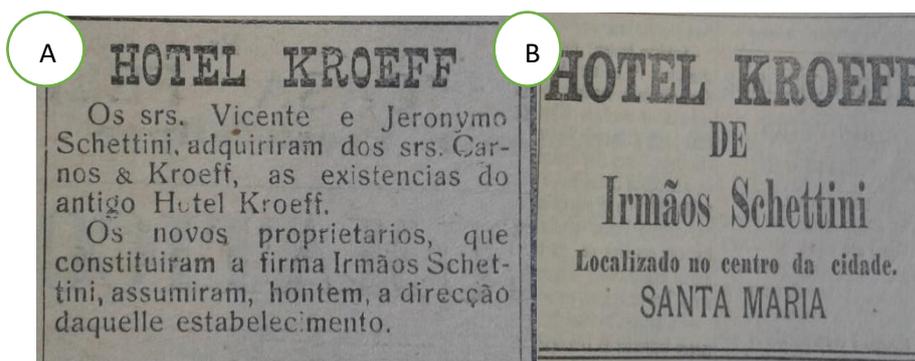
Figura 41 – Comunicado dos “novos” proprietários do Hotel Kröeff (*Diário do Interior*, 1921)



Fonte: AHMSM (2018).

Em 1922, uma nova notícia sobre a aquisição de antigos proprietários do hotel Kröeff, conforme figura 42, divulgada no jornal *Diário do Interior*, de 1922.

Figura 42 (A e B) – Nova aquisição do Hotel Kröeff (*Diário do Interior*, 1922)



Fonte: AHMSM (2018).

Domingos Martins, com histórico relacionado à hotelaria, por ter sido possuidor de outro imóvel hoteleiro no município e ex-gerente do Hotel Kröeff nos anos de 1917 a 1921, ainda na década de dez do século XX, torna-se o proprietário do aclamado hotel. Na sua administração, chamam a atenção os seguintes anúncios publicitários

(Figura 43), pois é apresentado com foto da fachada do hotel (Rua Venâncio Aires), registro que não era comum ainda em jornais da cidade.

Figura 43 – Fachada do Hotel Kröeff (*Diário do Interior*, 1928)



Fonte: AHMSM (2018).

Em anúncio atípico (Figura 44), apresenta uma ilustração que sugere a figura de um cozinheiro em traje característico, ostentando, na mão direita, um prato, e no outro, uma colher. A imagem é realçada por hachuras e vinhetas com feição de um instrumento musical. O texto faz menção à localização (relação com os principais pontos da cidade), ao atendimento e o aos serviços de recepção e transporte (hoje denominado receptivo).

Figura 44 – Anúncio do Hotel Kreoff (*Diário do Interior*, 1928)



Fonte: AHMSM (2018).

Embora com a dissolução da sociedade Domingos Martins & Cia, o hotel continua suas atividades, administrado por Martins e esposa (Figura 45) até o ano de 1930. Beber (1998) relata que, ao deixar a administração do Hotel Kröeff, Domingos Martins e Maria Scangarelli Martins, no mesmo ano, fundaram o Hotel Glória.

Figura 45 – Dissolução de sociedade “Hotel Kröeff” (*Diário do Interior*, 1928)



Fonte: AHMSM (2018).

Em 1930, Sr. Mário Valdez adquire o Hotel Kröeff e, para celebrar a aquisição, reúne a imprensa local e de Porto Alegre, oferecendo um jantar para comemorar o seu novo negócio. Sr. Valdez já tinha experiência com hotelaria, pois havia trabalhado no ramo na cidade de Cruz Alta.

Figura 46 – Propaganda Hotel Kröeff (*Diário do Interior*, 1930)



Fonte: Acervo Casa de Memória Edmundo Cardoso (2018).

Na sequência, outros gestores (não se confirma se proprietários ou arrendatários) administraram o Hotel Kröeff, a exemplo de Luiz Pavani & Irmão, e de Afonso D'Império, quando ocorre o encerramento de suas atividades. Após essa trajetória com diferentes tutelas, porém, com extrema qualidade na arte hospedar, finda-se o ciclo desse estabelecimento, e o prédio que abrigara o Hotel Kröeff, no ano de 1956 começa a ser demolido para dar lugar à Galeria do Comércio (Figura 47 A e B).

Figura 47 – Registros do processo de demolição Hotel Kröeff, em 1956



Fonte: Fundação Eny (2018).

### 4.3.3 Bemporat Hotel

A notícia da inauguração, em 12 de março de 1910, do Bemporat Hotel, de propriedade de Achylles Bemporat, foi produzida pelo jornal *A Tribuna*, de 1910 (Figura 48), constituindo-se em um dos raros registros sobre suas especialidades, bem como sua presença física na Avenida Rio Branco próximo ao Hotel Müller (Figura 49), onde verifica-se apenas o letreiro com o nome do estabelecimento construído em prédio de dois andares.

Figura 48 – Propaganda do Hotel Bemporat (*A Tribuna*, 1910)



Fonte: AHMSM (2018).

Constatou-se, em Beber (1998), a referência ao Hotel Temporat, suscitando imprecisão a respeito. Seriam dois empreendimentos hoteleiros da época ou ocorreu uma discordância de grafia?

Figura 49 – Hotel Müller e, ao fundo, Hotel Bemporat, localizados na Av. Rio Branco



Fonte: Acervo Casa de Memória Edmundo Cardoso (2018).

A empresa Bemporat, que administrava, além do hotel, outros negócios na cidade, a exemplo dos carros e restaurantes da viação férrea, no idos de 1911 entra em falência. Reportagem do *Diário do Interior* aponta a fuga do proprietário Sr. Achylles Bemporat, provavelmente para o Uruguai, o que gerou prejuízos aos funcionários e fornecedores.

Sobre o exposto, há relação nas manifestações de Nicoloso (2012) ao se referir que os negócios que foram abertos ao largo da Avenida Rio Branco, como bancos, restaurantes, farmácias e rede de hotéis pertenciam a algumas famílias mais abastadas, que já haviam se consolidado economicamente no município ou que foram atraídas pelas possibilidades de negócios a partir da ferrovia. Em face ao ocorrido, um novo hotel se instala onde fora o Hotel Bemporat, sob a denominação Hotel Alliança, tendo como responsável o Sr. José Paganotti. Porém, devido à realização do ativo da massa falida de A. Bemporat, conforme edital firmado por Mediteguy & C<sup>a</sup>, o imóvel localizado na Avenida Rio Branco, sob o nº 89, passa a ser alvo de proposta mediadas pela Caixa Filial do Banco da Província.

A entrega do prédio, dos móveis e utensílios gerou a necessidade de informar, por meio dos jornais, sobre a premência dos hóspedes saldarem seus débitos e anunciarem o término das atividades. Em julho de 1913, após ter ficado um longo período fechado, o Hotel Alliança é reaberto, passando por reformas e tendo um novo proprietário, João Manuel Antunes. Em anúncio publicitário no jornal *Diário do Interior*, de 1913 (Figura 50), são destacadas sua localização, a cozinha e a estrutura dos quartos.

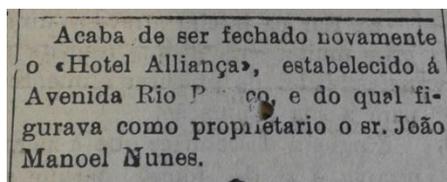
Figura 50 – Notícia da reabertura do Hotel Alliança (*Diário do Interior*, 1913)



Fonte: AHMSM (2018).

Porém, em outubro do mesmo ano, sem motivos divulgados, circula uma nova notícia de encerramento das atividades hoteleiras do Aliança.

Figura 51 – Registro de fechamento do Hotel Aliança (A *Tribuna*, 1913)



Fonte: AHMSM (2018).

No ano de 1914, com as festividades do centenário do município, o Hotel Aliança é reaberto sob nova administração e com capacidade para atender um número superior a 100 pessoas, segundo reportagem publicada no *Diário do Interior* (Figuras 52 A e B).

Figura 52 (A e B) – Notícia sobre reabertura do Hotel Aliança (*Diário do Interior*, 1914)



Fonte: AHMSMS (2018).

Mesmo com a nova administração, os móveis do antigo Hotel Bemporat, sob a custódia do Sr. Walter Só Jobim, juiz Distrital de Santa Maria, foram a leilão no mesmo ano de reabertura do Hotel Aliança, situado no mesmo prédio.

#### 4.3.4 Restaurante e Hotel Central

A respeito do estabelecimento de propriedade de Antonio Giacoletto, não foram encontradas informações da data de inauguração, no entanto, em 1904, imagem de seu assentamento foi registrada na face oeste da Praça Saldanha Marinho. Ademais,

há outras referências arquitetônicas e comerciais, como a Loja A Predilecta e o estabelecimento de Annibal de Primio, conforme divulgado no Diário de Santa Maria, de 2 de junho de 2017.

Em 1910, *A Tribuna* (Figura 53) apresentava anúncios sobre o Restaurante e Hotel Central, que, além de disponibilizar um espaço, com destaque para a culinária brasileira e italiana, fazia entregas a domicílio, bem como comercializava vinhos nacionais e importados, a exemplo de “Nebbiolo Barbera” e “Moscato”, bem como conservas e doces.

Figura 53 – Menção ao Hotel e Restaurante Central (*A Tribuna*, 1910)



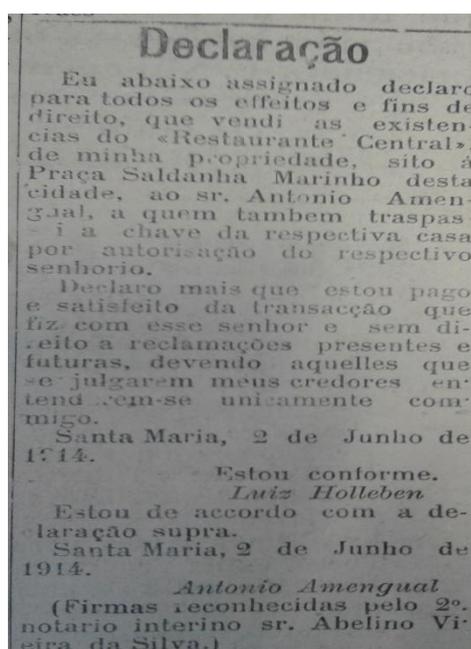
Fonte: AHMSM (2018).

Após o rompimento do contrato da empresa Bemporat com a Viação Férrea, na prestação de serviços com o restaurante nos vagões, o Sr. Giaccolleto assume a administração do ofício. Paralelamente ao fato, por razões alheias, em 1911, ele delibera pela venda do empreendimento hoteleiro, utilizando, como meio de divulgação, o jornal *A Tribuna* (Figura 54), que enfatiza as vantagens do negócio, porém, na sequência, era divulgada a venda por meio de leilão, fato não esclarecido nas fontes consultadas.

Figura 54 – Anúncio da Venda do Hotel e Restaurante Central (*A Tribuna*, 1911)

Fonte: AHMSM (2018).

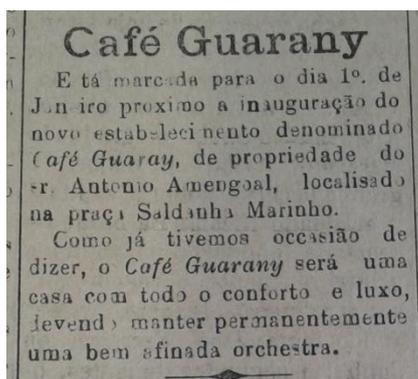
No ano de 1913, em reportagem no jornal *Diário do Interior*, é citado o nome do Sr. Luiz Hollenben como proprietário do Hotel e Café Central. Porém, no ano seguinte, o estabelecimento foi vendido para outro empresário, o Sr. Antônio Amengual, segundo declaração exposta na Figura 55.

Figura 55 – Declaração de compra do Hotel Central (*Diário do Interior*, 1914)

Fonte: AHMSM (2018).

Após a transação de compra e venda, o estabelecimento ficou fechado, e os pertences como móveis e utensílios foram a leilão. No decorrer do ano de 1914, foi noticiado que o novo proprietário pretendia abrir um luxuoso café, denominado Café Guarany, junto ao Café e Hotel Central, na Praça Saldanha Marinho, justificando as reformas que o prédio estava passando, desde a sua aquisição.

Figura 56 – Notícias sobre inauguração do Café Guarany (Diário do Interior, 1914)



Fonte: AHMSM (2018).

Foi contratado um pintor e decorador para desempenhar a função de redecorar o estabelecimento, que tinha como previsão de inauguração o mês de janeiro do ano seguinte. O sr. Francisco Ros, a quem foi confiada a missão, apresentava uma vasta experiência no ramo e sua referência para a contratação dos serviços era o Hotel Centenário (Figura 57).

Figura 57 – Anúncio de serviços de pinturas e decoração (*Diário do Interior*, 1914)



Fonte: AHMSM (2018).

Observou-se uma discordância de datas quanto à inauguração Café Guarany, pois o *Diário do Interior* registra, no dia 25 de dezembro de 1914, a inauguração a ser realizada em 1º de janeiro do ano seguinte, enquanto Morales (2008, p.114) enuncia que:

Em 31 de dezembro de 1915, Antonio Amengual iniciava as atividades do Café Guarany [...] situava-se em frente à Praça Saldanha Marinho, face oeste, onde desde o final do século XIX havia funcionado o Restaurante Central.

Por outro lado, Beltrão (1979) registra o fato em 1916. De qualquer modo, percebe-se que a inauguração do Café se deu entre 1915 e 1916.

O local onde funcionava o estabelecimento hoteleiro passou a atender apenas o famoso Café, não oferecendo mais o serviço de hospedagem. Anos depois, tem-se, novamente, notícias do Hotel Central. Em uma nota no jornal *Diário do Interior*, no dia 1º de fevereiro de 1921, foi comunicado que o hotel estava instalado em outro prédio, também na praça Saldanha Marinho, nº 8, passando a ser propriedade de Domingos Martins, que já tinha experiência com o ramo hoteleiro, pois havia sido gerente do Brasil-Hotel (Kröeff) (Figura 58 A e B).

Figura 58 (A e B) – Notícias sobre Hotel Central e novo proprietário (*Diário do Interior*, 1921) e Anúncio publicitário do Hotel Central (*Diário do Interior*, 1921)



Fonte: AHMSM (2018).

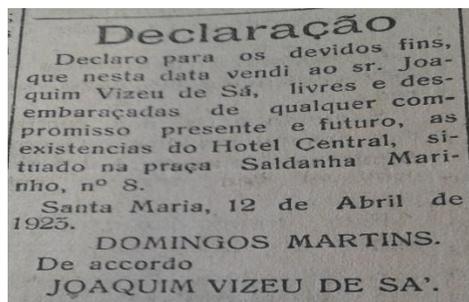
Na Figura 59, a informação retirada do jornal *Diário do Interior*, de 1922, comunica as reformas que o proprietário Domingos Martins estava empreendendo no hotel, chamando a atenção para o anexo junto ao Cine-Theatro Independência, o que demonstra que eram lado a lado.

Figura 59 – Notícias sobre Hotel Central (*Diário do Interior*, 1922)



Fonte: AHMSM (2018).

Após a administração de Domingos Martins, os registros dão conta da venda do hotel em abril de 1923, para Joaquim Vizeu de Sá (antigo proprietário do Hotel Colombo), consoante publicação na imprensa (Figura 60).

Figura 60 – Notícias da venda do Hotel Central (*Diário do Interior*, 1923)

Fonte: AHMSM (2018).

Posteriormente, também foi referido como proprietário, o Sr. J. C. Pinto, no ano 1928 (Figura 61), data em que colocou à venda os pertences e disponibiliza o hotel para arrendamento.

Figura 61 – Anúncio de venda de hotel (*Diário do Interior*, 1928)

Fonte: AHMSM (2018).

No ano de 1929, sob a administração da família Delaméa, o nome do empreendimento foi alterado para Centro Hotel. Seu diferencial baseava-se na disponibilização de uma linha de caminhão-ônibus, auxiliando o transporte dos hóspedes, especialmente alunos das escolas com destino à Colônia de Silveira Martins e Vale Vêneto, que eram beneficiados por “abatimento nos preços das passagens”.

Figura 62 – Propaganda do Centro Hotel sob nova administração (*Diário do Interior*, 1929)



Fonte: Acervo Casa de Memória Edmundo Cardoso (2018).

Um registro (Figura 63) sem data especificada, exhibe a fachada do Centro Hotel, ao lado do Cine-Theatro Independência, como um prédio térreo arrematado por balaustrada, confrontando o passeio e marcado por uma porta centralizada e duas janelas laterais, todas em arco. Sua simplicidade contrasta com a suntuosidade do prédio vizinho.

Figura 63 – Fachada do Centro Hotel (blog prof. Brenner)



Fonte: Blog Professor Brenner.

Segundo Rechia (2006), no ano de 1934, começou a circular o jornal *A Razão*, que teve como a sua primeira sede esse imóvel. A Figura 64 salienta a manutenção da fachada, ostentado apenas o letreiro da referida empresa jornalística.

Figura 64 – Fachada do jornal *A Razão*

Fonte: *A Razão* (2018). Disponível em:  
 <[https://encryptedtbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRcebQBUDu-g\\_eQXHvCVaon2R6Qf7ukBw5VvOeyTL740SDsgu0aQ](https://encryptedtbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRcebQBUDu-g_eQXHvCVaon2R6Qf7ukBw5VvOeyTL740SDsgu0aQ)>.

#### 4.3.5 Hotel Paris

Situado na Avenida Rio Branco, nº 34, próximo à Estação Férrea, encontrava-se o Hotel Paris, de propriedade de Arthur Castro. Embora não tenha sido possível identificar a data de sua inauguração, as primeiras notícias a respeito disso ocorreram no ano de 1913, no jornal *Diário do Interior*, a exemplo do anúncio referenciado na Figura 65.

Figura 65 – Divulgação do Hotel Paris no *Diário do Interior* (1913)

Fonte: AHMSM (2018).

Na descrição do estabelecimento, além dos benefícios que o hotel proporcionava como iluminação elétrica, restaurante noturno com comidas frias e

quentes, entre outros, o destaque recai na divulgação do valor das diárias. Em outubro do mesmo ano, foi inaugurado, junto ao hotel, um “centro de diversões”, denominado de Cinema-Café-Cantante ou Cinema-Paris-Cantante. Para tal, o proprietário se deslocou à capital Porto Alegre para contratar as fitas e artistas para trabalhar no cinema, como Rosita Milano (italiana) e Gauchita (cancioneira brasileira). Segundo o *Diário do Interior* (1913), “o salão está caprichosamente montado, iluminado a lâmpadas multicores, com boas accommodations, dispondo de um bem afinado piano.”

Outro evento que o hotel proporcionou aos hóspedes e público em geral, nos anos de 1913 e início de 1914, foram os bailes, que aconteciam todas as quartas e sábados. Os anúncios em jornal apresentaram, no ano de 1914, reajuste no valor da entrada (Figura 66).

Figura 66 – Convite para os bailes no Hotel Paris (*Diário do Interior*, 1913 e 1914)



Fonte: AHMSM (2018).

Após esses eventos e melhorias na estrutura do hotel, houve um esvaziamento de referências não sendo encontradas mais informações a respeito do Hotel Paris.

#### 4.3.6 Hotel Itália

Autores como Beber (1998) relatam que o Hotel Itália fora fundado por um italiano chamado Fioravante Stival, sem precisar a data de sua abertura. Sua localização era na Avenida Rio Branco, nº 226, quase esquina com a rua Ernesto Beck, próximo a Viação Férrea.

Em entrevista no jornal *A Razão* (2007), Irma Stival (93 anos), proprietária e filha do fundador, relatou que, na época da ferrovia, as pessoas vinham até Santa Maria para fazer compras, consultas ou apenas para fazer a baldeação do trem. Às

vezes eram tantos hóspedes, que tinham que acomodá-los no chão. Irma Stival recorda: “Foi uma época de ouro”.

Por motivos de perseguição aos italianos na II Guerra Mundial (1939-1945), o hotel passou a se chamar Tupi. No anúncio publicitário (Figura 67), com a nova denominação, menção é feita às 80 acomodações, luz, água encanada e cozinha de primeira ordem.

Figura 67 – Anúncios publicitários no Guia Geral do Município (1946)



Fonte: Acervo Casa de Memória Edmundo Cardoso (2018).

Na tarefa de investigar a trajetória dos hotéis, observa-se uma informação procedente de Morales (2008, p. 140):

A confluência das estradas de ferro em Santa Maria gerou grande desenvolvimento da rede hoteleira nas imediações da gare local, em especial na Avenida Rio Branco. O Hotel Tupi, ainda existente próximo à Rua Ernesto Beck, foi comprado em 1923, pelo imigrante italiano Fioravante Stival. Na época, o local se chamava Itália Hotel e tinha só um andar. O novo proprietário ampliou o prédio com um novo andar e disponibilizou a freguesia oitenta quartos com modernas (para aquela época) as instalações de água corrente e luz direta.

Em vista dessas informações e somado ao fato de ser relatado no jornal *Diário do Interior* (1913) episódio de assalto envolvendo Sr. Paulo Magoga, mencionando-o como proprietário do Hotel Itália, cria-se uma imprecisão a respeito dos fatos, ou seja: Stival, de origem italiana, teria sido realmente o fundador de um hotel cujo nome homenageia seu país de origem e, posteriormente, por questões políticas, renomeia-o em um apelo totalmente nacional? Teria sido Paulo Magoga o fundador do hotel que o vendeu, posteriormente, a Stival?

A descontinuidade cronológica das fontes poderá ser o fator que tenha suscitado tais indagações, porém, era comum, na época, o contínuo processo de compra e venda dos estabelecimentos hoteleiros, gerando indefinição em algumas

situações. Em reportagem publicada no jornal *A Razão* (17-18/11/2007), Binato de Almeida, com fundamentação em Beber (1998), faz referência aos hotéis que trocaram de nome devido ao momento histórico vivenciado à época pelos seus proprietários de descendência italiana, a saber, o Hotel Itália e Hotel Roma (Figura 68).

Figura 68 – Reportagem a respeito dos hotéis administrados por italianos na cidade



Fonte: Acervo Casa de Memória Edmundo Cardoso (2018).

#### 4.3.7 Pharol Hotel

Construído em 1923, por João Arno Brenner (que havia sido proprietário por algum tempo do Hotel Hamburgo), na Avenida Rio Branco, nº 135, próximo à Estação Ferroviária (Figura 69) contava com 70 quartos e um vasto salão de refeições com capacidade para 100 pessoas.

Figura 69 – Hotel Pharol/Farol, em 1933



Fonte: Guia Ilustrado de Santa Maria (1938).

Em maio de 1923, no jornal *Diário do Interior*, foi publicada reportagem detalhada a respeito do andamento da obra do Pharol Hotel (Figura 70).

Figura 70 – Notícias sobre a obra do Pharol Hotel, em 1923

<p><b>Construções de prédios</b> <b>Pharol Hotel</b></p> <p>Tivemos oportunidade de visitar as obras em construção do alteroso edificio mandado levantar na avenida Rio Branco pelos srs. Francisco F. Brenner e João Carlos Brenner, para nelle funcionar o estabelecimento que se denominará Pharol Hotel.</p> <p>A sua fachada, apesar de não estar ainda concluída, já apresenta um bonito aspecto, recommendando bastante o architecto dr. Jorge Haberkorn, autor da planta do alludido prédio e a quem está affecta a direcção de todas as obras do mesmo.</p> <p>Além da parte terrea, constituída de espaçosos porões destinados á adega e de um longo corredor para a entrada e saída de vehiculos, possui o vasto prédio tres andares, dispondo, cada um, de todas as accomodações imprescindíveis a um hotel de primeira ordem.</p> <p>O primeiro andar consta de duas salas para refeições, tendo uma dellas lotação para cem pessoas, uma sala de leitura e musica, dois aposentos destinados á familia de um dos proprietarios do estabelecimento e aos fundos oito quartos para hospedes, cozinha, copa, dispensa, banheiros e latrinas.</p> <p>O segundo andar dispõe de 12 quartos, uma sala para conferencias, compartimentos para a hygiene dos hospedes e um vasto terraço aos fundos, construido de concreto e revestido de mosaicos.</p>	<p><b>Diário do Interior – Santa Maria</b> sábado, 25 de agosto de 1923 – p. 2 pesquisa: José Antonio Brenner, 21.10.2010. Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria</p> <p>Abaixo do terraço, com communicações com o mesmo, estão sendo construidos novos pavimentos, dispondo do conforto necessario á commodidade dos hospedes.</p> <p>Depois de visitarmos os compartimentos já descriptos, passamos para o terceiro andar, que contém 15 quartos e outras dependencias indispensáveis.</p> <p>Todos os aposentos serão dotados de lavatorios fixos e encanamentos de agua e exgottos.</p> <p>As paredes internas do edificio são todas construidas com placas Puck, fabricadas especialmente para as obras do Pharol Hotel pelo dr. Haberkorn, que possui uma machina para o seu fabrico.</p> <p>Possue o novo edificio um total de 154 aberturas entre portas e janelas, estando o serviço de marcenaria á cargo do sr. Hugo Haubold.</p> <p>Foram empregados em sua construção para mais de duzentos milheiros de tijolos, fornecidos pelas oiarias desta cidade e de S. Pedro.</p> <p>As obras do prédio que vimos descrevendo já se encontram quasi concluidas, faltando ainda serem feitas as installações de luz e hygiene, devido não ter chegado ainda todo o material.</p> <p>A inauguração do Pharol Hotel, deverá ser feita, o mais tardar, até o fim do proximo mez de Setembro.</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: *Diário do Interior* (material cedido por Brenner, 2018).

Os detalhamentos da obra são explicitados em notícia do *Diário do Interior* de 1923 (Figura 70), que revela três andares e porões para instalação da adega. Cada pavimento abriga funções distintas, como o primeiro andar, com salões de refeições,

leitura e música, aposentos equipados e um espaço privativo do proprietário. O segundo andar oferece, dentre outros serviços, uma sala de reuniões e um amplo terraço, enquanto no terceiro se dispunham os quartos.

Menção é feita para o uso de placas (Puck) nas paredes fabricadas sob a orientação do arquiteto Harberkorn. Não foram encontradas referências sobre sua fabricação, mas, numa alusão às placas atuais, deveriam ser uma combinação de elementos prensados em uma máquina de forma a produzir peças homogêneas e de fácil instalação. Outro fato de destaque é a presença de tijolos fabricados na cidade e em olaria de cidade vizinha e outros materiais que eram trazidos de outras localidades.

Em setembro de 1923, foi inaugurado o Pharol Hotel, que, segundo Almeida (A Razão, 2010), “o prédio seguia um estilo eclético, bastante ornamentado, próprio da época”. Foi considerado por João Belém como um dos prédios mais bonitos da cidade, porém Marchiori e Noal (2008) apontam que “da bela fachada... nada restou”.

A Figura 71 traz uma propaganda anunciando o Pharol Hotel, novo estabelecimento hoteleiro “hotel prático e moderno”.

Figura 71 – Aviso de funcionamento do Pharol Hotel



Fonte: Material cedido por Brenner (2018).

Na Figura 72, sem data específica, um registro da pacata Avenida Rio Branco, no sentido sul/norte, onde pode-se verificar a presença do Pharol Hotel, enquanto a Figura 73 retrata sua fachada em 1933.

Figura 72 – Avenida Rio Branco Pharol Hotel



Fonte: Acervo Casa de Memória Edmundo Cardoso (2018).

Figura 73 – Detalhe da fachada do Hotel Pharol, em 1933



Fonte: Marchiori e Noal (2008).

Nos anteriores e subseqüentes a 15 de março de 1924, destaque especial foi dado no jornal *Correio da Serra*, devido à visita do General Honório Lemes (conhecido como o “Tropeiro da Liberdade”) e sua comitiva a Santa Maria, com hospedagem no Pharol Hotel, quando chegou escoltado por uma guarda de honra organizada pela Aliança Libertadora Local, composta por mais de 200 homens.

Com a passagem do tempo, esse estabelecimento, além de alterações de proprietários, modificações na fachada, trocou o nome três vezes: Hotel Brenner, Hotel Trevisan e, atualmente, Hotel Samara (Figura 74).

Figura 74 – Fachada atual do antigo Pharol Hotel, atualmente, denominado Samara



Fonte: Foto tirada pela autora.

Conforme informações acima, o prédio do Pharol Hotel, hoje denominado Samara, passou por muitas reformas, tanto na fachada quanto no seu interior. Contudo, é importante ressaltar que sua história começou em 1923 e, após 96 anos de existência, continua exercendo a atividade hoteleira.

#### **4.3.8 Hotel Hamburgo**

Localizado próximo da Viação Férrea, na rua Sete de Setembro, nº 842 (Figura 75), o Hotel Hamburgo foi construído em 1904 pelo imigrante alemão Fritz Hoppe, considerado, na época, um capitalista. O empreendedor tentou abrir outros hotéis, inclusive em Torres RS, no ano de 1918. Estava prestes a construir outro estabelecimento hoteleiro de quatro andares em 1920, que seria localizado na Avenida Rio Branco, mas, conforme declaração pública em jornal local, por falta de capital, não foi possível construir o prédio, que se chamaria Palace-Hotel. Além da ligação com a hotelaria, Hoppe foi um dos proprietários do famoso Café Guarany.

O Hotel Hamburgo possuía 60 quartos, e o sótão servia de adega. Sua fachada ostentava três portas e sete janelas, apresentando, no corpo central e na fachada lateral, o nome do estabelecimento.

Figura 75 – Fachada do Hotel Hamburgo



Fonte: Casa de Memória Edmundo Cardoso (2018).

Um fato que chama a atenção são os inúmeros anúncios de oferta de vagas de trabalho em diversos setores, como caixeiros, cozinheiros e pessoas com disponibilidade para empreender viagens com o objetivo de divulgação do hotel. Em uma dessas notas, o destaque foi para um pré-requisito bem pontual: fluência em alemão (Figura 76).

Figura 76 – Anúncio de vaga para o Hotel Hamburgo (*Diário do Interior*, 1915)

Fonte: AHMSM (2018).

A partir da inauguração de outro hotel em 1913, situado quase em frente ao Hamburgo, o proprietário começa a fazer propagandas publicitárias do estabelecimento no jornal *Diário do Interior* (Figura 77).

Figura 77 – Propaganda do Hotel Hamburgo (*Diário do Interior*, 1913)



Fonte: AHMSM (2018).

No início do ano de 1914, o Hotel Hamburgo foi colocado à venda pelo proprietário Fritz H. Hoppe, que, na ocasião, encontrava-se doente. Durante um longo período, esses anúncios de venda foram publicados com muita frequência. Em 1918, foi noticiada a venda do Hamburgo para a empresa Brenner & Bender, e o hotel voltou a fazer parte da lista de hóspedes e viajantes do jornal *Diário do Interior*.

Noticiada no jornal *Correio da Serra*, de 1924, há uma propaganda (Figura 78) do Hotel Hamburgo, sob direção de Augusto Ackermann, na qual se faz referências sobre o novo mobiliário, quartos próprios e bem arejados.

Figura 78 – Propaganda Hotel Hamburgo anunciando novo proprietário (*Correio da Serra*, 1924)



Fonte: AHMSM (2018).

Em meados de 1928, o paleontólogo alemão Friedrich von Huene<sup>17</sup> se hospedou no hotel juntamente com seu assistente (BEBER,1998). Em janeiro de

<sup>17</sup> Friedrich von Huene, nascido na Alemanha em 22 de março de 1875, foi o cientista que mais contribuiu para divulgar o nome de Santa Maria no cenário internacional. Professor de Geologia e

1951, sob administração de outro proprietário, o estabelecimento passou por reformas com intuito de acolher um público mais familiar e também seguir os moldes da modernidade, como o aquecimento de água nos banheiros (FOLETTTO, 2008).

Após anos fechado, o antigo Hotel Hamburgo, com 114 anos de existência, reabre suas portas, com a denominação de Hotel Gabriel. O prédio e o interior sofreram mudanças, obviamente pelo desgaste do tempo, não mantendo as características originais (Figura 79).

Figura 79 – Novo Hotel Gabriel



Fonte: Foto tirada pela autora.

#### 4.3.9 Hotel Sete de Setembro

Em fevereiro de 1913, o jornal *Diário do Interior* informa sobre a construção de um novo hotel na cidade, localizado na rua Sete de Setembro, que, brevemente, seria inaugurado. Constava de 18 quartos, um salão para senhoras e outro para homens, dois banheiros e duas latrinas. As peças eram ventiladas, e o prédio era iluminado à luz elétrica. Nos fundos do prédio, seria instalado um reservatório sanitário, que muito contribuiria para a higiene do estabelecimento. O mobiliário era de luxo e viria da capital.

---

Paleontologia, chegou em Santa Maria, de trem, em 21 de junho de 1928, acompanhado de seu assistente Rudolf Stahlecker (MARCHIORI; NOAL FILHO, 2008).

O prédio pertencia ao Sr. Antônio da Silva, que tinha como sócio o Sr. Hermínio Machado. No dia 15 de abril de 1913, foi inaugurado o Hotel Sete de Setembro. Pouco dias depois, já havia um anúncio no *Diário do Interior* oferecendo os serviços do hotel para o público em geral (Figura 80).

Figura 80 – Inauguração Hotel Sete de Setembro (1913)



Fonte: AHMSM (2018).

Na Figura 81, destaca-se a fachada lateral e parcialmente a frontal do Hotel Sete de Setembro, em correspondência ao Hotel Hamburgo.

Figura 81 – Rua Sete de Setembro, destaque para os Hotéis Sete e Hamburgo



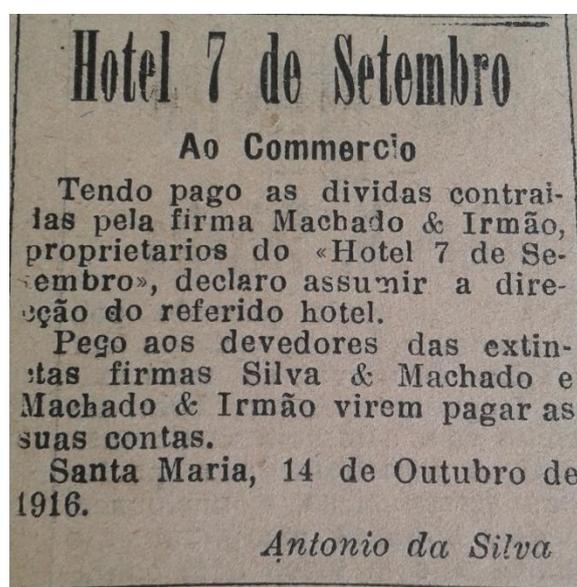
Fonte: Acervo Casa de Memória Edmundo Cardoso (2018).

Figura 82 – Anúncio publicitário do Hotel Sete de Setembro (*Diário do Interior*, 1913)

Fonte: AHMSM (2018).

A exemplo de outros hotéis, referenciados pelo seu público, o Sete de Setembro, após sua inauguração, começou a fazer parte da lista de estabelecimentos citados na coluna do jornal *Diário do Interior*, de 1913. O anúncio (Figura 83), no ano de 1916, aponta para a dissolução das firmas Silva & Machado, e Machado & Irmão, passando a direção do estabelecimento ao encargo de Antônio Silva, que conclamava os devedores a quitar seus débitos.

Figura 83 – Declaração referente a administração do Hotel 7 de Setembro (1916)



Fonte: AHMSM (2018).

Porém, Antônio da Silva, proprietário do Hotel Sete de Setembro, no período entre 1918 e 1919, o coloca-o à venda ou sob o regime de arrendamento, alegando ser comerciante e não se sentir apto a desempenhar as duas funções.

Figura 84 – Anúncio de venda do Hotel Sete de Setembro



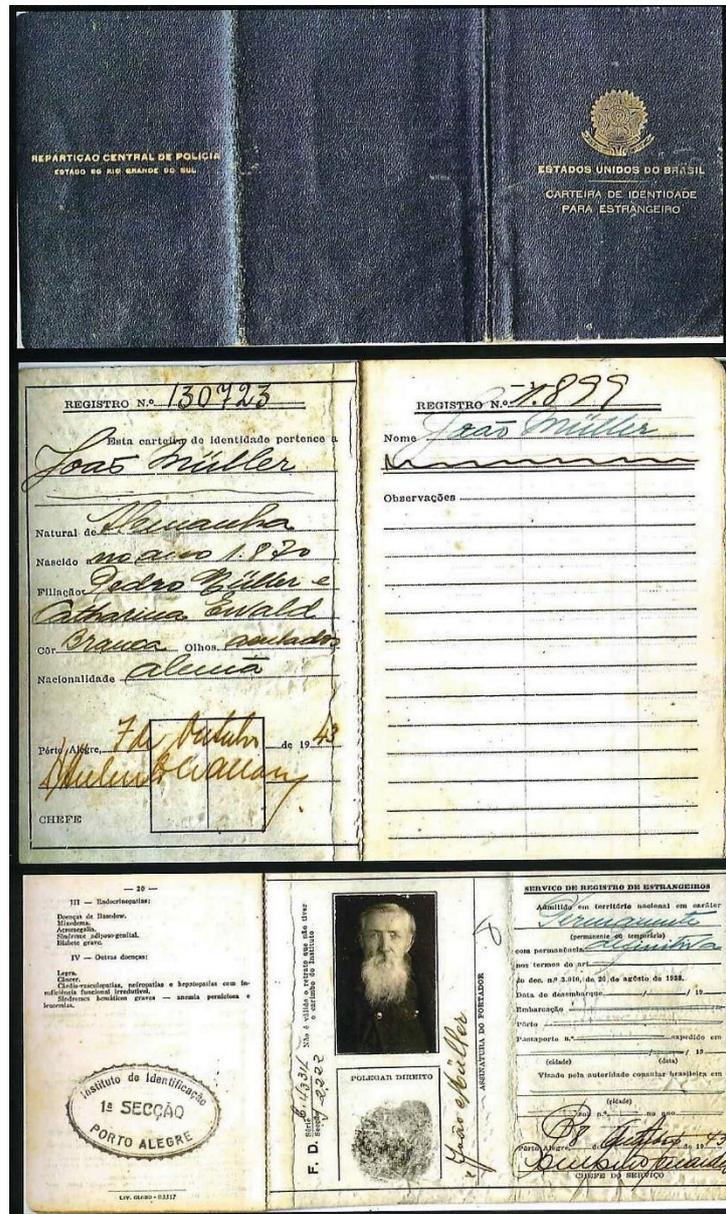
Fonte: AHMSM (2018).

Com o passar dos anos, os jornais deixaram de informar notícias do Hotel Sete de Setembro. Em meados de 1970, o conhecido e longevo hotel encerrou suas atividades, já em plena decadência. Atualmente, no local, encontra-se a lavanderia Cabistani.

#### 4.3.10 Hotel Müller

Localizado na Avenida Rio Branco, próximo à Estação Férrea, o Hotel Müller, se encontrava no mesmo prédio que anteriormente funcionava o Hotel Kühne, que era administrado também por família de origem alemã. João Müller e sua esposa, Carolina Reinheimer, adquiriram o hotel em 1906. A Figura 84 registra a carteira de identidade para estrangeiro que o proprietário ostentava.

Figura 85 – Carteira de identidade para estrangeiro do Sr. João Müller, proprietário do hotel Müller



Fonte: MARCHEZAN (2015).

A análise dos registros (Figuras 86 e 87) denota que nada foi alterado na fachada do prédio quando da posse da nova administração, excetuando-se o letreiro do estabelecimento com o novo nome.

Figura 86 – Lateral do Hotel Kühne



Fonte: Acervo casa de Memória Edmundo Cardoso (2018).

Figura 87 – Fachadas frontal e lateral do Hotel Müller



Fonte: Acervo da Casa de Memória Edmundo Cardoso (2018).

De acordo com Brenner (2013 apud MARCHEZAN, 2015, p. 34):

O hotel ficava no primeiro quarteirão da Avenida do Progresso, a partir da estação ferroviária. Na época, era apenas uma rua, entre a estação e a Rua Valle Machado, correspondendo à atual pista oeste da Avenida Rio Branco.

A Figura 88 mostra uma das raras propaganda publicitárias do Hotel Müller, sob a direção de Carolina Müller.

Figura 88 – Propaganda publicitárias do Hotel Müller, sob a propriedade de Carolina Müller



Fonte: Casa de Memória Edmundo Cardoso (2018).

Mais uma vez, por falta de informações e lacunas na história, não se pôde precisar o ano do encerramento das atividades do Hotel Müller.

#### 4.3.11 Hotel Glória

No ano de 1930, conforme o jornal *Diário do Interior*, de 22 de junho, foi noticiado que um grupo de capitalistas, incluindo Domingos Martins, ex-proprietário do Hotel Kröeff e Hotel Central, estavam prestes “a fundar e explorar um hotel de primeira ordem”. O hotel contava com 80 quartos e havia a intenção para que, no próximo ano, o empreendimento totalizasse 150 quartos.

A notícia também informa que o palacete onde seria instalado o hotel pertencia à família Fortunato Loureiro, localizado na Avenida Rio Branco, esquina com a rua dos Andradas. Essa informação contradiz Beber (1998 p.113): “Para isso alugaram (e mais tarde tornaram-se proprietários) o grandioso palacete da Família Julio Marques da Costa, construído em 1920, localizado na esquina da Avenida Rio Branco com a Rua Silva Jardim.” No dia 14 de dezembro de 1930, o jornal *Diário do Interior* publicou esta propaganda do Glória Hotel.

Figura 89 – Divulgação do Glória Hotel, publicado no *Diário do interior* em 1930



Fonte: Casa de Memória Edmundo Cardoso (2018).

De acordo com Morales (2008, p. 144), “a grande atração daquele hotel era o mocotó com feijão branco, disputadíssimo pelas famílias moradoras da Avenida Rio Branco.” Segundo Beber (1998, p.113), o hotel foi vendido no início dos anos 50 para Léo Müller, que conseguiu dobrar o número de quartos e instalar novo refeitório. No ano de 2007, após 78 anos de funcionamento, o Hotel Glória encerrou suas atividades.

Figura 90 – Fachada do Hotel Glória



Fonte: Casa de Memória Edmundo Cardoso (2018).

Figura 91 – Anúncio publicitário *Guia Geral de Santa Maria*, em 1938

**GLORIA HOTEL**  
**Avenida Rio Branco N 100 — S. Maria — R. G. do Sul**



Este estabelecimento que passou por importantes reformas em todos os seus serviços, inclusive aumento de aposentos com a nova construção em prolongamento da rua Silva Jardim e também mais um anexo junto pela mesma rua, dispondo agora de mais de 50 confortáveis aposentos, pode assim melhor atender aos seus amigos e clientes que sempre lhe distinguiram com sua preferência.

Na estação tem sempre empregados para atender o serviço de automoveis e transporte de bagagem.  
 Atendido por seu proprietário e família.

— Aceita pensionistas — Preços modicos —

**DOMINGOS MARTINS**

Fonte: Casa de Memória Edmundo Cardoso (2018).

O anúncio dos serviços oferecidos pelo hotel (Figura 91) publicado no *Guia Geral de Santa Maria*, em 1938, anuncia, além das reformas feitas no prédio, um serviço no qual os funcionários esperavam pelos hóspedes na estação para levá-los ao estabelecimento, atividade realizada com automóveis. Pode-se considerar um serviço de *transfer* da época.

Verifica-se o nome do proprietário Domingos Martins no final do anúncio, antes da venda do hotel para Léo Müller, fato que ocorreu em 1948. A administração do empreendimento era realizada pelo proprietário com a ajuda da família. No serviço (diárias), estavam incluídas as refeições café da manhã, almoço e jantar. Relatos de Moralles (2008, p.144) informam que o grande atrativo do hotel era o mocotó com feijão branco, muito disputado pelas famílias que moravam nas redondezas.

Figura 92 – Anúncio publicitário do Hotel Glória, publicado no *Guia Geral de Santa Maria*



Fonte: Casa de Memória Edmundo Cardoso (2018).

No anúncio (Figura 92), destaque para o atendimento feito pelo proprietário e para os serviços de hospedagem (“confortáveis quartos com água corrente e banhos quentes”). Em relato feito no Jornal *Diário de Santa Maria* (2005), a filha do proprietário, Sra. Ivani Müller dos Santos, contou um pouco da dinâmica do hotel: seu pai, além de “buscar os hóspedes a pé até a estação, também fazia questão de atender pessoalmente os clientes, não havendo dessa forma nenhuma reclamação por parte deles.” O Hotel trabalhava com viajantes, turistas e também com mensalistas, principalmente estudantes.

Em 2007, o Hotel Glória encerra suas atividades. O suntuoso prédio dos anos de 1920 foi vendido para a atual Universidade Franciscana, onde foi instalado o centro de Integração Conhecimento e Sociedade.

#### 4.4 PRODUTO: PROCESSO DE CRIAÇÃO E EXECUÇÃO DO BLOG

Partindo-se do pressuposto que os Mestrados Profissionalizantes devem cumprir a finalidade de qualificar profissionais e ampliar o vínculo entre a universidade e a sociedade, deverá produzir conhecimento com o intuito de engendrar transformação em vários setores sociais, culturais e econômicos. Como o estudo

abordou a presença de hotéis em um determinado recorte temporal e espacial e, em sua grande maioria, esses estabelecimentos não prestam mais serviços, sendo desprovidos, por vezes, de sua estrutura física, a forma de perpetuar sua história e memória de forma ágil e, em consonância com a realidade vivenciada, foi proposto um produto que cumpra tais premissas.

Aliando o passado com a tecnologia, a concepção a ser trabalhada foi a criação de um blog<sup>18</sup> com fotos e informações a respeito da temática hotéis como patrimônio e memória na cidade de Santa Maria. Sob o domínio de [www.hoteissm.com.br](http://www.hoteissm.com.br), esse link poderá ser acessado diretamente nesse endereço. Como forma de divulgar e facilitar o acesso, a intenção é disponibilizar link no blog *Hotéis Antigos de Santa Maria* e em outros endereços eletrônicos, a exemplo da página do Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria (AHMSM), que se constitui num importante local de memória do município desde sua criação, em 1958.

Mantido pela Prefeitura Municipal de Santa Maria, o AHMSM preserva, em seu acervo, documentos bibliográficos, iconográficos, mapotecas, coleção de moedas e demais compilações. Dentre as possibilidades de consulta encontra-se as visitas in loco e o acesso à página. Acessando o endereço eletrônico [www.hoteissm.com.br](http://www.hoteissm.com.br), o internauta terá alcance a fotos e textos, contendo curiosidades e informações a respeito de cada hotel.

A intenção da criação deste blog visa ir além de acessos do público local. A proposta é atingir sites de grande relevância para o tema Patrimônio Cultural, onde o número de acessos (possivelmente) seja maior, e que, dessa forma, a história dos antigos hotéis de Santa Maria possa ter uma maior visibilidade e repercussão.

---

<sup>18</sup> “Um blog (português brasileiro) ou blogue (português europeu) é um site cuja estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos dos chamados artigos, ou posts. Estes são, em geral, organizados de forma cronológica inversa, tendo como foco a temática proposta do blog, podendo ser escritos por um número variável de pessoas, de acordo com a política do blog.” (ZIMMER, 2016, p. 1).

## 5 CONCLUSÃO

O incentivo para a realização desta pesquisa com abordagem temática nos meios de hospedagens no final do século XIX e início do século XX se manifestou por duas razões. A primeira delas é a formação profissional da autora e a segunda, a curiosidade por esse assunto, no qual se percebem muitas lacunas, poucos registros e imprecisão nos fatos.

A partir de uma abordagem em conceitos como hotelaria, turismo, patrimônio cultural, memória, identidade e hospitalidade, este trabalho buscou fazer um resgate da história dos meios de hospedagem, iniciando ainda no final do século XIX. Mediante consultas em jornais, fotografias e documentos realizadas no AHMSM e Casa de Memória Edmundo Cardoso, somada à história oral realizada com familiares de ferroviários e ex-ferroviários, pode-se concluir uma total ligação entre a hotelaria do município e a rede ferroviária.

Nas conversas com os aposentados da Viação Férrea, foi possível perceber a emoção e a saudade ao lembrar daquele período de tempo, ao mesmo tempo, a tristeza com o descaso, o abandono e esquecimento de um período áureo. O auge e a decadência da rede ferroviária e de sua malha social e econômica gerada e mantida por décadas a partir deste modal de transporte, traz na memória de muitos dos atores sociais, sentimentos como melancolia e uma sensação de perda, de uma época em que a pujança econômica, social e urbana de Santa Maria era reflexo da ferrovia.

A importância da Gare para a hotelaria foi como um incremento para o número de hotéis, pois, a exemplo da pesquisa, dois importantes e requintados hotéis, um deles fundado no final do século XIX, e o outro no começo do século XX, sustentaram-se por anos, mantendo a qualidade, suas histórias de sucesso e fidelizando seus clientes, que, por muitas vezes, eram celebridades do mundo político da época no Rio Grande do Sul.

Durante as leituras, foi possível perceber o cuidado e a atenção por parte desses estabelecimentos, onde a alimentação era um dos principais atrativos, principalmente nas propagandas em jornais. De banquetes regados a champagne até o mocotó servido ao som de orquestra, cada hotel tinha sua forma de recepcionar seus hóspedes, onde era visível o zelo pela hospitalidade.

A partir do ano de 1885, um número significativo de hotéis foi se instalando aos arredores da Gare. Infelizmente, por falta de precisão nas datas, não há como

contabilizar o número exato de estabelecimentos de hospedagem no período da pesquisa. O que se pôde constatar é que, até o ano de 1930, no qual este trabalho teve a proposta de finalizar, muitos dos meios de hospedagem que existiram, fecharam suas portas. A chegada de novos hotéis com melhores recursos, aliados ao apelo pelos meios de comunicação pode ser uma hipótese a ser desenvolvida dos fatores para o encerramento de antigos meios de hospedagem.

A exemplo dos dois hotéis mais antigos pesquisados, Hotel dos Viajantes (1882) e Hotel Kroeff (1897), ambos deram lugar a duas grandes construções na cidade. O primeiro foi demolido para a construção da sede dos Correios, e o segundo deu espaço para a edificação da atual Galeria do Comércio. Mais uma vez, o abandono ao passado se torna notório, pois em nenhum desses prédios remanescentes há alguma menção à época, mostrando a importância histórica desses dois hotéis, que foram palco de grandes recepções de ordem política e social em um tempo quando a cidade era considerada o maior entroncamento ferroviário do Rio Grande do Sul.

A hospitalidade se mostra presente e ativa nos estabelecimentos estudados. O “bem receber”, e o “bem atender” estão diretamente relacionados com a atenção e o cuidado com a qualidade dos serviços prestados. Independente da origem dos proprietários dos hotéis (franceses, italianos e brasileiros), todos os esforços se valem para um excelente serviço, desde o cuidado com as áreas físicas do prédio até a alimentação e governança, passando por uma rede de recepcionistas que ficavam na Gare, abordando os passageiros e oferecendo os serviços de hospedagem nos hotéis.

O chamado centro histórico de Santa Maria vive hoje um embate entre a destruição dos prédios antigos e a total falta de uma legislação que abarque o real número de edificações passíveis de proteção. Movimentos de preservação buscam ampliar a rede de apoios e prospectar formas de proteção sob pena do centro se transformar dentro de alguns anos em um local sem memória. O valor histórico dos prédios que ainda estão em pé, assim como a memória daqueles que foram derrubados, possibilita compreender como a população local é pouco apegada à ideia de memória. O patrimônio cultural somente será reconhecido quando um grande grupo de pessoas e entidades souberem dar valor a partir de suas escolhas do que deva ou não ser preservado.

O trabalho teve como propósito contribuir para a memória de Santa Maria, uma memória sem corpo, no caso, a partir de um segmento não menos importante, que

foram os meios de hospedagem, sendo que muitos não existem mais. Além disso, buscou possibilitar novas perspectivas de futuras pesquisas sobre o tema, viabilizando o estudo de novos empreendimentos que surgiram a partir da fase seguinte a este trabalho, a partir da década de 1930. O estudo possibilitou, de forma perceptual e imaginativa, acessar a riqueza de um passado que teve sua glória no auge da ferrovia e de um sistema de transportes que trouxe a modernidade a Santa Maria. Foi possível redescobrir, por fotos e matérias jornalísticas, como os hotéis funcionavam, quais personagens os frequentavam e recriar o passado, que, por vezes, era complexo pelas inúmeras compras e vendas dos estabelecimentos hoteleiros.

Nesse sentido, como forma de preservar a memória hoteleira, juntamente com seu entorno na época estudada, houve a ideia da criação de um blog como produto do Mestrado Profissionalizante em Patrimônio Cultural, tendo como principal objetivo a memória desse período histórico, no qual se buscou lembrar o patrimônio a partir dos meios de hospedagem, hoje intangíveis.

O patrimônio cultural e o valor arquitetônico e histórico em Santa Maria sofrem com a constante destruição e falta de interesse público, realidade que ocorre em muitos municípios brasileiros. Pode-se afirmar, que se vive uma época estranha em pleno século XXI, na qual a ignorância e a barbárie se instalam a partir da tecnologia, mas a própria tecnologia poderá contribuir com a preservação de bens patrimoniais, como apresentado no produto final desta dissertação.

Pode-se dizer que este trabalho possui uma exclusiva abordagem a partir do olhar da prestação de serviços e da hospitalidade, gerado por um momento em que o transporte ferroviário tanto de pessoas como de mercadorias foi o mecanismo de desenvolvimento local e regional por meio século, porém, com seu processo de decadência e seu desaparecimento, pouco ou nada de memória restou. Espera-se que com a criação e manutenção com informações, o blog mantenha viva a memória dos primeiros hotéis, proprietários e contribua para mostrar a outras gerações o tempo em que Santa Maria possuía no trem e na ferrovia a sua principal forma de desenvolvimento.



## REFERÊNCIAS

- ABREU, M. de A. Sobre a memória das cidades. **Território**, n. 4, 1998, p.1-26. Disponível em: <<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1609.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2017.
- ACERENZA, M. A. **Administração do turismo**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- ALBERTI, V. Histórias dentro da História. In: PINSKY, C. B. (Org). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 155-202.
- ALBRECHT, K. **Revolução nos serviços**: como as empresas podem revolucionar a maneira de tratar os seus clientes. São Paulo: Pioneira, 1998.
- ALBUQUERQUE, E. M. de. **Avaliação da técnica de amostragem “Respondent-driven Sampling” na estimação de prevalências de Doenças Transmissíveis em populações organizadas em redes complexas**. 2009. 99 f. Dissertação (Mestrado em Ciências na área de Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – ENSP. Rio de Janeiro, 2009.
- ALMEIDA NETO, A. S. de; GOBBI, M. A. Cidade como patrimônio público: estranhamento e fotografia. **Fênix** – Revista de História e Estudos Culturais Janeiro, v. 1, n. 1, p.1-19, jun. 2014. Disponível em: <[http://www.revistafenix.pro.br/PDF33/ARTIGO\\_5\\_SECAO\\_LIVRE\\_ANTONIO\\_SIMPLICIO\\_DE\\_ALMEIDA\\_NETO\\_&\\_MARCIA\\_APARECIDA\\_GÖBBI\\_FENIX\\_JAN\\_JUL\\_2014.pdf](http://www.revistafenix.pro.br/PDF33/ARTIGO_5_SECAO_LIVRE_ANTONIO_SIMPLICIO_DE_ALMEIDA_NETO_&_MARCIA_APARECIDA_GÖBBI_FENIX_JAN_JUL_2014.pdf)>. Acesso em: 10 out. 2017.
- ALVES, F. das N. História regional e imprensa no Rio Grande do Sul. In: ALVES, F. das N.; PRADO, D. P. (OrgS.). In: CICLO DE CONFERÊNCIAS HISTÓRICAS, 10., 2003. **Anais...** Porto Alegre/RS: Universidade Federal do Rio Grande, 2003.
- ANDRADE, J. V. de. **Turismo**: fundamentos e dimensões. 8. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- ANDRADE, J. V. **Gestão em lazer e Turismo**. São Paulo: Ática, 2004.
- ANDRADE, N. **Hotel**: planejamento e projeto. São Paulo: Senac, 2000.
- ANSARAH, M. G. dos R. **Turismo**: Como aprender, como ensinar. São Paulo: SENAC, 2001.
- BATISTA, D. S.; MATOS, R. S. A dimensão patrimonial e identitária da paisagem: a história do lugar como fundamento da intervenção urbana e territorial contemporânea. In: PIMENTA, M. de C. A.; FIGUEIREDDO, L. C. (Orgs.). **Lugares**: patrimônio, lugares e paisagens. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014. p. 15-46.
- BARRETO, M. **Turismo e legado cultural**: As possibilidades do planejamento. Campinas, SP: Papirus, 2002.

BEBER, C. C. **Santa Maria 200 anos**: história da economia do município. Santa Maria: Pallotti, 1998.

BELÉM, J. **História do Município de Santa Maria**: 1797-1933. 1989. Santa Maria: Ed. da UFSM.

BELÉM, J. **A história do Município de Santa Maria**. 2. ed. Santa Maria: UFSM, 2000.

BELTRÃO, R. **Cronologia Histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho 1787-1930**. 2. ed. Santa Maria: La Salle, 1979.

BELTRÃO, R. **Cronologia Histórica de Santa Maria e do extinto Município de São Martinho**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

BONI, P. C. Hotéis: infraestrutura imprescindível para alavancar o desenvolvimento do norte do Paraná. In: BONI, P. C.; TEIXEIRA, J. de O. **Hotéis históricos do norte do Paraná**. Londrina: Midiograf, 2013.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília: Centro Gráfico do Senado, 1988.

BRASIL. Ministério do Turismo. Turismo Cultural: orientações básicas. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de **Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação-Geral de Segmentação**. 3. ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

BRENNER, J. A. **Brenner de Santa Maria**. Disponível em: <brennerdesantamaria.blogspot.com>. Acesso em: 2 abr. 2018.

CAMARGO, L. O. L. **Hospitalidade**. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2004. (Coleção ABC do Turismo)

CAMARGO, L. O. L. de. A pesquisa em hospitalidade. **Revista Hospitalidade**, ano V, n. 2, p. 15-51, jul.-dez. 2008. Disponível em: <<https://www.revhosp.org/hospitalidade/article/view/151/176>>. Acesso em: 2 abr. 2018.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Tradução de Mauricio Santana Dias. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2006.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CARVALHO, F. R. T. Turismo e patrimônio cultural material. **CULTUR**, n. 01, 2015, p. 152. Disponível em: <[periodicos.uesc.br/index.php/cultur/article/download/559/512](http://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/article/download/559/512)>. Acesso em: 23 maio 2018.

CASTELLI, G. **Administração hoteleira**. 9. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

CARLOS, A. F. **O lugar no mundo**. São Paulo. FFLCH, 2007.

CASTRO, I. E. de. **Geografia e política**: território, escalas de ação e instituições. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CASTROGIOVANNI, A. C. Turismo e ordenação no espaço urbano. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Turismo urbano**. São Paulo: Contexto, 2000. p. 23-32.

CAVASSA, C. R. **Hotéis**: gerenciamento, segurança e manutenção. São Paulo: Roca, 2001.

CIGOLINI, A. A. Ocupação do território e criação de municípios no período republicano brasileiro. **Revista Bibliográfica De Geografia Y Ciencias Sociales**, v. XIX, n. 1101, 2014. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/b3w-1101.htm>>. Acesso em: 1 jun. 2018.

CHOAY, F. **A alegoria do Patrimônio**. São Paulo, 2006.

CISNE, R.; GASTAI, S. Turismo e sua história: rediscutindo periodizações. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 6., 2010. **Anais...** Caxias do Sul/RS: UCS, 2010.

CRUZ, R. de C. A. da. Hospitalidade Turística e fenômeno urbano no Brasil: considerações gerais. In: DIAS, C. M. de M. (Org.). **Hospitalidade**: Reflexões e Perspectivas. São Paulo: Manole, 2002. p. 39-56.

DELGADO, L. de A. N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, v. 6, p. 9-25, 2003. Disponível em: <<https://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=62&path%5B%5D=54>>. Acesso em: 22 maio 2018.

DELGADO, L. de A. N. **História oral**: memória, tempo, identidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DELL'AGLIO, C. Gerência geral e recepção de hotéis. In: CIRILO, L.; **Administração hoteleira**: desafios e tendências. (Org.). São Paulo: DVS, 2006.

DIAS, C. M. de M. **Hospitalidade**: Reflexões e Perspectivas. São Paulo: Manole. 2002.

DIAS, C. M. de M. Marcos da hospitalidade na cidade de São Paulo entre fins do século XIX e fins do XX. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 4., 2006. Caxias do Sul, 2006. **Anais...** Caxias do Sul/RS, 2006. Disponível em: <[https://www.ucs.br/ucs/tpIsemMenus/eventos/seminarios\\_semintur/semin\\_tur\\_4/arquivos\\_4\\_seminario/GT02-10.pdf](https://www.ucs.br/ucs/tpIsemMenus/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_4/arquivos_4_seminario/GT02-10.pdf)>. Acesso: 02 jun 2017.

DIAS, R. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Atlas, 2005.

DROPA, A. F. N. S.; TRZASKOS, L.; BAUM, J. A imagem fotográfica como recurso de valorização cultural e seu uso pelo turismo: um estudo de caso da Colônia Sutil. In: SEMINÁRIO DOS CURSOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADOS DA FELCICAM, 2. **Anais...** 2011. Disponível em: <[http://www.felcicam.br/anais/vii\\_enppex/PDF/turismo/03-turismo.pdf](http://www.felcicam.br/anais/vii_enppex/PDF/turismo/03-turismo.pdf)>. Acesso: 13 out. 2016.

FALCÃO, A. **História da hotelaria no Brasil**. Rio de Janeiro: Insight Engenharia de Comunicação: ABIHT Nacional, 2007.

FERREIRA, M. M. História do Tempo Presente: desafios. **Cultura Vozes**, v. 94, n. 3, Petrópolis: Vozes, 2000. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6842/517.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

FIGUEIREDO, L. C. Memória, cidade e documentação: transformação da paisagem cultural da cidade de Santa Maria a partir da fotografia. In: PIMENTA, M. de C. A.; FIGUEIREDO, L. C. (Orgs). **Lugares: Patrimônio, Memória e Paisagens**. Florianópolis, UFSC, 2014. p. 92-130.

FOLETTTO, V. T. et al. **Apontamentos sobre a história da arquitetura de Santa Maria**. Santa Maria: Câmara de Vereadores de Santa Maria, 2008.

FONSECA, M. L. **Patrimônio em processo: trajetória da política de preservação no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 2005.

FRANZEN, L. I; REIS, T. B. de O. Modelos de gestão em hotéis de Santa Maria, RS: relatos de práticas de estágio. **Disciplinarum Scientia**, v. 6, n. 1, p. 97-109, 2010. (Série: Ciências Sociais Aplicadas)

GIDRA, G.; DIAS, C. M. de M. Hospitalidade: da simplicidade à complexidade. In: DENCKER, A. de F. M. (Coord). **Planejamento e Gestão em Turismo e Hospitalidade**. São Paulo: Thomson, 2004. p. 119-136.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, L. C. **Gestão ambiental em meios de hospedagem**. São Paulo: Aleph, 2004.

GONÇALVES, M. H. B; CAMPOS, L. C. de A. M. **Turismo atividade econômica**. São Paulo: Senac, 1999.

GONÇALVES, M. H. B.; KRITZ, S. **Introdução a turismo e hotelaria**. São Paulo: Senac, 1998.

GONDAR, J.; DODEBEI, V. (Orgs.) **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005. 1 v.

GRINOVER, L. Hospitalidade: um tema a ser reestudado e pesquisado. In: DIAS, C. M. de M. (Orgs.). **Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas**. São Paulo: Manole, 2002. p. 25-38.

GRINOVER, L. **A Hospitalidade, a cidade e o turismo**. São Paulo: Aleph, 2007. (Série Turismo)

GROSSI, Y. ; FERREIRA, A. Razão narrativa: significado e memória. **História Oral**, v. 4, p. 25-31, 2001.

GRUNEWALDT, S. Santa Maria e a modernização da paisagem urbana no fim do século XIX e início do século XX. In: WEBER, B. T.; RIBEIRO, J. I. (Orgs.). **Nova história de Santa Maria: contribuições recentes**. Santa Maria, 2010. p. 335-348.

GUASSO, I.; CARNEIRO, M. L.; PERON, T. **Os serviços e a empresa hoteleira: um estudo de caso do Cristal Palace**. 2009. 92 f. Monografia (Graduação em Administração) – UNISALESIANO, Lins/SP, 2009.

GUILLAUME, M. **A política do patrimônio**. Galilée. Porto: 1980.

HALBWACHS, M. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Presses Universitaires de France, 1925.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. da (Orgs.). **Identidade e diferença**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

HILL, C. **O mundo de ponta cabeças**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

IGNARRA, L. R. **Fundamentos do turismo**. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Patrimônio Cultural**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=20&sigla=PatrimonioCultural&retorno=paginalphan>>. Acesso em: 12 set. 2015.

IRVING, M. de A., AZEVEDO, J. **Turismo: o desafio da sustentabilidade**. São Paulo: Futura, 2002.

ISMAIL, A. **Hospedagem: Front Office e Governança**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

ITO, C. A. Turismo e Ensino: aproximações e possibilidades. **TÓPOS**, v. 3, n. 2, p. 50-64, 2009. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/topos/article/view/2237/2048>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

KRENISKI, G. C. P.; AGUIAR, M. do C. P. O jornal como fonte histórica: a representação e o imaginário sobre o “vagabundo” na imprensa brasileira (1989-1991). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011. **Anais...** São Paulo, 2011. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300663138\\_ARQUIVO\\_artigovagabundos-1](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300663138_ARQUIVO_artigovagabundos-1)>. Acesso em: 13 out 2017.

LASHLEY, C.; MORRISON, A. (Orgs.). **Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado**. Barueri: Manole, 2004. p.1-26.

LICKORISH, L. J.; JENKINS, C. L.: **Introdução ao Turismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

LUCHIARI, M. T. D. P. A Reinvenção do Patrimônio Arquitetônico no Consumo das Cidades. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, v. 17, p. 95-105, 2005. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/239531917\\_A\\_REINVENCAO\\_DO\\_PATRI MONIO\\_ARQUITETONICO\\_NO\\_CONSUMO\\_DAS\\_CIDADES](https://www.researchgate.net/publication/239531917_A_REINVENCAO_DO_PATRI MONIO_ARQUITETONICO_NO_CONSUMO_DAS_CIDADES)>. Acesso em: 12 mar. 2018.

MANZATO, A. J.; SANTOS, A. B. **A elaboração de questionários na pesquisa quantitativa. 2012**. Disponível em: [www.inf.ufsc.br/Ensino\\_2012\\_1](http://www.inf.ufsc.br/Ensino_2012_1). Acesso em: 02 out 2006.

MAGALHÃES, L. H.; MARETTI, M. C. **Gastronomia e patrimônio cultural londrinense**. Londrina: EdUniFil, 2012.

MAGNANI, L. A.; XAVIER, A. M. **Caminhos do Patrimônio Cultural: 3 Roteiros em São Paulo**. São Paulo: Via das Ideias, 2010.

MARCHEZAN, M. R. **A força cooperativa construindo história: a conquista dos 100 anos do Sicredi Região Centro**. Santa Maria, 2015.

MARCHIORI, J. N. C.; NOAL FILHO, V. A. **Santa Maria: relatos e impressões de viagens**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 1997.

MARCHIORI, J. N. C.; NOAL FILHO, V. A. **Santa Maria: relatos e impressões de viagens**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2008.

McNEILL, Donald. The hotel and the city . **Progress in Human Geography** Sage Publications.v.32,n.3, 2008, p. 383–398.

MOLINA, S. **O pós-turismo**. São Paulo: Aleph, 2003. (Série Turismo)

MORALES, N. R. C. **Santa Maria: memória**. Santa Maria: Pallotti, 2008.

MOTA, K. C. N. **Marketing Turístico**. Promovendo uma Atividade Sazonal. São Paulo: Atlas, 2001.

MÜLLER, D.; HALLAL, D. R. .; RAMOS, M. G. G. A História dos Meios de Hospedagem no Brasil nos periódicos científicos brasileiros de turismo. **Revista Hospitalidade**, v.13, n.02, p. 304-320, 2016. Disponível em: <<https://www.revhosp.org/hospitalidade/article/view/672/713>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

MURTA, S. M.; GOODEY, B. **Interpretação do Patrimônio para o turismo sustentado**: um guia. Belo Horizonte: SEBRAE/MG, 1995.

MURTA, S. M.; GOODEY, B. Interpretação do Patrimônio para visitantes: um quadro conceitual. In: MURTA, S. M.; ALBANO, C. (Orgs.). **Interpretar o Patrimônio**: um exercício do olhar. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2002. p.13-46.

NICOLOSO, F. R. Uma outra face da história de Santa Maria: contradições de classe e desigualdades sociais. **Revista Latino-Americana de História**, v. 1, n. 3, p. 99-111, mar. 2012. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6238623.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

PABIS, J. C. Opinião dos criadores sobre bem estar animal: percepção de sofrimento nos métodos empregados para a criação dos animais de produção. 2011. 67 f. Monografia (Curso de Especialização Gestão em defesa Agropecuária) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

PEREIRA, F. F.; COUTINHO, H. R. M. Hotelaria: da era antiga aos dias atuais. Escola Superior de Artes e Turismo. **Revista Eletrônica Aboré**, ed. 03, 2007. Disponível em: <[http://www.revistas.uea.edu.br/old/abore/artigos/artigos\\_3/Francisca%20Felix%20Pereira.pdf](http://www.revistas.uea.edu.br/old/abore/artigos/artigos_3/Francisca%20Felix%20Pereira.pdf)>. Acesso em: 12 maio 2018.

PETERSEN, A. T. Memória e Identidade: um estudo das trabalhadoras do Banco do Estado do Rio Grande do Sul – 1943-45. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 32, n. 1, p. 209-225, 2006. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/1311/1016>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

PINHEIRO, J. L. A. **Hotelaria**: um estudo de caso da Rede Othon, de hotéis. 2002. 164 f. Dissertação (Mestrado em Administração Pública) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2002.

PIRES, M. J. **Raízes do Turismo no Brasil**. São Paulo: Manole, 2001.

PIRES, M. J. **Raízes do turismo no Brasil**. 2. ed. Barueri: Manole, 2002.

POULOT, D. **Uma História do Patrimônio no Ocidente**. São Paulo: Liberdade, 2009.

RECHIA, A. **Santa Maria**: Panorama histórico cultural. 3. ed. Santa Maria: Associação Santamariense de Letras, 2006.

REJOWSKI, M. Desenvolvimento do Turismo moderno. In: REJOWSKI, M. (Org.). **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph, 2002.

REJOWSKI, M. et al. **Desenvolvimento do Turismo**. In: \_\_\_\_\_. (Orgs.). Turismo no percurso do tempo 2.ed. São Paulo: Aleph, 2005. p. 43-73.

RIBEIRO, K. C. C. **Meios de Hospedagem**. Manaus: Centro de Educação Tecnológica do Amazonas, 2011.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria do Estado da cultura. Centro de História Oral. **Memória Cidadã**: Vila Belga/SEDAC/CHO. Porto Alegre: SEDAC/CHO, 2002.

ROCHA, S. H. da M. **Construção e Análise do Inventário do Patrimônio Religioso Paraibano**: informação como representação social. 2011, 118 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2011.

ROSE, A. T. **Turismo**: Planejamento e Marketing. São Paulo: Manole, 2002.

ROSSATTO, A. T. **Recuperação de Fotografias de Agremiações Futebolísticas Profissionais de Santa Maria – RS através de Sistema Gerenciador de Conteúdo**. 2012. 151 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

ROSSETTO, G. O recorte do tempo pelos acontecimentos: um exercício de periodização para Comunicação. **Verso e Reverso** – Revista da Comunicação, v. 23, n. 52, 2009. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/5786/3013>>. Acesso em: 3 mar. 2018.

SALGUEIRO, V. Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. **Revista Brasileira de História**, v. 22, n. 44, p. 289-310, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n44/14001.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

SARLO, B. **Tiempo pasado**: cultura de la memoria y primera persona. Buenos Aires, Siglo XXI, 2005.

SARMENTO, F. **Mapa da Estação da Gare de Santa Maria/RS e seu entorno**. Ilustração para o estudo. 2017.

SILVA, C. S. da. A história da Avenida Rio Branco da cidade de Santa Maria: uma narrativa através da fotografia. In: ENCONTRO DE PESQUISAS HISTÓRICAS, 1., 2014. **Anais...** Porto Alegre: PUCRS, 2014. p. 466-486. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/view/19015/12073>>. Acesso em: 18 set. 2015.

- SILVA, L. Trajetória de um Conceito: Patrimônio, entre a Memória e a História. **Mosaico – Revista Multidisciplinar de Humanidades**, v. 1, n. 1, p. 36-42, jan./jun., 2010. Disponível em: <<http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RM/article/viewFile/105/90>>. Acesso em: 10 dez. 2017.
- SILVA, R. R. de S. Turismo e valorização do patrimônio. **TURYDES**, v. 6, n. 15, 2013. Disponível em: <<http://www.eumed.net/rev/curydes/15/valorizacao-patrimonio.html>>. Acesso em: 30 jan. 2017.
- SIQUEIRA, L. Os hotéis na cidade de São Paulo na primeira década do século XX: diversidade no tamanho, na localização e nos serviços. **Revista Brasileira de História**, v. 32, n. 63, p. 341-360, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v32n63/16.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2017.
- SOUZA, M. J. A memória como matéria prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. **Revista Graphos**, v. 16, n. 1, 2014, p. 91- 117. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v32n63/16.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2017.
- SOUZA, J. N. S. **O nível de satisfação dos hóspedes em relação ao atendimento no Hotel Pousada da Conquista – Bahia**. UOL. 29 nov. 2006. Disponível em: [http://artigocientifico.uol.com.br/uploads/artc\\_1164841163\\_36.doc](http://artigocientifico.uol.com.br/uploads/artc_1164841163_36.doc)>. Acesso em: 10 dez. 2017.
- SPOLON, A. P. G. Sobre os Domínios da Hospitalidade: Revisão Teórica e Proposições. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 6., 2009. **Anais...** São Paulo/SP: Universidade Anhembi Morumbi – UAM.
- TOSQUI, P. Uma Breve História do Turismo. **Dialogando no Turismo**, v. 1, n. 4, 2007, p. 35-42. Disponível em: <>. Acesso em: 10 fev. 2018.
- TRIGO, L. G. G. **Cronologia do turismo no Brasil**. São Paulo: Consórcio CTI/Terra, 1991.
- VENTURA, R. **Da Hospedaria à Hotelaria**. 2010. Disponível em: <<http://www.ruiventura.wordpress.com/2012/10/25>>. Acesso em: 2 dez. 2016.
- VIEIRA, J. G. S. **Metodologia de pesquisa científica na prática**. Curitiba: Fael, 2010.
- WORLD HEALTH ASSOCIATION. Division of Mental Health. Qualitative Research for Health Programmes. Geneva: WHA, 1994.
- YASOSHIMA, J. R.; OLIVEIRA, N. da S. **Antecedentes das viagens e do turismo**. In: REJOWSKI, M. (Org.). **Turismo no percurso do tempo**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2005. p. 17-42.

ZIMMER, J. M. Como criar um blog no blogspot. **Revista Tecnologias na Educação**, ano 8, n./v. 15, Edição Temática TICs na Escola, 2016. Disponível em: <<http://tecedu.pro.br/wp-content/uploads/2016/08/Texto3-Como-criar-um-blog-no-Blogspot.pdf>>. Acesso em: 2 abr. 2019.

**ANEXO A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS COM O PÚBLICO DO ENTORNO DOS ESTABELECIMENTOS HOTELEIROS, SANTA MARIA, RS**

\_\_\_\_\_ Caso específico: ex-ferroviários

Idade: \_\_\_\_\_

Ano de aposentadoria: \_\_\_\_\_

Idade que começou a trabalhar na Viação Férrea: \_\_\_\_\_

Setor que trabalhava: \_\_\_\_\_

Lembra de hotéis que serviam os passageiros que se deslocavam a Santa Maria? Descrição: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Qual o público que utilizava estes hotéis? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Como o sr. encara o encerramento das atividades da ferrovia?

\_\_\_\_\_

Qual o sentimento que o sr. tem por este patrimônio abandonado? O que fazer na sua opinião?

\_\_\_\_\_

Houve uma ruptura o fechamento da ferrovia e dos hotéis com o crescimento da cidade, principalmente na região norte da cidade?